



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**DIEGO BATISTA DE MORAIS**

**O JOGO NA ARQUIBANCADA: O *SETOR ALVINEGRO* E AS  
*PERFORMANCES* DO TORCER NO CONTEXTO DO FUTEBOL  
ESPETACULARIZADO**

**FORTALEZA**  
**2015**

DIEGO BATISTA DE MORAIS

O JOGO NA ARQUIBANCADA: O *SETOR ALVINEGRO* E AS *PERFORMANCES*  
DO TORCER NO CONTEXTO DO FUTEBOL ESPETACULARIZADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

**FORTALEZA**  
**2015**

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

M825 Morais, Diego Batista de.

O jogo na arquibancada: O Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do Futebol Espectacularizado / Diego Batista de Morais. - 2015.  
123 p.: il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Sociologia

Orientação: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes

1. Futebol - Torcedores. 2. Torcedores - Brasil. 3. Futebol - Aspectos Sociais. 4. Classificações e nomeações entre torcidas. 5. Performances de torcidas. 6. Sociologia do Esporte. I. Título

CDD 796.3340981

---

**DIEGO BATISTA DE MORAIS**

**O JOGO NA ARQUIBANCADA: O SETOR ALVINEGRO E AS  
PERFORMANCES DO TORCER NO CONTEXTO DO FUTEBOL  
ESPETACULARIZADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Leonardo Damasceno de Sá  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Radamés de Mesquita Rogério  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

A Deus.

E aos deuses do futebol.

## AGRADECIMENTOS

À Kellyanne, minha companheira, amiga, amada, mulher. Pelo apoio, carinho, abraços e dedicação em todos os momentos. Foi com ela que aprendi a ter foco e determinação. Sem esse amor recíproco, nenhuma página poderia aqui ser escrita. E é com essa mulher que divido cada conquista em minha vida.

Aos meus pais, Neide e Moraes, pelo esforço de lutarem sempre pela minha educação e felicidade.

Ao meu irmão, Kris, e minha irmã, Renata, juntamente com meu cunhado, Fernando, e minha cunhada Ana Paula, que são partes importantes do meu lar.

Às minhas sobrinhas, Ana Beatriz, Ana Júlia e Valentina, por me trazerem sempre alegria e sorrisos.

À professora Glória Diógenes, minha orientadora, pela parceria, carinho e paciência de dividir esse trabalho.

Ao professor Leonardo Sá, sempre fonte de inspiração para esta e futuras pesquisas.

Ao professor Radamés Mesquita, colega muito querido e com o qual dividi muitos debates sobre futebol, esportes e as Ciências Sociais.

A todos os colegas com os quais eu convivi no Setor Alvinegro e nas arquibancadas em jogos de futebol.

Aos companheiros que ingressaram comigo no Mestrado em Sociologia, Alexandra, Benjamin, Marcelle, Juliana, Lívia, Iris, Ismênia, Josi, Régis, Márcio, Tiago, Leonardo, Léo David, Rafael e Ronaldo, pelos ótimos debates e aprendizados riquíssimos em sala de aula.

Aos colegas da Sociedade de Estudos em Esporte, grupo de pesquisa coordenado pelo professor Domingos Sávio Abreu, em especial os colegas com os quais tive mais contato, Artur, Ricardo, Mário, Joaquim, Caio e Marcelo, sempre ajudando a refletir sobre nosso campo de atuação.

Aos professores que passaram pelo meu caminho e foram grandes influenciadores do meu trabalho durante o Mestrado, Irllys Barreira, Geísa Mattos, George Paulino, Alba Carvalho, Andréa Borges Leão e André Haguette.

Aos professores da Biblioteconomia, Virgínia Bentes e Jefferson Veras, pelo carinho e disponibilidade antes e durante todo o processo de pesquisa.

Aos amigos que, em algum momento, me deram forças para iniciar e continuar esta jornada pessoal e profissional, Marcella Rodrigues, Fábio Pizzato, Diego Lage, Mario Kempes, Ícaro Joathan, Ilo Aguiar Gabriela Alves, Layla Vasconcelos, Luís Davi e Roberto Leite.

Aos amigos que fiz ou revi em Sobral, Robson Braga, Liliane Luz, Emanuel Pedro, Tito Barros Leal, Adilson Nóbrega, Paulo Passos, Gisleuda Gabriel, Felipe Franklin, Beto Skeff, Joyciane Coelho e Alex Costa.

Aos amigos mestres e sociólogos que muito me ajudaram, Gleison Maia e Héliida Lopes.

Aos colegas do Sopro de Vida e Ministério Voz e Vida, lugares de músicas e bênçãos nos quais sempre pude orar, cantar e louvar.

À CAPES, que proporcionou financeiramente a execução da minha pesquisa.

E ao futebol, por ser excitante, empolgante, apaixonante e fonte inesgotável de conhecimento das relações sociais.

“Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender.”  
(Hannah Arendt)

## RESUMO

Este trabalho investiga como se estabelecem as nomeações entre torcidas e torcedores e que implicações podem ser percebidas nas *performances* deles no contexto do futebol espetacularizado. Aqui, é entendido que há um jogo ocorrendo nas arquibancadas de futebol, no qual as *performances* de torcedores e torcidas são comunicadas ao público presente, mas também transmitidas a um número indefinido de pessoas que assistem, por exemplo, pela televisão. Esse jogo é um fenômeno cultural (se mantém mesmo após finalizado) e atua paralelo ao que é disputado em campo (a partida de futebol em si), contendo elementos agonísticos semelhantes. As disputas circulam geralmente em torno das diversas maneiras de estar no jogo. Essas diferenças se expressam nas formas como torcem, cantam, vibram, o que usam no estádio, os lugares que escolhem para assistir às partidas de futebol, dentre outros modos. Essa pesquisa tem caráter antropológico, utilizando-se principalmente de observação participante e entrevistas em profundidade com membros de uma torcida do Ceará Sporting Club chamada Setor Alvinegro. Essa torcida se nomeia como “torcida de alento”, uma barra brava ressignificada a partir da condução de um outro *habitus* torcedor, em oposição a um modelo entendido por eles como “tradicional”. A abordagem do jogo ocorre nas interações face a face, geralmente nos estádios, com base numa perspectiva fenomenológica, a partir de Schutz, e com o interacionismo, a partir das influências de Simmel e Goffman. Nesse jogo, as várias torcidas (aqui entendidas como equipes) estabelecem condutas (“ideologias”) a serem performadas durante as interações, o que cria condições de disputas por reconhecimento, espaços e poder. No ínterim dessas disputas e tentativas de nomeações, há uma moral torcedora latente, como fio condutor que permite também o acontecimento de uma competição em torno da universalização de um modo de participar do jogo, como se houvesse uma “verdadeira” maneira de demonstrar sua paixão clubística.

**Palavras-chaves:** Futebol-Torcedores. Torcedores-Brasil. Futebol-Aspectos Sociais. Classificações e nomeações entre torcidas. Performances de torcidas. Sociologia do Esporte.

## ABSTRACT

This work investigates how to set appointments among supporters and fans and what implications can be seen in their performances in the context of spectacularized soccer. Here, it is understood that there is a game going on in the soccer bleachers, where the performances of fans and supporters are communicated to the audience, but also transmitted to an indefinite number of people watching, for example, on television. This game is a cultural phenomenon (is maintained even after processing) and acts parallel to what is played on the field (the soccer match itself), containing similar agonistic elements. Disputes usually circulate around the various ways of being in the game. These differences are expressed in the ways cheer, sing, vibrate, which use the stadium, the places they choose to attend soccer matches, among other ways. This research is anthropological, mainly using up of participant observation and interviews with members of a crowd of "Ceara Sporting Club" called "Setor Alvinegro". This crowd is named as "torcida de alento" a new meaning from the conduction another *habitus* to fans, as opposed to a model understood by them as traditional supporters. The approach of the game occurs in face to face interactions, usually in stages, based on a phenomenological perspective, from Schutz, and interactionism, from the influences of Simmel and Goffman. In this game, the various supporters (here understood as teams) lay pipelines (ideologies) to be performing during interactions, which creates conditions for disputes by recognition, space and power. In the meantime these disputes and attempts to appointments, there is a latent moral supporter, as thread that also allows the event of a competition around the universalization of a way of playing the game, as if there were a "real" way to demonstrate your passion for a soccer team.

**Keywords:** Soccer - Fans sports. Fans sports - Brazil. Soccer – Social aspects. Ratings and appointments among supporters. Performances of supporters. Sociology of sports.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Setor Alvinegro nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas .....	18
Quadro 1	– Os jogadores na matriz espetacularizada .....	41
Figura 2	– Camisa do Setor Alvinegro no movimento “antimisto” .....	44
Figura 3	– Início do Setor Alvinegro no Castelão.....	54
Figura 4	– Banner de divulgação do Setor Alvinegro nas redes sociais.....	58
Figura 5	– Membros do Setor com caras pintadas em preto e branco no Castelão	62
Figura 6	– Tirantes sendo colocados nas cadeiras inferiores do Castelão.....	63
Figura 7	– Setor Alvinegro e seus elementos de performance nas arquibancadas.	65
Figura 8	– Divisão do Estádio Castelão em Clássico-Rei.....	68
Figura 9	– Divisão do Estádio Castelão em partidas comuns.....	69
Figura 10	– Divisão do Presidente Vargas em Clássico-Rei.....	69
Figura 11	– Divisão do Presidente Vargas em partidas comuns.....	70
Figura 12	– Setor parece ter maior adesão de torcedores no PV.....	73
Figura 13	– Esquenta próximo ao PV. Movimentação na rua, entre as festas do Setor Alvinegro e da Ceará Chopp .....	75
Figura 14	– Camiseta e canecas que são comercializados pelo Setor com a marca “Estamos Bêbados” .....	76
Figura 15	– Esquenta reúne considerável número de pessoas antes de partida no Castelão .....	77
Figura 16	– Setor Alvinegro com a camisa “Estamos Bêbados” .....	91
Figura 17	– Mulheres ajudando na pintura dos trapos .....	94
Figura 18	– Troca de camisas entre Fogoró e Setor Alvinegro .....	96
Figura 19	– Dirigentes de Setor, Cearamor, Cangaceiros e Ceará Chopp .....	97

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO METODOLÓGICA E AFETIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1</b>	<b>Construindo uma hipótese .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2</b>	<b>Algumas considerações sobre jogo, performance e futebol espetacularizado .....</b>	<b>20</b>
<b>1.3</b>	<b>Atores coautores .....</b>	<b>26</b>
<b>2</b>	<b>O TORCEDOR, O SETOR, E O TORCEDOR NO SETOR .....</b>	<b>32</b>
<b>2.1</b>	<b>O Torcedor .....</b>	<b>33</b>
<i>2.1.1</i>	<i>Futebóis e Torcedores .....</i>	<i>38</i>
<i>2.1.2</i>	<i>Torcidas organizadas .....</i>	<i>46</i>
<i>2.1.3</i>	<i>Equipes .....</i>	<i>48</i>
<b>2.2</b>	<b>O SETOR .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3</b>	<b>O Torcedor no Setor .....</b>	<b>55</b>
<b>3</b>	<b>ESTÁDIO: A SEGUNDA CASA .....</b>	<b>59</b>
<b>3.1</b>	<b>Um lugar de sentimentos .....</b>	<b>61</b>
<b>3.2</b>	<b>Um lugar de comunicação .....</b>	<b>64</b>
<b>3.3</b>	<b>Um lugar de divisões .....</b>	<b>66</b>
<i>3.3.1</i>	<i>Do Castelão ao PV .....</i>	<i>70</i>
<b>3.4</b>	<b>Um lugar de festa .....</b>	<b>73</b>
<b>4</b>	<b>MÚSICAS: AMOR E TERROR .....</b>	<b>79</b>
<b>4.1</b>	<b>Cantar para quê? .....</b>	<b>80</b>
<b>4.2</b>	<b>Cantar para quem? .....</b>	<b>82</b>
<b>4.3</b>	<b>Cantar com quem? .....</b>	<b>85</b>
<b>5</b>	<b>JOGAR COM O OUTRO, CONTRA O OUTRO E PARA O OUTRO</b>	<b>88</b>
<b>5.1</b>	<b>Família Setor .....</b>	<b>89</b>
<i>5.1.1</i>	<i>“Queimou o filme” .....</i>	<i>91</i>
<i>5.1.2</i>	<i>As mulheres da Família .....</i>	<i>93</i>
<b>5.2</b>	<b>Aliança, amizade, respeito, política ou nenhuma das anteriores .....</b>	<b>95</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: OUTRO JOGADOR .....</b>	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIA .....</b>	<b>106</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>121</b>

## PREFÁCIO

Se fecho os olhos por um instante, posso escutar ao fundo as batidas do surdo, do repique, das palmas das mãos se encontrando uma na outra numa tentativa de criar uma harmonia rítmica. O tum-tum-tum-tum-tum é incessante. Os instrumentos de som não tocam pagode ou samba – gêneros musicais que tradicionalmente se utilizam deles. O ritmo é outro. Meio funk, meio axé, meio suingado, meio agitado. Penso que talvez dê para dançar. Se não juntos, com os corpos colados numa mesma pulsação, separados, com um corpo complementando a dança criada anteriormente pelo outro corpo. Penso que talvez nem se precise dançar. Quem sabe se deixar tomar. Talvez seja isso. A música te toma, te afeta, te carrega. Ela te diz algo. Ou melhor, ela grita algo. Há muitas vozes ao mesmo tempo. Gritando e tentando seguir o ritmo. Gritando. Para quem escutar?

Entre os cantos gritados, escuto algumas palavras que se referem a *amor, vício, vida, morte, festa*. Elas não são simplesmente proferidas. Parecem carregar uma intensidade que te desloca completamente como numa conexão mágica. Elas têm força. Elas são palavras vibradas. Não parece ser só falar em vida, mas viver o que se está falando, cantando, nem que seja até a morte da voz que não consegue mais ser projetada. Contudo, a festa não para. Ela emudece em certos momentos, mas para no instante seguinte retomar de algum ponto qualquer. Aparentemente, ela é desordem, desconexão, mas olhando mais de perto, uma determinada lógica se consegue – ou se tenta – enxergar. Mas para que lógica?

As batidas criam tensão. Elas estão em contato com os corpos que se espremem, se contraem, se expandem, se agitam. Muitos deles estão inquietos. Na angústia, na ânsia, na espera. Enquanto se anseia, se canta, se vive, se vibra. Os gritos muitas vezes se configuram em palavrões ou xingamentos: “Caralho!”. “Porra!”. “Puta que pariu!”. Mas talvez nesse tempo e espaço eles não sejam palavrões. Sejam muletas; vírgulas. Sejam as formas de interagir e de se “sentir parte” da ação que decorre, uma maneira de participar de algo, portanto, também de ser algo. De repente, uma grande excitação se transforma em gozo. O chão treme. O barulho é ensurdecedor. Algo explodiu?

À explosão, reajo abrindo os olhos. Agora vejo o que eu ouvia e sentia. Estou em um estádio de futebol. Gol. Momento máximo da festa. O instante é comemorado lá embaixo, no gramado, entre abraços de colegas do mesmo time. Mas aqui na arquibancada também tem abraços. Sobram braços entrelaçados. A impressão que tenho é que, se pudessem, todos cá dispostos desceriam lá para eles mesmos empurrar a bola para as redes e decretar o triunfo de uma vitória. Empunhando os membros superiores como se fossem armas. Entoando cânticos

como se fossem gritos de guerra. Quantas vezes fosse preciso. Esses gritos ecoam mais e mais. A música é embriagante e parece bem mais forte e uníssona. “Eu sou Ceará. Eu sou Ceará. Vozão me deixa doidão!”. Loucura. Êxtase. Liberdade. Prazer. Glória. Paixão. Tudo isso vira até beijo em quem não se conhece. O jogo que se vê no gramado reverbera na arquibancada. Ou seria o inverso?

# 1 INTRODUÇÃO METODOLÓGICA E AFETIVA<sup>1</sup>

## 1.1 Construindo uma hipótese

Entre dezembro de 2012 e dezembro de 2014 estive parte dos meus dias envolvido com futebol. Mais que o habitual. E talvez o que mais valha destacar: de um modo diferente. Diferente porque o futebol faz parte do meu cotidiano desde a minha infância, mas algo que ainda ocorria àquela época de modo tímido se tornaria mais tarde campo de conhecimento e descobertas. Na adolescência, não fui um frequentador assíduo de estádios, como meu irmão, por exemplo, que ia com primos e amigos torcer pelo *Ceará Sporting Club*<sup>2</sup>. Não tive uma “turminha” de torcedores. Minhas experiências como torcedor, nessa época (década de 1990) foram quase todas mediadas pela televisão. Se puxo pela memória, as primeiras imagens marcantes de futebol que tenho são do Palmeiras<sup>3</sup> bicampeão brasileiro (1993-1994), além do Brasil tetracampeão do Mundo (1994). Não obstante, passei a gostar do time paulista desde então e formatei a imagem do que é um craque a partir daquilo que via de mais interessante no jogo do atacante Romário<sup>4</sup>: o faro certo para o gol.

O *Ceará Sporting Club* entrou na minha vida posteriormente. Talvez pela influência na formação dos meus gostos pessoais que meu irmão mais velho exercia. Assim como ele colecionava discos e cds do Legião Urbana<sup>5</sup> – acabei por me tornar fã do grupo – também foi algo semelhante no futebol e nossa paixão clubística. Foi acompanhado dele que fui pela primeira vez a um estádio para ver um jogo de futebol: no Castelão<sup>6</sup>, em 1997.

---

<sup>1</sup> Título que remete à introdução feita por Alba Zaluar no livro “A Máquina e a Revolta”, 2ª edição, de 1994. Aqui utilizada como livre inspiração para pensar a minha relação metodológica e afetiva com o campo de estudo.

<sup>2</sup> Chamarei o time do Ceará Sporting Club apenas de Ceará, por vezes Vovô ou Alvinegro, alguns de seus apelidos. Caso precise destacar a diferença entre Ceará, o time, e Ceará, o estado, utilizarei o nome completo do time ou alguma outra estratégia estilística para evitar confusões ao leitor.

<sup>3</sup> Clube da Capital paulista, um dos mais tradicionais do futebol brasileiro.

<sup>4</sup> Romário foi o principal atacante da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994, quando o país conquistou o tetracampeonato mundial depois de 24 anos sem esse título. Naquela oportunidade, marcou cinco gols, e foi contemplado no mesmo ano com o prêmio de melhor jogador do mundo, segundo a FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado). O atacante aposentou-se do futebol em 2009, contabilizando, segundo ele, 1006 gols. Em 2010, concorreu ao cargo de deputado federal, pelo Rio de Janeiro, sendo eleito com a sexta melhor votação do estado. Em 2014, foi eleito senador também pelo estado do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Grupo brasileiro de rock, famoso principalmente nas décadas de 1980 e 1990. A banda tornou-se conhecida por músicas como *Será*, *Geração Coca-cola*, *Ainda é cedo*, *Tempo Perdido*, *Faroeste Caboclo*, *Pais e Filhos*, dentre outras. Ao todo, lançaram dezesseis álbuns e venderam mais de 20 milhões de cópias. O fim do grupo ocorreu em 1996 após a morte do vocalista e líder da banda, Renato Russo.

<sup>6</sup> O Estádio Plácido Aderaldo Castelo, o Castelão, fica localizado em bairro homônimo, na periferia de Fortaleza. O estádio foi inaugurado em novembro de 1973, numa partida sem gols entre Ceará e Fortaleza. Em 2002, o estádio foi remodelado, mas passou por novas transformações estruturais em 2012, em decorrência da disputa da Copa do Mundo de 2014, que ocorreu no Brasil. O Castelão foi sede de seis jogos no evento mundial, sendo dois deles da Seleção Brasileira. Atualmente, a capacidade do estádio é de pouco mais de 64 mil pessoas.

Muitas outras vezes eu voltaria ao Estádio Castelão. Não apenas como torcedor. Em 2003, fui aprovado no curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo – na Universidade Federal do Ceará (UFC). Já na minha formação como jornalista, enquanto alguns colegas detinham a predileção por áreas como política, cultura e cotidiano, eu era uma das poucas vozes que não escondia a vontade de trabalhar com jornalismo esportivo. Com alguns colegas, montei um programa para a Rádio Universitária FM, no qual, semanalmente, abordávamos assuntos diversos dentro da temática dos esportes, com destaque especial ao futebol e aos clubes locais.

O programa de rádio foi um pontapé inicial para estreitar o relacionamento entre mim e os esportes, que se seguiu durante a minha profissionalização. Trabalhei com jornalismo esportivo fazendo matérias, entrevistas e reportagens para televisão e também para internet, em pequenos e grandes veículos de comunicação. Mais precisamente, os últimos cinco anos (2007 – 2012) vinham sendo de intensos contatos com jogadores de futebol, torcedores, dirigentes, técnicos, além dos colegas da imprensa esportiva.

Ocorre que, quando me dispus – e fui aceito no Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela UFC – a realizar o trabalho que agora escrevo, várias mudanças tiveram que se processar na minha vida. Dentre as quais tive que deixar o emprego na redação de um grande portal de notícias nacional para me dedicar com afinco e exclusividade à pesquisa a qual eu propunha. A ideia inicial era imergir no mundo de uma torcida organizada e tentar compreender como se processavam as redes de relações (torcida-torcedores / torcida-torcida / torcida-time).

As informações que eu obtinha sobre torcidas organizadas, inicialmente, quase todas provinham dos meios de comunicação ou do convívio com torcedores, dirigentes de futebol, colegas de imprensa, fossem nas coberturas jornalísticas nos treinamentos nos clubes ou no próprio estádio durante as partidas. No entanto, essas eram apenas algumas das versões do que se poderia conhecer sobre as torcidas organizadas. E como eram versões, eram também narrativas a partir de observações, leituras ou análises, mas que não podiam conter nelas todas as motivações e intencionalidades dos atores observados. A maior parte dessas narrativas destacavam brigas nas arquibancadas ou no entorno dos estádios, sendo muitas vezes nomeadas por parte da imprensa como atos de vandalismo<sup>7</sup>, geralmente relacionando o

---

<sup>7</sup> Dediquei atenção ao tema no artigo intitulado *"Isso não é futebol, é barbárie": discursos performativos da mídia esportiva em torno do Atlético-PR x Vasco no Brasileirão de 2013*, apresentado no 2º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, realizado em São Paulo, entre os dias 13 e 16 de maio de 2014. O artigo retoma manchetes e comentários de jornais, sites e programas de televisão no Brasil após a última rodada do Campeonato Brasileiro da Série A de 2013. Na ocasião, duas torcidas organizadas de Vasco da Gama e Atlético

*habitus*<sup>8</sup> torcedor a essas práticas de violência e de desordem coletivas. Contudo, eu visava ir além de possíveis interpretações ou julgamentos apriorísticos, que talvez não conseguissem captar a dinâmica dessas torcidas.

Por frequentar estádios de futebol, algo que sempre me chamou atenção nesses espaços foram as músicas cantadas pelas torcidas organizadas e a forma como essas canções criam uma atmosfera peculiar à partida de futebol, uma espécie de *paisagem sonora*<sup>9</sup>. Creio que as músicas possuem determinadas características que as tornam significativas. Por meio delas, as torcidas de futebol comunicam muitos elementos para compreender o que ocorre no estádio. Por exemplo, após o gol, uma torcida pode cantar algo que indica que “é hora de comemorar”, pois seu time fez um gol. Deslocada para outro momento da partida, essa mesma música talvez se apresente como um ruído ou falha de comunicação, visto que ela é percebida com referência ao instante do gol. Assim como a ausência de músicas nas arquibancadas pode indicar uma tensão extra ou até mesmo o silêncio de uma derrota<sup>10</sup>.

---

Paranaense se confrontaram nas arquibancadas do estádio Arena Joiville, em Santa Catarina. As imagens foram transmitidas “ao vivo” por emissoras de televisão. Algumas fotos com cenas em que torcedores batiam em outros com barras de ferro ganharam notoriedade nos jornais impressos do dia seguinte. No jornal Gazeta do Povo, do Paraná, a manchete era “O futebol crucificado”, ligado a uma imagem de um jovem torcedor sendo resgatado em uma maca. A mesma imagem estampava a capa do Correio Braziliense, que tinha como manchete “Dia de vergonha no país da Copa”. Os termos “barbárie”, “selvageria” e “vandalismo” também foram observados em diversas manchetes.

<sup>8</sup> Elias (1997) entende o *habitus* como uma “segunda natureza” ou um “saber socialmente compartilhado”. O termo é bastante discutido na obra *Os Alemães*, na qual o *habitus* é traduzido ainda como atitudes e modos de expressar-se dos seres humanos, bem como “um princípio condutor da ação que, em certas situações, pode e deve sobrepor-se a todos os outros” (ELIAS, 1997, p.148). O termo foi bastante difundido também na obra de Bourdieu. Para o autor, o *habitus* é definido como um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita e explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim” (BOURDIEU, 1983, p. 94).

<sup>9</sup> Para Schafer (2011), pesquisar determinada paisagem sonora requer, em primeiro lugar, descobrir aspectos significativos do ambiente, “aqueles sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância” (SCHAFER, 2011, p. 25-26). Aqui já se encontra também o primeiro desafio do pesquisador, qual seja o de perceber sons significativos. Num estádio de futebol, deve-se atentar aos coros polifônicos, os materiais sonoros que se entrecruzam, entre harmonias e dissonâncias, e que criam um local que se comunica. O conceito explorado pelo canadense R. Murray Schafer (2011), desde os anos 1970, de um ambiente acústico como um campo de estudo tem como proposta entender essas paisagens como indicadores das condições sociais que o produzem. Assim, uma paisagem sonora pode ter muito a contar a respeito da cultura de uma sociedade, ou pelo menos dar pistas preciosas a pesquisadores mais atentos.

<sup>10</sup> Um dos episódios de silêncio mais conhecidos na história do futebol ocorreu após a final da Copa do Mundo de 1950. O episódio conhecido como *Maracanazo* marcou uma parte da história do futebol brasileiro. A vitória do Uruguai por 2 a 1, de virada sobre o Brasil, silenciou o estádio Maracanã e aquilo que parecia uma festa antecipada. O cronista esportivo Armando Nogueira descreveu assim o momento “fúnebre”: “O povo descendo a rampa, em silêncio, parecia um imenso cortejo fúnebre. Parecia, não – era mesmo. Tínhamos acabado de enterrar a soberba nacional. Perdemos um título ganho, da boca pra fora, na véspera”. Essa crônica está disponível em: <http://revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/silencio-no-maracana>

Em 2012, durante o Campeonato Cearense, a música mais cantada<sup>11</sup> ecoava do setor 11 das arquibancadas do Estádio Presidente Vargas<sup>12</sup>. Na trajetória vitoriosa do time do Ceará naquele ano, que culminou com a conquista do título estadual, a principal música dizia o seguinte:

*Muito mais que um vício  
Muito mais que amor  
É por você que eu vivo  
Meu glorioso Vovô  
Ôoooooooo<sup>13</sup> (4x)*

Numa música simples, de quatro estrofes, estavam expressas palavras que comunicam a intensidade da relação entre aqueles que cantam (torcedores) e o objeto para o qual cantam (Ceará). Ao falar, por exemplo, em *vício*, temos aí uma pista que pode indicar uma situação de dependência entre um e outro, talvez até reciprocamente. Além da canção, uma série de artefatos materiais me chamava atenção ao observar de longe aquele setor das arquibancadas. Bandeirolas, tirantes e trapos<sup>14</sup>, acompanhados de aproximadamente uma centena de pessoas pulando e cantando quase que ininterruptamente. Visualmente, eles eram bem perceptíveis nas arquibancadas, pois esses adornos não eram muito comuns de se ver nas torcidas do Ceará, que tradicionalmente carregam faixas ou bandeirões, como se pode constatar na Figura 1.

---

<sup>11</sup> Pude ter essa percepção quantitativa por acompanhar aquele campeonato de perto, pois realizava cobertura para o portal de esportes da Globo.com no estado do Ceará.

<sup>12</sup> O Estádio Presidente Vargas, também comumente chamado de PV, fica no bairro do Benfica, bairro bastante residencial e que concentra também campus de algumas universidades, como o do Instituto Federal de Educação do Ceará (Ifce) e da Universidade Federal do Ceará (UFC). O Presidente Vargas foi inaugurado em 14 de setembro de 1941, com música, coreografias e exibições de esgrima. Uma partida de futebol só foi disputada mesmo uma semana depois, quando o Ferroviário derrotou a equipe do Tramways, de Pernambuco, por 1 a 0. Em 2008, o estádio foi fechado devido a desgastes na estrutura física. Após três anos de reformas e modernização, o estádio foi entregue, em 8 de maio de 2011, na vitória do Ceará sobre o Guarani de Juazeiro por 5 a 0, o que garantiu o título de campeão estadual ao Vovô naquele ano. Atualmente, o PV tem capacidade para pouco mais de 20 mil espectadores.

<sup>13</sup> Paródia da música “The White stripes”, da banda Seven Nation Army. As músicas serão devidamente exploradas no Capítulo 3 – Músicas: amor e terror.

<sup>14</sup> Bandeirolas são pequenas bandeiras, com hastes de bambus ou de plástico, carregadas de forma individual, medindo geralmente de 50 centímetros a 1 metro. Tirantes são panos, geralmente nas cores do clube, que são amarrados da parte mais alta para a parte mais baixa da arquibancada de forma a atravessar o lance de cadeiras de cima a baixo. Trapos são pedaços de panos, geralmente em formatos retangulares, de três a quatro metros quadrados, com frases de apoio ao clube e que ficam pendurados nas arquibancadas.

Figura 1 – Setor Alvinegro nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014).

No setor 11 das arquibancadas do Estádio Presidente Vargas se encontrava uma torcida denominada Setor Alvinegro. Essa torcida havia sido formada em 2009, a partir da reunião de alguns colegas na antiga rede social *Orkut*<sup>15</sup>. Procurei mais sobre eles na internet e descobri que um amigo<sup>16</sup> meu fazia parte dela. Entrei em contato com ele ainda em 2012 e cheguei a fazer uma reportagem com a torcida<sup>17</sup> antes de um Clássico-Rei<sup>18</sup>. Ouvi deles que os membros do Setor Alvinegro queriam fazer “uma torcida diferente das outras”. Resolvi, então, investigar afinal do que se tratava essa diferença, de “quem” ou do “quê” buscavam ser diferentes e como essa tal diferença se operacionalizava. Conforme Becker (2010) sinaliza, estudar as pessoas, principalmente grupos tido comumente como “pouco importantes”, como os torcedores, suscita uma significativa questão de investigação: “saber como é que elas

<sup>15</sup> O *Orkut* era um rede social na internet, que funcionou entre janeiro de 2004 e setembro de 2014. Apesar de criada nos Estados Unidos, a rede social se tornou bastante popular no Brasil, concentrando pouco mais da metade dos usuários do mundo apenas entre brasileiros. Nesta rede social, muitas comunidades se formavam para discutir assuntos diversos, entre eles, o futebol. Era comum surgir comunidades sobre times, torcidas, torcedores. Foi a partir da comunidade do Ceará Sporting Club, que a ideia de formar o Setor Alvinegro pode ser debatida entre alguns usuários/torcedores. No início de 2012, o *Orkut* foi ultrapassada pelo *Facebook* em número de usuários no Brasil. A perda de popularidade fez com que a rede fosse desativada pelo Google – empresa criadora – em setembro de 2014. Para o Setor Alvinegro, as discussões, debates e comunicados também migraram para o *Facebook*, além de outras redes de comunicação, como os aplicativos de bate-papo em celulares.

<sup>16</sup> Este meu amigo acabaria se tornando um dos meus principais interlocutores durante a realização da pesquisa. Falarei mais sobre ele ainda nesta introdução.

<sup>17</sup> A reportagem intitulada “Antes do Clássico-Rei, alvinegros e tricolores fazem festa no PV” unia dois grupos de torcedores: membros do Setor Alvinegro, representando o Ceará, e membros dos Espartanos Tricolores, uma torcida representando o Fortaleza Esporte Clube. As duas torcidas apresentavam discursos semelhantes de não se considerar “torcidas organizadas”. A reportagem pode ser acessada no link: <http://globoesporte.globo.com/ce/futebol/campeonato-cearense/noticia/2012/05/antes-do-classico-rei-alvinegros-e-tricolores-fazem-festa-no-pv.html>

<sup>18</sup> Clássico-Rei é como é denominado o jogo no qual se enfrentam Ceará e Fortaleza. Estas são as duas maiores equipes do estado.

conseguem coordenar a sua atividade a fim de produzirem um resultado, qualquer que ele seja”<sup>19</sup> (BECKER, 2010, p.11).

No fim do ano de 2012, participei de uma reunião do Setor Alvinegro pela primeira vez. Tentei começar do zero<sup>20</sup> na minha “entrada em campo”. Procurei despir-me, desde este momento, do arquétipo jornalístico, com a intenção de não parecer alguém que estava ali apenas para reunir algumas informações deles e ir embora – por mais que o trabalho do repórter não seja reduzido a este. Nesse primeiro dia, apresentei-me sim como jornalista, mas ressaltai outros aspectos. Disse que estava ali fazendo uma pesquisa sobre o grupo para a universidade e que escreveria sobre eles. Prontamente, se mostraram dispostos a ajudar no que fosse necessário, apesar deles evocarem meus conhecimentos vivenciados nos bastidores das empresas de comunicação em alguns momentos<sup>21</sup>, o que quase sempre me colocava em uma situação de ambivalência, entre “ser” do Setor e ser alguém “de fora”.

Já na primeira reunião, a tal diferença foi ressaltada. O Setor havia, há poucos meses, decidido encerrar suas atuações nas arquibancadas após ter sido ameaçado pela Torcida Organizada Cearamor<sup>22</sup>. Um perfil no Facebook, com o nome de ‘Cearamor Oposição’ postou uma montagem que tinha a seguinte frase: “*Bando de viadim. Setor Alvinegro, cuidado que a TOC vai te esculachar, vai acabar igual à Fúria*”<sup>23</sup>. *Aguardem*”.

Na pauta da reunião, os membros do Setor planejavam um modo de voltar às arquibancadas em 2013, mesmo sob ameaças de uma torcida do mesmo time. Intriguei-me pelo fato de que vestir a camisa do mesmo clube, no caso o Ceará, não representava uma homogeneidade dos pensamentos e dos modos de agir de todos os que frequentavam as arquibancadas. Um primeiro olhar pode deixar passar despercebidas as divisões espaciais e as

---

<sup>19</sup> Becker entende que há ações partilhadas no mesmo grupo que formam a base de uma ação coletiva, o que o autor chama de *convencções* – modos partilhados de agir. Neste trabalho, utilizei a ideia de “maneiras” ou “formas” de agir ao referir-me aos diferentes modos de agir compartilhados pelos torcedores ou torcidas, aproximando-me mais do interacionismo proposto por Goffman.

<sup>20</sup> Para Wagner (2012), mesmo que o campo ou a língua estudada sejam familiares ao pesquisador, este tem, como pessoa, que “começar do zero” para que possa inventar a cultura estudada. Segundo o autor, a cultura inventada em campo pelo antropólogo é uma relação entre as experiências do pesquisador e dos atores no campo de estudo. É no choque entre essas experiências que o antropólogo pode dar visibilidade à cultura que ele está estudando. No entanto, “essa explicação somente se justifica se compreendemos a invenção como um processo que ocorre de forma objetiva, por meio de observação e aprendizado, e não como uma espécie de livre fantasia” (WAGNER, 2012, p. 43).

<sup>21</sup> Muitas vezes a minha opinião foi pedida como que uma consulta a um especialista. Por essa razão, não era muito incomum eles realizarem uma performance em um determinado local e algum deles me consultar: “E aí, o que foi que tu achou hoje?”. Ou quando criticavam a postura de algum jornalista ou comentarista esportivo esperavam que eu complementasse com alguma informação pessoal sobre o alvo da crítica – nem que fosse para eu dizer: “É, esse cara do qual você está falando não torce mesmo pelo Ceará.”

<sup>22</sup> A torcida Cearamor é a mais antiga torcida do Ceará Sporting Club que ainda está presente nos estádios. Foi fundada em 1982.

<sup>23</sup> Fúria Jovem é uma torcida organizada do Ceará que foi extinta. Havia vários membros dissidentes da Fúria que tinham saído da Cearamor.

diversas formas de se organizar em torno de uma partida de futebol. Porém, as pistas encontradas até o momento iam na direção dessas oposições.

Ser da Cearamor parecia diferente de ser do Setor Alvinegro. Tal qual ser de uma torcida organizada parecia diferente de ser um “torcedor comum”<sup>24</sup>. Essas diferenças se expressam nas formas como torcem, cantam, vibram, o que usam no estádio, os lugares que escolhem para assistir às partidas de futebol, dentre outros modos<sup>25</sup>. Esse cenário cria condições específicas de disputas em torno dessas classificações: as torcidas organizadas, os movimentos, os torcedores comuns. Desse modo, há um jogo paralelo ocorrendo nas arquibancadas de futebol e que é objeto de investigação nessa pesquisa. Afinal, como se estabelecem essas nomeações e que implicações podem ser percebidas nas *performances* desses torcedores e torcidas, no contexto do futebol espetacularizado?

## 1.2 Algumas considerações sobre jogo<sup>26</sup>, *performance* e futebol espetacularizado

Os primeiros contatos na pesquisa não foram muito difíceis. Como já frequentava estádios e tinha um amigo que fazia parte do Setor Alvinegro, me aproximar da torcida foi relativamente simples. O fato de torcer Ceará também foi um elemento que permitiu um estreitamento de laços efetivados de maneira mais rápida. Tínhamos, logo de partida, algo em comum em nossos mundos. No entanto, essa linha que nos conectava, também nos separava. Eu nunca havia frequentado torcidas organizadas. Assim, a minha percepção sobre o futebol

---

<sup>24</sup> A nomeação “torcedor comum” está presente no cotidiano dos torcedores, não apenas dos que participam do Setor Alvinegro. De modo geral, o torcedor comum é caracterizado por não fazer parte de nenhuma torcida organizada. Há outras características pelas quais os membros do Setor conseguem identificar e tipificar um “comum”, como o local de onde assistem aos jogos, a maneira como cantam, dentre outras. Abordarei melhor o assunto no Capítulo 1.

<sup>25</sup> Para Woodward (2012), a construção das identidades é tanto simbólica quanto social. A luta para se afirmar essas diferenças têm causas e consequências materiais. Por isso, nos estádios de futebol – mas não só neles – se pode observar como essas demarcações de diferenças “são vividas nas relações sociais”.

<sup>26</sup> É importante destacar que, ao abordar o jogo, aqui o trato principalmente a partir da visão de um “fenômeno cultural”, tal qual sugerido por Huizinga (2010). Mesmo quando o jogo chega ao fim, ele permanece como uma criação do espírito e é conservado através da memória dos participantes. Assim, “é transmitido, torna-se tradição” (HUIZINGA, 2010, p.13), acabando por criar uma comunidade de jogadores, que se estabelece por respeitar uma série de regras e que “conserva sua magia” para além das limitações de tempo e espaço do jogo em si. Tecer a teia desse jogo é levar em consideração as relações que se criam nele, a partir dele e que o fazem acontecer e permanecer. Tecer a teia desse jogo é perceber que ele não é homogêneo, e que de cada ponto dela segue uma linha, que não é necessariamente reta. Portanto, parto da ideia de que não há futebol, mas futebóis; bem como não há torcedor, mas torcedores. No pano de fundo, há o jogo, que se estabelece como fio condutor ao se conservar como este fenômeno cultural “mesmo depois de acabado”, pois há jogos em outros planos, que assumem outras territorialidades na cidade, nos bares, nas festas, nos ônibus e até mesmo dentro das casas.

poderia ser bem diferente da que eu encontraria nesse âmbito de atuação. Portanto, precisei organizar as ideias, teorias e pensamentos antes de imergir nesse primeiro campo<sup>27</sup>.

Um dos pontos fundantes para tentar compreender a busca por uma operacionalização da diferença entre duas torcidas organizadas poderia estar na própria dinâmica do jogo<sup>28</sup>. Como ritual disjuntivo<sup>29</sup>, o jogo pressupõe que haja pelo menos um adversário posto. Mais, que haja vencedores e derrotados. Essa dinâmica interacional funciona dentro de campo, por exemplo. No futebol, onze atletas de cada lado buscam incessantemente fazer com que um esférico ultrapasse a linha que fica sob as demarcações das traves. Ao ultrapassar essa linha, o grupo de atletas marca um escore, conhecido por “gol”. A quantidade de gols favoráveis a uma equipe, menos os gols desfavoráveis, determina a equipe vencedora.

A partida de futebol dura, em média, noventa minutos. Normalmente, a disputa ocorre em estádios e obedece a uma série de regras, formuladas por entidades ou instituições desportivas com funções reguladoras. Dependendo das estruturas financeiras das equipes e do campeonato em questão, o estádio pode oferecer espaços mais ou menos confortáveis para o público que acompanha a partida, bem como melhor ou pior palco (gramado, vestiários) para os atletas.

Uma dinâmica paralela se estabelece nas arquibancadas e se mantém como uma “atração à parte” para os diversos jogadores<sup>30</sup>. Os torcedores que acompanham seus times

---

<sup>27</sup> Para Strathern (2014), a prática etnográfica cria dois campos a serem administrados pelo pesquisador. Ao mesmo tempo em que tem que se relacionar com as práticas diárias e experiências vividas no contexto cotidiano dos atores, o pesquisador precisa recordar as condições teóricas sob as quais a pesquisa foi proposta e dar sentido em contextos e análises dirigidos a outro público. A escrita etnográfica, portanto, cria um segundo campo para o pesquisador.

<sup>28</sup> O jogo, para Simmel (2006), difere do puro divertimento por seu significado simbólico com os quais os objetos vão ganhando fluxo e desapegando-se de sua simples materialidade. É o que ocorre com diversos objetos pertencentes ao jogo, como camisas de times, bandeiras, escudos, mascotes, etc. De modo que, se uma torcida queima a bandeira do time rival, por exemplo, isso é interpretado como uma ofensa grave dentro do jogo, podendo gerar retaliações com violência física em contrapartida.

<sup>29</sup> A ideia de ritual disjuntivo advém da leitura de Damo (1998) e Toledo (1996) sobre Levi-Strauss, para quem o ritual possui um caráter conjuntivo, pois institui a união entre dos grupos que eram dissociados de início. Do contrário, o jogo é disjuntivo, pois a simetria pré-ordenada (como dois times que começam uma partida de futebol no placar de zero a zero e em semelhantes condições de disputa, sob as mesmas regras) ao final se distinguirão entre vencedores e perdedores. “A assimetria por sua vez é engendrada; decorre inevitavelmente da contingência dos acontecimentos, dependam eles da intenção, da sorte ou do talento” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.54).

<sup>30</sup> Simmel (2006) entende que “todas as formas de interação e sociação entre os seres humanos – como o desejo de superar o outro, a troca, a formação de partidos, o desejo de ganhar, as chances de encontro e separação casuais, a mudança entre oposição e cooperação, o engodo e a revanche –, tudo isso, na seriedade da realidade, está imbutido de conteúdos intencionais. No jogo esses elementos têm uma vida própria, são movidos exclusivamente pela sua própria atração. Mesmo quando o jogo gira em torno de dinheiro, este, que pode ser ganho de muitas outras maneiras, não é o que há de específico no jogo. As atrações, para o verdadeiro jogador, estão na dinâmica e no acaso daquelas próprias formas de atividades sociológicas. O jogo da sociedade tem um

estão também inseridos no jogo. Eles não colocam a bola para dentro do gol (não marcam scores contra ou a favor). Porém, há disputas em termos simbólicos, como o de reconhecimento, sugere Damo (2014, p.54):

Reconhecimento tem a ver com visibilidade, status, participação. Só possui reconhecimento no espectro mais amplo da vida social quem é notado e, sobretudo, respeitado pelos outros. Reconhecimento remete-nos a uma existência para além de um “eu” ou de um “nós”. Ser reconhecido é existir para alguém, para outros, existir nos outros, pouco importa se tal existência desperta sentimentos agradáveis ou não. Por tal singularidade, o termo reconhecimento é tão interessante para ser pensado a partir do esporte, visto que no espectro deste espaço o status de uma entidade é constantemente posto à prova através dos enfrentamento.

Esse reconhecimento<sup>31</sup> é materializado principalmente por meio de performances comunicadas durante os jogos de futebol. No caso do Setor Alvinegro, nos jogos do Ceará. Camisas, músicas, adereços, trapos, bandeirolas, instrumentos de percussão, ritmo das músicas: a cada um desses objetos é dado sentido dentro do jogo. Esse sentido ocorre na relação entre os participantes do jogo<sup>32</sup>. Estar ou não em posse de alguns desses objetos dentro do estádio pode fazer com que o ator seja classificado como um “torcedor comum”, um “pé-de-rádio”<sup>33</sup>, um “torcedor organizado”, dentre uma série de outras nomenclaturas as quais abordarei no primeiro capítulo.

Assim sendo, o espetáculo-futebol possibilita a explosão de uma profusão de signos, de referentes demarcadores da diversidade de segmentos sociais, recorrentemente, sombreados e ocultados no cenário urbano das grades metrópoles. O território-estádio passa a funcionar como um espaço condensado de práticas, manifestações, atitudes, gestos e performances, como uma maquete em movimento da cidade (DIÓGENES, 2003, p.47).

---

duplo sentido profundo, a saber: não somente joga na sociedade aquele que a mantém externamente, mas com ele ‘joga-se’ de fato ‘a sociedade’” (SIMMEL, 2006, p. 72).

<sup>31</sup> A hipótese de disputa por reconhecimento, status, lealdade, conflitos territoriais urbanos também está presente no trabalho de Ribeiro (2011), ao abordar as experiências de duas torcidas rivais, apesar de torcerem para o mesmo time: Cearamor e Movimento Organizado Força Independente (MOFI). Há aqui, no entanto, um olhar mais focado nas interações que ocorrem nas arquibancadas durante a partida, como mola propulsora da dinâmica do jogo e onde as performances comunicam as disputas simbólicas subjaz a essas rivalidades.

<sup>32</sup> Strathern (2014) chama atenção para como essas bandeirolas, trapos e outros adereços podem objetificar as relações entre os atores, “ao fazer as posições a partir das quais as pessoas percebem umas às outras, pois esses itens as separam” (STRATHERN, 2014, p.360). Desta forma, determinados itens que aparecem com constância nos estádios, como os citados anteriormente, reificam certas capacidades que se manifestam nas ações dos torcedores e os auxiliam nas tentativas de classificações no jogo.

<sup>33</sup> Classifica-se um torcedor como “Pé-de-rádio” aquele que geralmente não vai ao estádio de futebol. Do contrário, acompanha o time por algum meio de comunicação, normalmente o rádio. É comum, em discussões de torcedores, um chamar o outro de “pé-de-rádio” como uma forma de desqualificar o torcedor.

Essas nomenclaturas se apresentaram como as bases para pensar as diferenciações, demarcações, criadas a partir das relações do jogo<sup>34</sup>. Talvez fique mais perceptível na fala de um dos membros do Setor Alvinegro, que me relatou em entrevista: “Se não existisse a emoção da torcida organizada na arquibancada, o estádio não seria nada. Seria apenas um teatro, um cinema ou algo parecido”.

Há nessas palavras a tentativa de diferenciar aqueles que vão ao estádio, mas se comportam como num teatro, no qual assistem a uma peça, mas não atuam (são apenas plateia), e aqueles que se comportam como torcedores (são atuantes, praticamente encenando também a peça) e podem interferir na dinâmica do jogo. Essas atuações refletem o que Goffman (2012) chama de performance, um arranjo que transforma o indivíduo em ator cênico. Chamarei nesta dissertação de “performance” ações abertas<sup>35</sup>, encenadas com objetivo de comunicar uma conduta<sup>36</sup>. Torcedores se estabelecem como atores que podem ser observados e que provocam determinados comportamentos em outros indivíduos (atletas, outros torcedores, imprensa esportiva, dentre outros). Talvez por isso as performances realizadas nas arquibancadas por torcidas organizadas demandem tempo, ensaios, criatividade, jogo cênico, adereços e coreografias. Como sinalizou o membro do Setor Alvinegro, as torcidas organizadas emergem como as responsáveis pela emoção presente no estádio.

As diferentes performances dos torcedores chamarei de formas de “estar no jogo”. O “estar no jogo” dialoga com o que Goffman (2013, p.36) caracteriza como “maneira”, aqueles “estímulos que funcionam no momento da ação (do torcer) para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima”. Há diversas maneiras de estar no jogo (torcedores, atletas, instituições reguladoras, árbitros, comentaristas,

---

<sup>34</sup> Para Arendt (2009), as distinções vêm à tona no discurso e na ação. “Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa – como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo. No homem, a alteridade que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares” (ARENDR, 2009, p. 189).

<sup>35</sup> Ações abertas se dão no mundo da vida, proposto por Schutz (2012), um mundo de experiências intersubjetivas. As ações são baseadas em projetos preconcebidos, motivados, como no caso do “torcer”.

<sup>36</sup> Zumthor (2007) trabalha com a ideia de performance que ultrapassa a visão da dramaturgia, que liga a performance à constituição de uma forma. Para o autor, performance implica competência, “eu diria que ela é o saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta” (ZUMTHOR, 2007, p. 31). A performance comunica uma conduta. Assim, no caso do estudo com o Setor Alvinegro, há determinados comportamentos que são repetidos em diversos momentos, como o fato de dizer que não são torcidas organizadas, falar que são contra a violência, querer tocar nas arquibancadas suas próprias músicas, dentre outros. Essas repetições, segundo Zumthor (2007), não são características de uma redundância, mas de uma reiterabilidade da performance, que a constituem sem serem percebidos como tal.

repórteres, dirigentes, dentre outras), bem como diversas maneiras de se estabelecer vínculo com determinado clube (o torcer).

O jogo se constitui dessas interações que formam uma complexa rede de relações e interdependências. Simmel (2006) entende que essas interações são motivadas por determinados impulsos ou finalidades. No caso, falo do “torcer” como ação motivada. E é esse “torcer” que faz com que indivíduos (os mais diferentes e complexos possíveis) entrem em contato com outros numa relação de convívio, atuando “com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros” (SIMMEL, 2006, p.60). Portanto, há no “torcer” uma reciprocidade. Isso pode ser observado, por exemplo, durante uma partida de futebol, quando torcedores cantam e gesticulam ora em direção aos atletas no gramado, ora ao árbitro, ora a outros torcedores e adversários nas arquibancadas.

Há no jogo também uma temporalidade singular. Ele não começa nem se encerra no estádio de futebol, mas acompanha os torcedores em seus cotidianos – nas relações familiares, de trabalho, de amizade, de lazer. Ao conversar com uma torcedora durante minha pesquisa, por exemplo, ela disse que começou a se sentir torcedora quando percebeu que quase todos os seus amigos eram torcedores do Ceará. Essas temporalidades singulares posicionam também as estratégias de relações sociais desses atores, que por muitas vezes se aproximam mais de torcedores que possuam interesses semelhantes<sup>37</sup>.

O que parece ocorrer no caso das torcidas organizadas – e do Setor Alvinegro – é uma junção dos indivíduos que convergem para determinadas formas de estar e ser para e com os outros. Tentar entender a posição com a qual os membros do Setor Alvinegro se colocam no jogo é estar também atento ao que eles compreendem como ser um torcedor. Nas interações com outras torcidas organizadas, ou com outros participantes do jogo, elas podem e até tendem a concentrar esforços em encenar e mobilizar certas características que consideram significativas a fim de criar uma performance que comuniquem o que planejaram e ensaiaram anteriormente.

É a partir da interpretação simbólica, realizada de forma prática e intuitiva, que os atores tentam compreender os papéis que desempenham e que os outros agentes da interação também o fazem. O lugar onde a torcida organizada se coloca durante a partida de futebol, os adereços que carrega, a forma como canta ou participa, os xingamentos direcionados a certos

---

<sup>37</sup> Para Bourdieu (2011), o sentido da prática está totalmente ligado ao tempo. “Aquele que está engajado no jogo, tomado pelo jogo, ajusta-se não ao que vê, mas ao que *pré-vê*, ao que vê de antemão no presente diretamente percebido, passando a bola não para o ponto onde se encontra seu parceiro, mas para o ponto que este alcançará – antes do adversário – em um instante, antecipando as antecipações dos outros, ou seja, como na finta, que pretende frustrá-las, das antecipações de antecipações” (BOURDIEU, 2011, p.135).

jogadores, dentre outros aspectos: tudo isso acaba por se constituir como elementos ou marcas que auxiliam os atores no modo como projetam, organizam e constroem seu mundo social. Um mundo, segundo Schutz (2012), que não é apenas meu, mas experienciado, compartilhado e interpretado também por outros. Esse jogo de classificações é experienciado por todos os jogadores – ainda que possam ser em tempos e de modos diferentes.

É, pois, esse jogo social, encenado pelas torcidas, que será investigado nessa dissertação. Um jogo efetivado a partir de interações e performances, de ataques e defesas, de conquistas e garantias, de honra e estigmas, de um para com o outro. Nesse ínterim, as demarcações de identidade e diferença são buscadas e comunicadas – com especial destaque – durante as partidas de futebol, num contexto espetacularizado<sup>38</sup>. Nesse contexto, paralelas às exigências de certas performances dos atletas, como preparo físico e técnico para desempenhar suas funções em alto rendimento, há exigências de performances de torcedores e torcidas – seja em referências uns aos outros, seja em referência a determinados comportamentos esperados para com outros jogadores<sup>39</sup>. Nesse jogo simultâneo, as disputas e tensões sugerem não apenas tentativas de demarcações clubísticas (“*sou Ceará, em oposição a você que é Fortaleza*”), mas marcações sociais e simbólicas em torno do sentido que se dá às formas (ou estilos) de torcer, como que para legitimar uma *moral torcedora*.

A tentativa de estabelecer uma *moral torcedora* se dá nesse jogo, principalmente, nas críticas e acusações que torcidas e torcedores fazem entre si – uns sobre as ações dos outros. Nesse sentido, Werneck (2013) ressalta que

Uma perspectiva *compreensiva* como essa permite pensar que uma crítica é um procedimento segundo o qual se aponta a falta de sentido de uma ação. Essa falta de sentido se baseia na aposta de que, na determinada situação, o crítico imaginava que produzir sentido corresponderia a estar de acordo com determinado vocabulário de motivos, ou, em outras palavras, corresponderia a estar de acordo com uma moral (WERNECK, 2013, p.717).

---

<sup>38</sup> Sobre o futebol espetacularizado, abordarei mais no Capítulo 1, mas já adianto tratar-se de uma categoria trabalhada por Damo (2007). Segundo o autor, há diversas formas de praticar futebol, nem todas elas obedecendo às mesmas ordens e regras. Damo destaca quatro delas: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. De acordo com Damo (2007) a espetacularizada, aqui em discussão, se caracteriza por sua organização monopolista, globalizada e centralizada através da Fifa; por haver divisão social de trabalho dentro e fora do campo, bem como entre quem disputa a partida e quem assiste; além da exigência de excelência performática por parte dos atletas.

<sup>39</sup> Por exemplo, é comum numa partida de futebol transmitida pela televisão que as câmeras mostrem torcedores comemorando, festejando, durante um gol de seu time. Da mesma forma, se o time leva um gol ou está mal na partida, é comum que as câmeras foquem em torcedores que parecem dramatizar esse sentimento de tensão. Ou seja, as performances dos torcedores, bem como das torcidas, não ocorre em referência apenas aos que estão no estádio, mas também em referência a diversos públicos que acompanham a transmissão pela televisão.

Tal perspectiva põe assim em discussão aqueles que podem criticar os outros. Em tese, ser um jogador faz parte de um acordo simbólico na ordem do “estar disponível ao jogo”. As condições propostas nas arquibancadas colocam os diversos atores face a face e em situações também diversas, ainda que nem todos tenham as mesmas autorizações para *responsabilizar*<sup>40</sup> uma performance desviante do outro. Como sugere Foucault (1999), nem todos podem falar e agir como quiserem em qualquer tempo. Basta pensar, por exemplo, na ação de policiais durante uma partida de futebol. Se acontece uma confusão nas arquibancadas na qual duas torcidas entram em um confronto físico, pode ocorrer de policiais se aproximarem do local e entrar em conflito também eles com as duas torcidas. Nesse caso, enquanto a ação das torcidas pode ser interpretada por alguns como fora da ordem do jogo, a ação dos policiais pode ser legitimada como um dispositivo para buscar reordenar a encenação interrompida em algum ponto.

### 1.3 Atores coautores

A leitura e o aprofundamento em estudos e etnografias me fizeram optar por uma combinação entre dois métodos de pesquisa bastante difundidos e empregados nas Ciências Sociais e Antropologia: observação participante<sup>41</sup> e entrevistas qualitativas<sup>42</sup>, conforme as indicações de Beaud e Weber (2007, p. 95)

Você corre o risco de “ver” de esquelha; de “ouvir” mal, de “equivocar-se” sobre o sentido do que percebe. Mas não se dá conta de tudo isso. (...) É por isso que aconselhamos a testar suas observações através de entrevistas, quando pedirá a seus entrevistados do que se lembram de um fato ao qual assistiram juntos. É por isso também que desaconselhamos a observação “pura”, seu uso exclusivo.

---

<sup>40</sup> Para Werneck (2013), a responsabilização “é um recurso do *dever*”. Ela lança sobre o criticado uma lembrança com o compromisso, no caso do torcedor, do compromisso com o jogo. “A aposta da crítica, então, é que todos nós, diante de uma admoestação como ela, somos lembrados de nossa responsabilidade com o mundo ao sermos responsabilizados pela falta de sentido do que aconteceu e pelo próprio acontecimento em si: fomos nós que o causamos, logo somos nós que devemos dar-lhe sentido” (WERNECK, 2013, p.717).

<sup>41</sup> De acordo com Beaud e Weber (2007), a observação etnográfica está alicerçada no entrelaçamento de três técnicas: perceber, memorizar e anotar.

<sup>42</sup> Aqui, me refiro a entrevistas semiestruturadas e individuais (entrevistas em profundidade). Conforme Gaskell (2005, p.65), “o emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”.

Essa pesquisa tem orientação antropológica. Mas, ao contrário de Malinowski<sup>43</sup>, não entrei em um terreno completamente desconhecido, como já expliquei anteriormente. Porém, nem mesmo esse pretense conhecimento prévio poderia antecipar as ações que observaria no Setor Alvinegro. Seria impossível também prever as interpretações das relações sociais que encontraria, tampouco os significados atribuídos pelos torcedores. É o que Strathern (2014, p. 353) entende como “deslumbramento” no campo:

Não saber o que se vai descobrir é, evidentemente, uma verdade da descoberta. Mas tampouco se sabe o que em retrospecto vai se mostrar significativo, pelo fato de que a significância é adquirida na escrita posterior, na composição da etnografia como uma descrição feita depois do evento.

Desta forma, a escrita é parte fundamental do trabalho etnográfico. Conforme Geertz (2009, p.11), uma etnografia deve ser entendida como “uma espécie de escrita, um colocar as coisas no papel”<sup>44</sup>. Cada nova linha digitada se transforma em processo de conhecimento<sup>45</sup>. E os sentidos atribuídos pelos torcedores (jogadores) constituem a matéria-prima desse trabalho de pesquisa.

O entendimento do jogo aqui abordado também passa pela forma como o corpo e o cotidiano dos indivíduos são inscritos por elementos morais, conforme é discutido por Wacquant (2002). Ao tentar “aprender pelo corpo” como a ordem social se “inscreve nele” num “confronto permanente”, o autor propôs uma “imersão iniciática”, uma “conversão moral e sensual”, desde que teoricamente instrumentada, para permitir ao pesquisador “apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação

---

<sup>43</sup> Ao estudar o Kula, um sistema de comércio de fundamental importância para a vida de tribos em trechos das costas norte e sul da Nova Guiné, Malinowski (1986) traçou um projeto metodológico para a entrada e permanência do etnógrafo em campo: “em primeiro lugar, é lógico, o estudioso deve ter objetivos verdadeiramente científicos e conhecer os valores e critérios da moderna etnografia. Em segundo lugar, deve criar condições adequadas para o trabalho, o que significa, principalmente, viver realmente entre os nativos, longe dos outros brancos. Finalmente, deve aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de dados” (MALINOWSKI, 1986, p.29).

<sup>44</sup> Geertz (2009) afirmou em *Obras e Vidas*: o antropólogo como autor que uma das maiores dificuldades do etnógrafo é fazer com que o leitor, ao entrar em contato com a obra, tenha a certeza de que o autor “esteve lá” realizando sua pesquisa, e que aquelas informações percebidas e colocadas em texto, imagens, são semelhantes ao que esse mesmo leitor faria se houvesse estado lá. Nesse sentido, complementarmente Cardoso de Oliveira (2006, p.25), “é, seguramente, no ato de escrever, portanto na configuração final do produto desse trabalho, que a questão do conhecimento torna-se tanto ou mais crítica”. Tanto Cardoso de Oliveira (2006) como Geertz (2009) estavam preocupados com a mesma dimensão de produção do conhecimento, numa alusão à escrita autoral como parte fundamental do processo etnográfico de pesquisa, de um “não fugir ao ônus da autoria, por mais pesado que ele tenha se tornado”, diria o último.

<sup>45</sup> Essa escrita deve trazer consigo um caráter de “descrição densa”, nas palavras de Geertz (2012), para aguçar a sensibilidade de nossos sentidos, em meio a esquemas de produção, percepção e interpretação que encontramos no campo. Pois, “O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem de, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2012, p. 7).

cotidiana aqueles que o habitam” (WACQUANT, 2002, p. 12). Wacquant fez essa experiência etnográfica em um clube de boxe de um gueto negro em Chicago para entender não apenas a lógica do pugilismo como esporte, mas a vida que decorre de uma configuração.

Ao entrar na fábrica do boxeador, elucidando a coordenação desses três elementos, o corpo, a consciência individual e a coletividade que o talham e fazem-no vibrar a cada dia, é a própria vida, é todo o homem que descobrimos. E que descobrimos em nós (WACQUANT, 2002, p. 16).

Para tanto, Wacquant treinou a luta de boxe e socou os aparelhos ao lado de atletas anônimos. Segui essas pistas metodológicas, complementadas pela ideia de Elias (2005) sobre a sociologia, pela qual “temos que nos distanciar de nós mesmos. Temos que nos considerar seres humanos entre os outros. Na verdade (...), a sociedade é formada por nós e pelos outros” (ELIAS, 2005, p. 13). Ou seja, o pesquisador também é parte da pesquisa, da cena, da construção discursiva, dos rituais, das interações e relações. Assim, estive em campo com eles, participando do jogo, num trabalho sistemático de detecção (ver, ouvir) e registro (escrever) que não seria possível sem esse adensamento na aproximação pesquisador-torcedores, ou mesmo na minha conversão em torcedor membro do Setor Alvinegro. Outrossim, como acrescentaria Zaluar (1997), não haveria uma “batalha do entendimento” sem que a própria posição do observador se pusesse em questão.

Ao fim e ao cabo, escrever essa pesquisa só foi possível a partir das respostas, histórias, ações e comentários dos membros do Setor Alvinegro com os quais eu convivi durante dois anos<sup>46</sup> e com os quais obtive conversas informais a cada novo contato. Na reta final da pesquisa (entre os meses de novembro e dezembro de 2014), realizei cinco entrevistas qualitativas em profundidade<sup>47</sup> com cinco deles – todos entre 20 e 30 anos – para tentar compreender mais profundamente as motivações e significados das interações e performances observadas e devidamente registradas em campo. Apenas um dos cinco me pediu para que sua identidade não fosse revelada. Desta forma, optei em não revelar a identidade de nenhum deles. Mas para dar melhor fluência à narrativa – e dada a importância de tê-los durante todo o texto – criei nomes fictícios, mantendo as características pessoais de cada um.

---

<sup>46</sup> É importante acrescentar que utilizei também consulta esporádica a publicações em jornais, sites, colunas, blogs, televisão, debates esportivos, dentre outros, pois, como leitor e telespectador assíduo, tais fontes de informação estão inseridas no meu cotidiano.

<sup>47</sup> Para Gaskell (2005, p.73), “toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são os meios principais de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas”.

**André** foi com quem eu tive mais contato. Era o único que eu já conhecia bem antes de iniciar a pesquisa. Foi ele quem me apresentou ao Setor Alvinegro e fez a ponte junto ao restante dos membros. André tem 30 anos, formação de Ensino Médio e trabalha como consultor mecânico. Quando comecei a frequentar a torcida, ele era vice-presidente. Depois se tornou presidente, mas voltou a ser vice quando Ygor retornou à presidência. Nas arquibancadas, observei que ele era um dos que mais cantava e gritava durante os jogos, geralmente terminando a partida sem voz. André já havia participado de outra torcida organizada, a extinta Fúria Jovem.

**Ygor**, de 26 anos, é o presidente do Setor Alvinegro. Ele é formado em Educação Física, mas exerce a profissão de mecânico. Durante alguns meses, se afastou da presidência da torcida, por alguns problemas financeiros, mas retornou em 2014. Ygor fez parte da Torcida Organizada Cearamor durante parte da década passada, mas optou por entrar no Setor Alvinegro, onde, segundo ele, podia dar uma maior contribuição ao adquirir responsabilidades de dirigente.

**Ricardo** também é educador físico e exerce a profissão. Ele era um dos responsáveis pela bateria. Geralmente, era um dos que tocavam um dos instrumentos de percussão durante as partidas. Ricardo tem 27 anos e foi um dos membros que eu percebi com maior atividade no Setor Alvinegro, presente às reuniões e arquibancadas com bastante frequência.

**Lara**, de 22 anos, havia acabado de se formar em Publicidade e Propaganda quando a entrevistei. Percebi sua presença, principalmente, no ano de 2014, quando ela desenvolvia seu trabalho de monografia<sup>48</sup> sobre o Setor Alvinegro. A entrevista com ela foi a mais longa entre as que realizei e possibilitou a visão de um membro feminino acerca do futebol, estádio e do Setor Alvinegro.

O quinto entrevistado (não necessariamente nesta ordem) foi **Silvio**. O estudante de Engenharia Mecânica, de 25 anos, era um dos membros mais assíduos do Setor Alvinegro durante minha permanência em campo. Silvio era também membro da diretoria da torcida. Antes do Setor Alvinegro, ele ia frequentemente ao estádio com pessoas de outras torcidas organizadas, as quais ele caracteriza como “vândalos”.

A negociação das entrevistas ocorreu também sem maiores transtornos. Geralmente, me aproximava pessoalmente durante uma reunião do Setor Alvinegro ou no

---

<sup>48</sup> O trabalho de Lara investigou o agendamento da mídia pautando a discussão em torno dos torcedores mistos (aqueles que torcem por um time de sua região e outro “de fora”, geralmente time do eixo Rio-São Paulo) e a forma como o Setor Alvinegro interagia com algumas dessas informações. Para ver mais sobre torcedores mistos, ver Vasconcelos (2011). Também abordarei um pouco sobre o assunto no Capítulo 1.

estádio, perguntava sobre a disponibilidade para uma conversa, explicava o tempo que precisava ser reservado para tal, e depois acertava os detalhes de local e horário pelo Facebook. Nenhuma delas, por exemplo, teve de ser desmarcada. Com cada um deles conversei entre 25 minutos e uma hora e meia para as gravações sistemáticas. Ao todo, são cerca de três horas de gravações de entrevistas. A isso, somam-se os minutos e horas de outras conversas que tivemos durante toda minha permanência em campo, mas que foram registradas somente em minhas anotações.

André e Ygor foram entrevistados em suas respectivas casas. A conversa com Lara foi na área comum de seu condomínio. Já com Ricardo e Silvio, aconteceram em locais abertos ao público. O primeiro, em um shopping de Fortaleza; o segundo, em um restaurante num bairro próximo à minha residência.

Os entrevistados ou são parte da diretoria do Setor Alvinegro, como no caso de Ygor, André e Silvio, ou são colaboradores e participantes assíduos nas arquibancadas, como são Ricardo e Lara. Outros membros<sup>49</sup> foram ouvidos durante a permanência em campo. Mas o perfil deles me pareceu bastante semelhante aos dos dirigentes e colaboradores. Geralmente, estudantes universitários ou pessoas com formação de Ensino Superior ou que já estavam no mercado de trabalho. As falas e opiniões de outros membros muitas vezes convergiram com as dos principais diretores, mas, às vezes, também destoaram. Parte delas está exposta ao longo do texto, quando for significativa para a compreensão do que está em discussão.

Assim, estabeleci as divisões e ordens dos capítulos da dissertação. O capítulo 1 – *O torcedor, o Setor, e o torcedor no Setor* – discute a perspectiva do pertencimento clubístico abordada por Damo (1998; 2007) e Toledo (1996) para tentar compreender o engajamento do torcedor com o jogo, tornada relação com o outro por meio de uma disposição de torcer por seu time. Assim, equipes de torcedores se formam com camisas, mas também objetivos, “em comum”. As chamadas torcidas organizadas realizam performances diversificadas, principalmente, nos estádios de futebol. Nesse contexto, o Setor Alvinegro se organiza em relação a outras torcidas e também usa uma série de elementos cênicos (bandeirolas, vestuários, instrumentos musicais) numa tentativa de demarcação de identidade e diferença.

O capítulo seguinte – *Estádio: a segunda casa* – apresenta o estádio sob a perspectiva dos membros do Setor. Notadamente experimentado por eles como um “lar”, o

---

<sup>49</sup> Percebi durante a pesquisa que o número de pessoas que frequentava reuniões e tomavam decisões era diminuto, cerca de seis a dez torcedores. Nas arquibancadas, geralmente esse número crescia um pouco, variando de vinte a duzentos torcedores, num levantamento informal. É significativo dizer que a grande maioria desses outros torcedores muitas vezes participavam de forma esporádica dessas ações durante as partidas de futebol. Abordarei mais sobre o assunto na dissertação sempre que parecer pertinente às discussões.

estádio é também o principal espaço de ação das torcidas organizadas. Tomarei como destaque, a partir das falas e construções simbólicas dos membros do Setor, o estádio como um lugar de jogos de sentimentos, de disputas de espaço e de honra, de construção de identidades e pertenças, além de espaço de excitação coletiva.

No terceiro capítulo – *Músicas: amor e terror* –, tomo as músicas para tentar descrever uma das formas mais significativas do torcer: o cantar. Por meio das criações e execuções de músicas, o Setor tenta se posicionar no jogo. As letras, a forma como se canta e até mesmo para quem se canta são alguns dos modos como os membros do Setor conseguem não somente interagir no jogo, mas também de identificar os outros jogadores e as próximas jogadas de cada um.

Descritos o que está em jogo (a forma de torcer), o lugar da ação (o estádio) e a ação a ser executada (performances e músicas), há um modo de sair vitorioso desse jogo? E mais: o que é vencer nesse jogo? O capítulo 4 – *Jogar com o outro, contra o outro e para o outro* – trabalha duas ideias centrais para os membros do Setor Alvinegro: a de “família” e “aliança”. No jogo jogado nas arquibancadas, ter familiares e/ou aliados pode constituir vitórias e derrotas. Ademais, a partir desse conhecimento prévio, o Setor Alvinegro pode estabelecer mecanismos de defesa e ataque no jogo.

Durante todo o processo de escrita, revisei minhas anotações, meus áudios e minhas lembranças. As visitas e permanências em campo ocorreram em torno de vinte e cinco vezes nesses dois anos – entre idas aos estádios em dias de partidas do Ceará, locais de reuniões e entrevistas. Além delas, acompanhei as postagens dos membros em grupos na internet e em bate-papos. Foram esse tempo e esses elementos que me auxiliaram a formatar o trabalho final que aqui segue, numa tentativa de descrever, de tornar compreensível a minha escrita, o que também é ação nesse jogo.

## 2 O TORCEDOR, O SETOR, E O TORCEDOR NO SETOR

*“Quando eu não vou para o estádio, quando eu não grito é como se eu não estivesse ajudando no resultado. A gente que é torcedor, a gente acha que gritando, cantando, a gente faz parte do resultado”.*  
**(André)**

*“O Setor é uma torcida organizada, mas não é uma torcida organizada. A gente se organiza, se junta, mas não existe a badernagem”.*  
**(Ricardo)**

*“Uma torcida organizada é o algo a mais na arquibancada. Porque se existisse só o torcedor comum, eu acredito que seria um teatro. O futebol seria como um teatro, com todo mundo sentado e só assistindo ao jogo. Porque, na verdade, o que leva você pras arquibancadas, além de você ver seus amigos, é você sentir a emoção do jogo. Então se não existisse a emoção da torcida organizada na arquibancada, o estádio não seria nada. Seria apenas um teatro, um cinema ou algo parecido”.* **(Ygor)**

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado a tentar compreender a ação proposta, motivada – o torcer –, bem como a experiência de sentidos dos atores envolvidos – os torcedores. Em especial, dou voz aos membros do Setor Alvinegro, para os quais o torcer ganha conotações específicas, com objetivos aparentemente em comum, o que eles chamam rotineiramente de “ideologia”.

Antes, porém, de chegar a essa “ideologia”, discuto o contexto da relação de engajamento clubístico no futebol espetacularizado, também abordado por Damo (1998, 2007). As torcidas organizadas, seus itinerários e as maneiras como experimentam o jogo são também objetos de interesse nos trabalhos de Toledo (1996), Diógenes (2003), Ribeiro (2011) e Vasconcelos (2011). Aqui, essas pesquisas enriquecem o debate em torno das práticas do torcer e do sentido que se dá ao jogo.

O Setor Alvinegro se organiza em performances que ocorrem antes, depois, mas principalmente durante os jogos do Ceará. Apresentarei mais detalhadamente o campo de

pesquisa, o Setor e os sujeitos da pesquisa: os torcedores no Setor, com as caracterizações descritas por eles e a partir das observações realizadas. É, pois, a partir da exposição e caracterização desse cenário que entraremos em contato com as diversas nomeações e classificações de torcedores e torcidas.

## 2.1 O Torcedor

Anatol H. Rosenfeld, crítico alemão e radicado no Brasil, escreveu para o público de seu país, em meados dos anos de 1950, tentando explicar a relação de alguns elementos da cultura brasileira e o povo local. Entre os diversos ensaios socioantropológicos, Rosenfeld elaborou um que envolvia o futebol brasileiro e os torcedores. Neste ensaio, o crítico fazia a seguinte alusão ao “torcer”:

O verbo “torcer” significa “virar, dobrar, encacarolar, entortar”, etc. O substantivo “torcedor” designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que “co-atua” motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto “torcida” – como massa de fanáticos que berram –, realmente faz (ROSENFELD, 2007, p.94).

Essa descrição vai ao encontro do que está na apresentação do livro *A Torcida Brasileira*. Nesta coletânea de quatro ensaios sobre a relação histórica, cultural e social do futebol com a população brasileira, o verbo “torcer” remete ao público feminino que, “nos primeiros estádios da *belle époque* carioca, torcia o lenço nos momentos decisivos e mais emocionantes das partidas”. Nesta mesma apresentação, chama-se ainda atenção para o fato do substantivo “torcedor” não ter tradução para outras línguas, não sendo, portanto, apenas mais um abramileiramento de expressões inglesas<sup>50</sup>, de onde vinha o futebol moderno.

O “torcedor” começou a ser nomeado desta maneira ainda na década de 1910 na imprensa carioca. Segundo Malaia (2012), profissionais da imprensa, cronistas esportivos ou literatos passaram a dar mais atenção aos espectadores desse esporte que se popularizava nas

---

<sup>50</sup> Autor de um dos quatro ensaios, Malaia (2012) inicia seu texto falando sobre algumas dessas nomenclaturas e expressões que eram comumente utilizadas originalmente na língua inglesa quando o futebol começou a se popularizar no Brasil. “No início do século XX, o futebol era *football*. O jogador era *player*, ou *sportsman*. Nas posições em campo havia o *goalkeeper*, o *right defender*, o *left defender*, o *center-half*, havia ainda o *right wing* e o *left wing*, além do *striker*. O árbitro era *referee*, e os bandeirinhas, os *linesmen*” (MALAIA, 2012, p.53). No início da cobertura esportiva, jornais e revistas cariocas e paulistas usavam expressões como assistência ou *sportsmen* para se referir aos espectadores.

principais cidades brasileiras<sup>51</sup>. Aos torcedores, eram atribuídas características como “os responsáveis pela agitação, e, conseqüentemente, pelo incentivo à vitória de seu time” (MALAIA, 2012, p.60 e 61), além da inquietação e constantes ofensas dirigidas aos adversários.

Nota-se nas primeiras descrições o “torcer” como ato. Já se acreditava, segundo Malaia (2012), que os torcedores incentivavam a vitória de seu time. Enquanto Rosenfeld (2007) deslumbra-se com características de “fanáticos que berram” as quais ele provavelmente ainda não havia se deparado. Aqui, surgem categorias analíticas como “engajamento” e “atuação” que perpassam as reflexões que farei neste trabalho.

Essa “massa de fanáticos”, aparentemente guiada pelas emoções, muitas vezes descrita como “bando de loucos”<sup>52</sup>, foi deveras personagem de crônicas de alguns dos mais importantes escritores brasileiros. O escritor, teatrólogo e romancista Nelson Rodrigues, por exemplo, tentou por muitas vezes descrever os sentimentos imbricados nas relações entre torcedores e seus times, como numa crônica sobre uma partida entre Brasil e Áustria<sup>53</sup>:

A partir do momento em que começamos a ser roubados, a partida, que pouco diferia, até então, de qualquer outro jogo de futebol adquiriu a categoria dramática, e mesmo trágica que lhe faltava. Ao meu lado ouvindo comigo a irradiação, dois ou três vizinhos já queriam agredir o rádio. Quando o árbitro anulou o segundo gol consecutivo do Brasil, nosso ódio à Áustria atingiu proporções inauditas. Descobri, então, que a base sentimental da torcida é o ódio e não o amor. Repito: - sem ódio não há torcida possível (RODRIGUES, 2007, p.72).

Para Rodrigues (2007), amor e ódio parecem sentimentos que não se podem descolar da condição de ser torcedor. Há até mesmo uma máxima que diz: “Futebol é paixão nacional”. Por “paixão nacional” pode compreender-se que o futebol no Brasil é assunto comum no cotidiano de milhões de indivíduos. O futebol, como sugere Lovisollo na introdução da obra “A invenção do país do futebol – mídia, raça e idolatria”, firmou-se ao

---

<sup>51</sup> É interessante perceber que a popularização do futebol no Brasil está ligado ao desenvolvimento das grandes metrópoles. Nesse sentido, o trabalho de Sevcenko (1994) teve importante contribuição para o entendimento desse fenômeno. Para o autor, o futebol foi fundamental no ajustamento dos indivíduos a uma série de contingências e situações vivenciadas no ambiente urbano. As massas migratórias que surgiam nas metrópoles brasileiras não possuíam raízes ou tradições que as vinculassem, devido à grande diversidade de pontos de partida. Uma das formas de coesão e solidariedade que surgiram foram as bases emocionais do futebol, que conseguiam congrega essas massas em famílias “vestindo as mesmas cores”.

<sup>52</sup> De fato, a torcida organizada do Corinthians, Gaviões da Fiel, considerada uma das maiores do Brasil, se autoneomeia como “bando de loucos”. Existe até mesmo um refrão cantado comumente em jogos do Corinthians que diz: “Aqui tem um bando de loucos. Loucos por ti, Corinthians. Aqueles que acham que é pouco. Eu vivo por ti Corinthians. Eu canto até ficar rouco. Eu canto para te empurrar. Vamo, vamo, meu Timão. Vamo, meu Timão. ão para de lutar”.

<sup>53</sup> Crônica escrita em 21 de abril de 1956.

longo século XX como uma das preocupações<sup>54</sup> dos brasileiros. Ou seja, ele ocupa parte do cotidiano desses indivíduos. Nos bares, nas escolas, nas academias de ginásticas, na hora do jantar em família, nos encontros formais ou informais, não é raro um desses modos de interação iniciar a partir da pergunta: “E teu time? Esse ano ganha alguma coisa?”.

Do início dessa interação pode nascer uma conversa, uma troca de jocosidades, ou até mesmo de agressões físicas e verbais. Como ressalta Damo (1998), o futebol permite que os indivíduos emitam opiniões, pois “quase todos têm algo a dizer quando o tema é futebol” (DAMO, 1998, p. 7). O mesmo autor entende, porém, que o gosto ou a paixão pelo futebol não se dá apenas pela apreciação estética de uma prática esportiva. Essa relação é referenciada a partir da escolha por um time de futebol, ou um “clube de coração” que geralmente dura por toda a vida do indivíduo.

Um dos aspectos mais importantes desta escolha, que mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família, é que, uma vez realizada, não pode ser alterada. [...] Torcer é o mesmo que pertencer, [...], o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumidos pelo futebol e pela paixão clubísticas na vida de cada torcedor (DAMO, 1998, p. 11).

Como sugere Damo (1998), essa escolha é mobilizada por laços de sociabilidade mais próximos do indivíduo. Muitas vezes, é ainda na infância que a criança opta em torcer por um time de futebol<sup>55</sup>, seja por influência da família, de parentes ou amigos mais próximos. Não obstante, quando questionados sobre o momento em que escolheram torcer pelo Ceará, muitos torcedores resumem suas respostas a dizer “já nasci alvinegro” ou “vem desde o berço”. Parece ser uma escolha que ocorre ainda na fase inicial das relações sociais. Algo semelhante ouvi na entrevista com André, membro do Setor Alvinegro. “Eu acho que já vem de berço, né? Meu pai era torcedor do Ceará, apaixonado, e me levava pro estádio. E desde que eu me entendo como gente, eu sempre fui torcedor do Ceará”.

O “torcer” pelo Ceará faz parte da construção subjetiva de André. Como escolha mobilizada por laços íntimos – no caso dele, de seu pai – e aparentemente imutável, André se

---

<sup>54</sup>O autor se refere, neste sentido, ao termo “preocupação” como uma ocupação “quando não estamos ocupados”, então no tempo livre ou de lazer. Desta forma, defende que fazer a etnografia de um grupo ou sociedade significa investigar ocupações, mas também preocupações.

<sup>55</sup> Elias (1994) entende que a criança precisa de uma modelagem social para acabar por se transformar num ser individualizado e complexo. “A criança não é apenas maleável ou adaptável em grau muito maior do que os adultos. Ela precisa ser adaptada pelo outro, precisa da sociedade para se tornar fisicamente adulta” (ELIAS, 1994, p. 30). É a partir dessas marcas nas redes de sociabilidades mais próximas que os seres vão, num contexto mais amplo, crescendo, vivendo e adquirindo suas marcas individuais.

considera alvinegro, um ser pertencente<sup>56</sup> a uma rede maior de pessoas que também torcem pelo mesmo time. Ou seja, pode-se inferir que André é o time para o qual ele torce, como uma espécie de “segundo nascimento”, diria Arendt. Em contrapartida, Damo (1998) atenta para o fato de que os clubes também pertencem aos torcedores já que “cada fiel torcedor tece a história da agremiação à qual torce e, ao tecê-la, torna-se parte dela” (DAMO, 1998, p. 61).

Assim, desde os primeiros contatos com os membros do Setor Alvinegro, pude perceber a grande quantidade de histórias que eles contavam sobre a torcida, o clube, a relação entre ambos. Várias dessas narrativas me chamaram atenção, pois os laços afetivos com o Ceará marcavam também fatos cronologicamente na vida desses torcedores, como me contou Ygor – presidente do Setor Alvinegro – sobre a comemoração de aniversário de casamento.

*“Teve uma época que eu passei uns dois anos sem faltar a um jogo do Ceará. Até o dia que eu faltei a um jogo porque eu estava fazendo quatro anos com a minha esposa e a gente tinha que comemorar. E aí a data era na semana e tinha jogo do Ceará, foi aí que eu faltei a um jogo. Era Ceará e Grêmio no Castelão. Nunca mais eu esqueço esse dia”. (YGOR)*

Dois anos sem faltar a um jogo sequer. A relação de Ygor com o clube está entre as prioridades de sua vida. “Hoje, depois da minha família, é uma das coisas mais importantes. Porque além de ser uma diversão é onde eu encontro os meus amigos. A maioria dos meus amigos todos torcem Ceará”. Não à toa, a esposa de Ygor era torcedora do Fortaleza, mas, segundo ele, acabou trocando de time. No final de 2014, ela passou a assumir a responsabilidade sobre a parte financeira da torcida.

Essas falas dão pistas sobre a relação que os membros do Setor têm com o jogo ao qual tenho abordado. A fala de Ygor convergiu com a de muitos outros torcedores que frequentavam o Setor Alvinegro. Havia quase sempre uma preocupação com a não possibilidade de ir ao estádio assistir a uma partida do Ceará, por exemplo. Eles buscavam também, muitas vezes, desmarcar algum outro compromisso (“Vou tentar mudar o horário da

---

<sup>56</sup> Para compreender mais sobre a constituição desse pertencimento, podemos pensar um pouco a partir da concepção de Schutz (2012) de “mundo social”. André, assim como outros torcedores, chega ao “mundo do futebol” com uma série de regras já antes determinadas. Participar do jogo, ser um torcedor, aderir a determinadas regras é parte de uma experiência em meio às relações sociais do indivíduo, bem como “de sistemas de signos e símbolos, com sua estrutura particular de significados, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio etc” (SCHUTZ, 2012, p. 92). Esse mundo surge dado, constituído, mas caberá a André – em meio a sua rede de relações – escolher por um clube e sua forma de torcer (as motivações de suas ações).

minha aula”) ou buscar uma forma de ir, mesmo sem o dinheiro do ingresso (“Alguém tem um sócio<sup>57</sup> pra me emprestar?”).

Para eles também, “torcer” parece transpor os minutos da partida de futebol e ganha outros significados, interferindo diretamente em atividades na vida cotidiana. Isso pode ser observado, por exemplo, nas falas de Lara e Ygor.

*“Quando eu percebi que deixava de fazer as minhas coisas pessoais pra acompanhar o Ceará. E quando eu percebi que todos os meus ciclos de amigos praticamente eram alvinegros. Eu percebi: meu Deus, eu tô valendo mesmo nesse mundo, né! No terceiro ano, eu faltava muita aula de específica no sábado à tarde, em 2009, pra assistir ao jogo do Ceará, pra ir pro estádio. Eu saía de casa de farda pra ir pra aula, chegava lá e ia era pro Castelão”. (LARA)*

*“Quando eu procurava de todas as formas ir pra todos os jogos. Aí eu vi que eu era um torcedor fiel, fanático. Antes meus próprios familiares falavam: você é doente, você é doente. E eu tinha que dizer: sou não, sou não. Mas quando eu vi que todos os jogos eu queria ir. Tinha festa que eu queria ir, mas eu tirava o dinheiro da festa e ia pro jogo. Não pensava nem duas vezes. Quando eu não tinha, eu pedia minha vó, pedia a minha tia, minha mãe. Pedia pra qualquer pessoa. Parecia como se fosse um viciado mesmo que não podia deixar de ir pro estádio”. (YGOR)*

A concepção de ser viciado, citado por Ygor, remete ao sentimento de “pertencimento clubístico” trabalhado por Damo (1998). Para além de gostar do jogo, existe outra categoria de construção simbólica e afetiva: o torcer. Há, portanto, nesta escolha a mobilização de redes de relações e, talvez em sua consequência, a construção de uma série de relevâncias que se objetivam na vida desses torcedores, como, por exemplo, ter mais amigos torcedores do Ceará que do Fortaleza, principal rival alvinegro, ou até mesmo organizar suas atividades diárias a partir das atividades do clube pelo qual se torce – como fazia Ygor e tantos outros membros do Setor ao escolher as festas que poderia ir e aquelas as quais ele não iria, pois o dinheiro deveria ser direcionado para pagar os ingressos no estádio.

Acrescento ainda ao “torcer” – ou o pertencer – um entendimento comum dos torcedores com os quais tive contato: o de agir. Para os membros do setor Alvinegro com quem conversei e observei, “torcer” não é apenas uma maneira de estar no jogo, como uma plateia. “Torcer” parece ser a maneira como eles conseguem de alguma forma interferir no jogo, fazer parte dele diretamente, o que se torna mais claro a partir da fala de André, que abriu este capítulo: “Quando eu não vou para o estádio, quando eu não grito é como se eu não

---

<sup>57</sup> Referente à carteirinha de sócio-torcedor. No caso dos sócios do Ceará são torcedores que pagam uma taxa mensal ao clube e têm direito a entrar nos estádios de forma gratuita.

estivesse ajudando no resultado. A gente que é torcedor, a gente acha que gritando, cantando, a gente faz parte do resultado”.

Mas esse “torcer” tende a ultrapassar as espacialidades de um estádio de futebol. E, pelo que observei, há vários modos de demarcar que o torcedor pertence a determinado clube, ou vice-versa. Um dos elementos utilizados como signo do pertencimento clubístico é a camisa do time. Geralmente, elas não são utilizadas pelos torcedores apenas em dias de jogos dos seus clubes, mas também no dia-a-dia para ir ao supermercado, à escola, à padaria, ao trabalho, etc. Alguns parecem fazer a relação afetiva torcedor-clube também pelas cores do escudo de seus times. O Ceará, por exemplo, tem as cores preto e branco em seu escudo, bandeira, uniforme, o que acaba tornando essas cores como representações de uma relação com o clube. Ir a um jogo do Ceará trajando roupas com cores do principal rival – vermelho e azul<sup>58</sup> – pode gerar algum tipo de agressão física ou verbal. Certa vez, entrevistando um torcedor do Guarani de Juazeiro para uma matéria, perguntei até onde ia essa paixão dele pelo clube, e ele me respondeu: “Um dia eu conheci uma mulher muito bonita. À primeira vista, achei que ela fosse a mulher da minha vida. Mas só depois eu percebi que os olhos dela eram verdes. Foi aí que o nosso relacionamento terminou na mesma hora”. O romance acabou antes mesmo de começar, apenas pelo fato de que a mulher tinha os olhos verdes. E verde era a cor que remetia ao time do Icasa – maior rival do Guarani de Juazeiro<sup>59</sup>.

### 2.1.1 Futebóis e Torcedores

Perguntados sobre os significados do “torcer”, os membros do Setor Alvinegro responderam de formas diversas, donde se infere que a importância que cada torcedor dá ao esporte e ao seu “clube de coração” são variáveis.

*“Torcer, acho que abrange muitas coisas. É você apoiar seu time, seja dentro ou fora do estádio. Você ter atitudes que vão engrandecer o time que você torce, seja comprando um produto oficial, seja marcando presença no estádio, em cada jogo. Defendendo o time em qualquer discussão, sadia”. (RICARDO)*

---

<sup>58</sup> As cores do Fortaleza são vermelho, azul e branco. Por isso, o time é também chamado de Tricolor. Quando nomeado pelos torcedores do Fortaleza, geralmente a referência feita é “Tricolor de Aço”. Já quando referendado pelos torcedores do Ceará, geralmente o nome é “Tricolor Viado”. Há músicas cantadas por torcedores do Ceará nos estádios que fazem referência a cor vermelha, como a que contem o verso: “Expulsa, expulsa, a raça do cu vermelho!”. Sobre essas músicas, falarei no capítulo 3.

<sup>59</sup> Icasa e Guarani de Juazeiro são dois clubes da cidade de Juazeiro do Norte, município que fica no interior do estado do Ceará, a 491 quilômetros da Capital. Enquanto o Icasa é representado pelas cores verde e branco, o Guarani de Juazeiro tem as cores preto e vermelho.

*“Hoje em dia, as pessoas pensam que só é torcedor quem vai pro estádio todos os jogos, quem paga sócio, quem compra produto oficial. Eu acho que o torcedor é aquele cara que não importa onde ele esteja. Ele pode estar na China, mas o sentimento pelo clube não muda”.* (LARA)

*“Achava que torcedor era só defender o time. Mas ser torcedor é apoiar o time independente da situação em que ele está. É um hobby, cara. É um hobby que eu escolhi pra minha vida. Tem pessoas, por exemplo, que gostam de pescar, praticar esporte, de viajar, eu gosto de ir pra estádio e gosto de torcer pro Ceará”.* (SILVIO)

Comprando produtos oficiais, o que fortalece o clube não apenas institucionalmente, mas financeiramente; envolvimento com as emoções e resultados do time, onde quer que o torcedor esteja; hobby, lazer, um momento de poder dividir uma mesma atividade com os amigos; essas foram algumas das respostas mais compartilhadas entre os vários membros do Setor com os quais estive em contato. Assim, nem todos os torcedores são iguais, pois podem estar dispostos no jogo de formas bastante distintas. Não obstante, os estádios de futebol (principalmente os mais modernos, as chamadas “arenas”) possuem divisões nomeadas também de formas diferentes: há setores vips, arquibancadas inferiores, arquibancadas superiores, camarotes, cadeiras especiais, dentre outras nomenclaturas. É essa diversidade de formas de engajamento com o jogo que cria condições para uma multiplicidade de ações (maneiras de torcer) e de interpretações sobre essas ações (classificações dos torcedores).

Para compreender melhor o cenário com essa multiplicidade de atores, é interessante estabelecer aqui um paralelo com mais um trabalho de Damo (2007). Ao apresentar de que maneira são formados os futebolistas (atletas de futebol) no Brasil, o autor contextualiza alguns diferentes significados que o futebol recebe a partir da diversidade de espaços em que se disputam as partidas, bem como da incorporação das disposições que são exigidas dos atletas e do “espetáculo”. Por exemplo, praticar futebol na escola não é o mesmo que praticar num estádio profissional; assim como os espectadores que assistem a uma partida de colegas na escola não exigem as mesmas habilidades e disposições físicas que exigiriam de atletas profissionais, que atuam em grandes clubes. Há, desta maneira, envolvimento e pertencimento de modo mais ou menos intenso não só entre atletas, mas também entre torcedores, dependendo principalmente de qual matriz futebolística estejamos abordando.

Desta maneira, Damo (2007) estabelece uma classificação estratégica, dividindo em quatro matrizes futebolísticas: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar<sup>60</sup>. Como

---

<sup>60</sup> De acordo com Damo (2007) quanto às outras matrizes, a bricolada refere-se ao futebol de improviso ou informal. Nesta modalidade, joga-se com o que se tem disponível, podendo variar a quantidade de jogadores, ao contrário do futebol profissional. No Brasil, comumente recebe o nome de “pelada”. A matriz comunitária tem

minha pesquisa está envolta pela matriz espetacularizada, já que falo do Ceará, time de grande representatividade de torcedores no estado, hoje disputando também a Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro, opto por me deter a esta matriz e suas características.

Corroborando com Damo (2007) futebol compreendido a partir da matriz espetacularizada remete a três características principais. A primeira delas é que sua organização é centralizada a partir de regras estabelecidas por instituições reguladoras, como a Fifa, a CBF, e as federações locais, como a Federação Cearense de Futebol (FCF). A segunda característica é a excelência performática exigida dos praticantes – no caso, os atletas de futebol. A terceira, e talvez mais importante para a discussão aqui trazida, é a divisão social do trabalho dentro e fora de campo. Além da distinção entre quem assiste e quem pratica o futebol nesta matriz, “há nesse espaço social uma diversidade de outras especialidades e especialistas a partir dos quais se produzem as lutas em relação às competências, os interesses e as reputações” (DAMO, 2007, p.43).

Nessa direção, Damo (2007) dialoga com Toledo (2000, p.7-8), que caracteriza os principais segmentos de agentes – ou como trabalho aqui, jogadores – dessa matriz espetacularizada, conforme o Quadro 1. Os **profissionais** são aqueles “que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo, como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juízes, [...] quer na preparação dos jogadores”. Os **especialistas** são os que “procuram retraduzir e ordenar para uma narrativa supostamente linear e universalita, [...] o processo ritualístico em evento jornalístico”. Os **torcedores** fazem circular as emoções em torno do jogo e das relações simbólicas criadas a partir do engajamento deles. A estes apresentados por Toledo (2000), Damo (2007) acrescenta os **dirigentes**, que são responsáveis pelo controle das agências reguladoras do futebol espetáculo.

---

mais aproximações com as regras da espetacularizada, mas não obedece necessariamente as mesmas instituições reguladoras. Comumente, é conhecida como o “futebol de várzea”. Tem campeonatos organizados, mas difere em escala. A matriz escolar faz referência ao futebol que é integrado aos conteúdos da educação física, sendo, portanto, parte de uma série de disciplinas ligadas à educação dos alunos.

Quadro 1 – Os jogadores na matriz espetacularizada

<i>CLASSIFICAÇÃO</i>	<i>AÇÃO NO JOGO</i>	<i>JOGADORES</i>
<b>Profissionais</b>	Interferem diretamente na performance dentro ou fora de campo.	Atletas, árbitros, técnicos, preparadores físicos, fisiologistas, dentre outros.
<b>Especialistas</b>	Retraduzem e ordenam em narrativas os processos ritualísticos do jogo.	Comentaristas, locutores, repórteres esportivos.
<b>Torcedores</b>	Responsáveis pela circulação das emoções e relações simbólicas do jogo.	Torcedores, torcidas organizadas.
<b>Dirigentes</b>	Atuam na regulação, na distribuição financeira e controle dos rumos do futebol espetáculo.	Presidentes de clubes, federações, confederações, patrocinadores, administradores, dentre outros gestores.

Fonte: Damo (2007); Toledo (2000).

O Quadro 1 demonstra ainda haver uma interdependência entre os participantes desse jogo. A circularidade das emoções entre torcedores está diretamente impactada pela performance dos times em campo, que, por sua vez, é regulada e depende dos investimentos feitos por dirigentes fora dele, enquanto especialistas criam narrativas sobre suas derrotas ou vitórias, buscando manter sempre atual o envolvimento no e pelo jogo.

Com a delimitação em torno do futebol espetáculo, e de torcedores inseridos neste contexto, posso arriscar que, assim como são apresentadas formas diferentes de futebol, tal qual as matrizes sugeridas por Damo, temos também diversidades de torcedores e torcidas. Esses sujeitos – agrupados ou não – são parte do espetáculo e se exibem em performances que surgem da dinâmica do jogo, mas também a mantêm. O engajamento, ou a liga, que mantém essa dinâmica é não somente a vitória ou derrota de seu time, ou lances excepcionais, grande quantidade de gols, mas o “drama inerente à possibilidade de ganhar e perder junto com o time vinculado ao clube que representa uma comunidade afetiva” (DAMO, 2007, p.49).

A forma de estar vinculado ao jogo (e ao time) é diferente e recebe, por isso, nomeações também distintas. Algumas delas são: “torcedor pé-de-rádio”, “modinha”, “misto”, “coroas”, “torcedores organizados”, “sócios”, “torcedores comuns”, dentre outras. Essas nomeações foram ouvidas e percebidas durante todo meu período de inserção no campo, sendo que algumas delas eu já ouvira antes dessa pesquisa, devido a minha rotina de trabalho em estádios de futebol. Levando em conta o que foi percebido e registrado na pesquisa, farei uma pequena caracterização desses atores diversos.

Os torcedores chamados “pés-de-rádios” se caracterizam por, geralmente, não irem aos estádios, pois preferem acompanhar os jogos seja pela transmissão das rádios, seja pela transmissão dos canais de televisão, sendo, por isso, alvos fáceis das brincadeiras de torcedores que frequentam os estádios. Os torcedores ditos “modinhas” são aqueles que vão aos estádios apenas quando o time está em uma série de resultados positivos em alguma competição. Assim como os “pés-de-rádios”, a pouca disposição dos “modinhas” em acompanhar, cantar e torcer pelo time nos estádios são comumente desvalorizados como atos de pouca “paixão” pelo clube. É comum também quando se quer desqualificar o torcedor em alguma discussão ou conversa, nomeá-lo de “pé-de-rádio” ou “modinha”.

Outros torcedores que também são comumente alvos de violência simbólica e até física<sup>61</sup> são os “mistos”. Por “mistos”, entende-se o torcedor que tem como prática torcer por um time de seu estado e por outro de uma região diferente – geralmente dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Por exemplo, alguém que torce Ceará, mas também torce pelo Palmeiras ou Flamengo. O assunto foi tratado por Vasconcelos (2011) em seu trabalho de pesquisa, no qual foi percebido um conflito onde de um lado estariam os “mistos” e de outro os “antimistos”, para os quais aqueles seriam simbolizados como “A vergonha do Nordeste”, pois

entre os torcedores, há um debate sobre o ato de torcer por times “de fora”. Nessas conversas os torcedores “mistos” são com frequência descritos como alienados, manipulados pela imprensa do Sudeste, pessoas que não valorizam os times locais. Alguns afirmarão ainda que em futebol só se deve torcer por uma equipe. Por sua vez, os “mistos” se defendem, sustentando o direito da livre escolha, independente de fronteiras, o que não é sinônimo de desconsideração ao Nordeste (VASCONCELOS, 2011, p.13).

O Setor Alvinegro se posiciona nesse movimento “antimisto”. Em algumas de suas camisas há escrito “Sou nordestino, tenho time para torcer”. Na mesma camisa, no verso, pode-se ver também outra frase complementando a ideia: “Eu escolhi meu time, a mídia escolheu o seu” (Ver Figura 2). Durante alguns jogos os quais acompanhei com o Setor, percebi algumas cenas em que eles criticavam torcedores por estar com camisas de times de outras regiões do país. Em uma destas cenas, dois torcedores assistiam a uma partida do Ceará com a camisa do Flamengo. O fato incomodou bastante alguns membros do Setor que estavam mais próximos destes dois rapazes e decidiram começar a vaia-los e xinga-los.

---

<sup>61</sup> Segundo Reis (2006), há tipos variados de violência, sendo algumas mais evidentes e manifestas nos estádios de futebol. “Normalmente, a violência com agressões físicas ocorre precedida de agressões de violência simbólica, e a transformação das agressões simbólicas em físicas, ocorre quando o indivíduo perde o controle durante suas manifestações afetivas/simbólicas e parte para a violência manifesta” (REIS, 2006, p.16).

“Esses caras querem o quê com essa camisa desse Flamídia<sup>62</sup> aqui? Isso aqui é jogo do Ceará!”, diziam alguns membros do Setor.

Aqui se expõe uma situação que pode gerar conflitos. Nesse dia, especificamente, não houve revide por parte dos torcedores que estavam com a camisa do Flamengo. Também era comum tratar mistos do próprio Setor de forma a criar algum tipo de situação na qual pudesse fazer uma brincadeira com o outro time desse misto. Por exemplo, um dos mistos que frequentava a torcida tinha preferências por Ceará e Fluminense. Então, eram constantes as brincadeiras chamando o Fluminense de “Flor-minense”, numa relação direta entre a fragilidade e feminilidade da flor, em contraponto ao campo viril e aguerrido que deve ser uma disputa no futebol, apenas para “cutucar” – como eles falavam – o misto que estava entre eles.

Essas relações jocosas parecem fazer parte do jogo, mas as críticas ao fato de ser um torcedor misto trazem também consigo a possibilidade de uma negociação do conflito. O que parece estar implícito é: o torcedor misto é “aceito”, desde que ele esteja disposto a abandonar a relação com o outro clube, ou aguentar as “brincadeiras” realizadas em torno dessa condição torcedora. Outra possibilidade parece também viável nesse jogo: a de esconder essa condição torcedora. Foi algo que ocorreu comigo, por exemplo, que torço por Ceará e Palmeiras. Em nenhum momento me foi questionado se havia algum outro time que eu torcia. André, que me conhecia anteriormente ao desenvolvimento dessa pesquisa, também não chegou a citar ou indicar aos outros que eu “era misto”. A posição de misto me parece, portanto, ser compreendida neste cenário como um desvio moral, no qual a regra de conduta seria: torcer somente pelo Ceará.

---

<sup>62</sup> “Flamídia” é uma junção entre “Flamengo” e “mídia”. Para muitos torcedores do Nordeste, a principal emissora de televisão do País, a Rede Globo, fazia cobertura jornalística de forma parcial, beneficiando com mais tempo e destaque notícias e jogos relacionados ao Flamengo.

Figura 2 – Camisa do Setor Alvinegro no movimento “antimista”



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014)

Seguindo as classificações encontradas em campo, os “sócios” ou “sócios-torcedores” são aqueles que mantêm, a partir da paixão clubística, uma relação financeira direta com o clube<sup>63</sup>. Esses sócios pagam mensalmente determinados valores monetários ao clube ao qual são filiados e têm, em troca, algumas vantagens sobre os demais. No caso dos sócios-torcedores do Ceará, por exemplo, eles podem entrar de forma “gratuita” em partidas cujo mando de campo seja do Vovô<sup>64</sup>. Essa entrada “gratuita” funciona para aqueles que se mantêm adimplentes com o clube. Essa categoria de torcedor é vista de forma positiva não apenas entre os torcedores do clube, mas também entre dirigentes e imprensa esportiva. É comum dirigentes exaltarem publicamente a importância que os sócios trazem ao seu clube<sup>65</sup>. Vale ressaltar que, entre os membros mais ativos do Setor Alvinegro, quase todos eram

<sup>63</sup> Segundo o site “Movimento por um Futebol Melhor”, que contabiliza os números de sócios-torcedores dos principais times do Brasil, o Ceará ocupa a 18ª posição no ranking nacional, com 9.293 sócios. Os clubes com mais sócios-torcedores no país são: Internacional (130.206), Palmeiras (99.347), Corinthians (83.356), Grêmio (80.855) e Cruzeiro (68.756). Números visualizados em <http://www.futebolmelhor.com.br/movimento/index.html> no dia 4 de março de 2015.

<sup>64</sup> Apelido do Ceará. É comum que os times tenham apelidos de seus torcedores. Muitas vezes, esses apelidos estão ligados aos mascotes, que simbolizam os clubes. No caso do Ceará, o mascote é o “vovô”. Desta forma, muitos torcedores se referem ao Ceará como Vovô ou Vozão.

<sup>65</sup> Um caso interessante foi o do Palmeiras em 2015. O time conseguiu registrar 25 mil novos sócios-torcedores somente nos dois primeiros meses do ano, saltando para a segunda posição no ranking de clubes com mais sócios no País. Nesse mesmo período, a diretoria do clube paulista veio a público e declarou que quanto mais sócios o clube tivesse, mais forte se tornaria, numa clara alusão à saúde financeira que a equipe vivenciou neste período devido ao grande número de novas adesões.

“sócios-torcedores”. E aqueles que ainda não eram sócios ou estavam inadimplentes, ouviam constantemente outros membros cobrarem para que eles pagassem seus planos.

Os “coroas” são torcedores caracterizados por terem mais idade e, portanto, geralmente acompanham os jogos sentados em espaços onde não estão as torcidas organizadas. Há certo respeito pela demarcação dos espaços desses torcedores por parte, principalmente, das torcidas organizadas, que buscam posicionar seus materiais e instrumentos musicais um pouco mais distantes dos locais nos quais os nomeados “coroas” assistem às partidas.

Por fim, temos a diferenciação entre os “membros de organizadas” e os torcedores ditos “comuns”. Essa é uma diferenciação determinante para a discussão aqui levantada. Pois, segundo os membros do Setor Alvinegro, haveria um abismo entre essas duas formas de estar no jogo, como indicado na fala de Lara.

*“Um torcedor que não faz parte de uma torcida organizada, ele sempre vai com camisa do clube ou à paisana. Ele é aquele torcedor que chega na hora do jogo e vai assim que acaba. Quando o juiz apita, ele tá saindo. Porque, geralmente, o torcedor organizado eles chegam um pouco mais cedo pra ajeitar as coisas, incentivar e saem um pouco depois que o jogo acaba, porque eles têm que desmontar ou carregar as coisas. Eu vejo a diferença na forma de torcer também. Tipo, quando você vê aquele cara que tá sentado no jogo, que não canta, não vibra pelo Ceará. O Ceará ataca e ele não levanta pra ver. Pra mim, ele nunca fará parte de uma torcida organizada. E nenhuma outra torcida. Porque torcedor organizado é aquele que tem que tá incentivando noventa minutos o time”. (LARA)*

Essa fala direciona a atenção para o registro cênico feito pela torcedora alvinegra. Para ela, parece fácil distinguir essas duas categorias de torcedores pelo diferentes modos como participam do jogo. Enquanto os “torcedores organizados” são reconhecidos pela intensidade do cantar, pelo constante movimento dos corpos (sentar, levantar) e até pelo tempo que dedica ao ir ao estádio (chega antes, sai depois), ou seja, por uma performance peculiar, o dito “comum”, apesar de torcer pelo mesmo time, tem outro nível de atuação. Os “torcedores comuns” restringiriam sua performance a assistir à partida, reagindo esporadicamente aos movimentos de outros jogadores.

Para efeito desta dissertação, o foco será lançado sobre torcedores pertencente à matriz espetacularizada – o que não descarta o conhecimento das outras, tampouco de outros jogadores que perpassam as atuações destes. Há também uma hipótese presente neste trabalho de que essa matriz futebolística proporcionou algumas transformações no comportamento de torcedores e torcidas, as quais explicitarei adiante. Delimito o campo de atuação principal na compreensão dessa torcida organizada: o Setor Alvinegro. Prossigo, portanto, para a

discussão acerca do entendimento das torcidas organizadas, principalmente sob a tradução do Setor como “outra” forma de torcer, numa espécie de contraponto às organizadas ditas tradicionais.

### 2.1.2 Torcidas organizadas

Diversas são as possibilidades de tentar definir ou normatizar as torcidas organizadas de futebol. Pimenta (2004, p.264), por exemplo, as compreende como

Um agrupamento de pessoas simpatizantes de um clube de futebol, sem fins lucrativos, estruturado de forma relativamente burocrática, com o objetivo de incentivar o time durante os jogos e defender a integridade do grupo nos momentos de confrontos físicos ou verbais com os adversários.

O entendimento de Pimenta (2004) sobre as torcidas organizadas está ligado a uma “integridade de grupo”, aqui talvez até numa relação que sobreponha a ideia do engajamento com o clube. Daí, sua diferenciação entre “torcedores” e “torcidas” reside na descaracterização da vinculação *torcedor-time*, para uma relação institucionalizada e mediada *torcedor-torcida-time*. Em palavras que ouvi bastante durante a execução da minha pesquisa: o membro de organizada torceria mais por ela do que pelo time, o que acaba fazendo com que muito torcedores, ditos comuns, estejam de “saco cheio” das organizadas.

*“O saco cheio, eu acredito que é forçar a mesma ideia de antigamente. Porque assim, as torcidas organizadas aqui surgiram na mesma época dos bailes funks. Eles iam pro baile funk, não tinha jogo, então faziam musicas pro baile funk. Por exemplo, eu sou da Cearamor, eu sou da Fúria Jovem, então vou quebrar todo mundo. Na época do baile funk era isso. É lado A, lado B. Se você for olhar a Cearamor que surgiu em 82, na época dos bailes que tinham aqui, que eles faziam as músicas das torcidas organizadas pra defender as torcidas. E o Ceará tava no meio porque a torcida era do Ceará. Mas as músicas eram pra defender as torcidas organizadas. E torcida organizada é isso: eles olham mais o lado da torcida e menos o do Ceará. É por isso que o pessoal fala que tá de saco cheio”.* (YGOR)

Algumas das principais torcidas organizadas no Ceará surgiram, historicamente, em paralelo com as festas de baile funk na Capital<sup>66</sup>. Em se tratando de Ceará Sporting Club, foi assim, por exemplo, com a Cearamor. Surgida em 1982, a torcida Cearamor organizou sua

---

<sup>66</sup> Farias (2005) narra que o Ceará Sporting Club foi o primeiro time a possuir torcida organizada no estado. O autor se refere a *Dragão Alvinegra*, fundada em 1970. Ele observa que a *Dragão* já possuía programa em uma rádio local e tinha “notória influência junto à presidência do time” (FARIAS, 2005, p. 67). Segundo Farias, logo surgiram outras torcidas organizadas do Ceará Sporting Club, como a *Morena* e o *Movimento de Renovação Alvinegra*. Ao longo dos anos de 1970 e 1980 surgiram ainda *Gloria Alvinegra*, *Mundiça*, *Biriteiros*, *Truvão*, *Fúria Jovem* e *Cearamor*. Dessas, apenas a *Cearamor* existe até os dias atuais.

estrutura material principalmente por meio das congregações dos bairros e alas que faziam as festas nos bailes funks da cidade, como explorou Ribeiro (2011) em sua pesquisa.

Durante um período que se estende de meados da década de oitenta ao final da década de noventa, esses bailes foram muito frequentados por segmentos juvenis, oriundos de classes mais populares da cidade. O baile funk era o ponto de convergência de uma juventude pobre, moradora de bairros igualmente destituídos e pulverizados pela periferia da cidade, distrito industrial e mesmo em favelas que vicejam em meio às zonas mais favorecidas (RIBEIRO, 2011, p. 161).

Esse contexto social e histórico é interessante por algumas questões. Primeiramente, dessas relações bailes funks-futebol nasceram algumas rivalidades que transcenderam os limites das paixões clubísticas. As disputas por territórios avançaram pela cidade, de modo que algumas das maiores torcidas organizadas do estado, como é o caso da Cearamor, se organizavam através de alas, bairros, comandos, gangues<sup>67</sup>. Conforme Ribeiro (2011) esses agrupamentos tinham suas próprias definições de si e formas de agir, seja nos estádios, nas ruas da cidade, nos bailes ou até mesmo no confronto com o outro.

Outro ponto importante é o que está expresso na fala de Ygor. Ex-integrante da Cearamor, antes de entrar para o Setor Alvinegro, ele cita como as letras das músicas se relacionavam diretamente com a demarcação de identidade dessas alas ou bairros: “lado A”, “lado B”. Essas demarcações eram materializadas em disputas que ocorriam de fato dentro dessas torcidas e as músicas acabavam cantadas para exaltar não apenas o time do Ceará, mas os próprios torcedores organizados que se posicionavam em “lados” diferentes na mesma torcida.

Essa parece ser uma marca histórica para as torcidas organizadas no estado do Ceará. Não obstante, quase sempre que eu perguntava algo sobre as músicas das torcidas organizadas, muitos membros do Setor citavam o fato delas serem bastante autorreferentes. Os bailes influenciaram ainda o ritmo das músicas organizadas tocadas e cantadas durante os jogos do Ceará. A batida da bateria geralmente remete a esse estilo de música, mas, quanto a letras e ritmos, explorarei mais esses dois pontos no Capítulo 3.

O termo “torcida organizada” também é tratado de forma jurídica pela Lei Nº 10.671, de 15 de maio de 2003, também conhecida como “Estatuto do Torcedor”. De acordo com esse Estatuto, é considerada torcida organizada “toda pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática

---

<sup>67</sup> Ainda nos dias atuais é possível ver faixas de alas e bairros entre a torcida Cearamor, como por exemplo a “Cearamor Vila Velha” ou a “Cearamor Barroso”.

esportiva de qualquer natureza ou modalidade”. A torcida organizada deverá ainda, segundo o mesmo Estatuto, manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, contendo informações como: nome completo, fotografia, CPF, profissão, endereço completo. Somente mediante esse cadastro, a torcida organizada pode apoiar seu time dentro das praças esportivas, portando faixas, camisas, bandeiras, dentre outros materiais.

Essa tentativa de institucionalização e jurisdição sobre as torcidas organizadas interferem na forma com a qual o Setor se nomeia e é nomeado. Para poder entrar com os materiais que utiliza durante as partidas de futebol, o Setor Alvinegro precisou criar uma “pessoa jurídica” – tal qual uma empresa – o que permite também um relacionamento com outras partes interessadas, como a Polícia Militar.

*“No Setor, desde o início, a nossa intenção era usar só camisa do Ceará. Só que pra se manter, ter aquelas baterias, fazer uma bandeira nova, tudo aquilo a gente precisava ter dinheiro. Como é que a gente ia ter dinheiro? Vendendo camisa. Aí começou a mudar a ideologia. Quando a gente fez camisa, a PM começou a nos ver como torcida organizada, que nunca foi o nosso interesse. A gente não queria ser uma torcida organizada, a gente queria ser um grupo de amigos que ia pro estádio torcer pro Ceará e apoiar os noventa minutos. Com o passar do tempo, a gente virou uma torcida organizada perante a PM, e hoje o Setor Alvinegro não é mais torcida organizada, mas começou a tomar atitudes de torcida organizada”.*  
(ANDRÉ)

“Atitudes de torcida organizada”, na fala de André, parecem ser o mesmo que “tomar responsabilidades de uma torcida organizada”. O Setor Alvinegro é visto pela Polícia Militar como torcida organizada, mas tenta se descolar dessa classificação. No entanto, também precisa dessa nomenclatura para entrar nos estádios uniformizados e com os materiais necessários para executar determinadas performances. Esse deslocamento de nomes – seja para organizada, seja para movimento – está no cerne do jogo que ocorre nas arquibancadas, pois ele pode atuar como demarcador das diferentes posições e classificações atribuídas aos torcedores e torcidas.

### 2.1.3 Equipes

Antes de avançar um pouco mais na atuação do Setor Alvinegro, gostaria de propor um olhar sobre as torcidas organizadas. Para uma compreensão das interações entre as diferentes torcidas com o jogo expresso e encenado nas arquibancadas, parece-me interessante trabalhar com a ideia de *equipes*. O conceito advém da proposta interacionista de compreensão da ação na qual “o manejo das impressões, das contingências que surgem na

promoção de uma impressão, e das técnicas para satisfazer tais contingências” são pontos fundamentais. Segundo Goffman (2013, p.92), *equipe* se refere “a qualquer grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular”.

Essas interações, ou série de interações, ocorrem no futebol. Ele proporciona não apenas que pessoas diversas tendam a se relacionar umas com as outras por liames de “interdependência e familiaridade”, mas também que diferentes torcidas/equipes interajam e encenem umas em referência as outras. É nesse jogo de “interação dramatúrgica” que as equipes tentam expressar suas diferentes formas de se constituírem como torcidas, o que, por sua vez, podem posicioná-las no sistema de classificações ao qual venho tratando. Vejamos.

As torcidas organizadas do Ceará, ou *equipes*, atualmente são cinco: Cearamor, Movimento Organizado Força Independente (MOFI), Cangaceiros Alvinegros, Ceará Chopp e Setor Alvinegro. Cada uma dessas cinco equipes é caracterizada de formas distintas pelos membros do Setor<sup>68</sup>. Segundo eles, Cearamor e MOFI seriam as organizadas mais tradicionais. “Tradicional”, para o Setor, é aquela torcida ligada a velhos moldes de torcer, quer seja por músicas que desqualificariam os adversários, quer seja por atitudes mostradas como violentas nos meios de comunicação<sup>69</sup>.

Em contrapartida, Cangaceiros, Ceará Chopp e Setor Alvinegro apresentariam características distintas desse modelo tradicional. Os Cangaceiros Alvinegros seriam torcedores que aliam a paixão clubística com a valorização de elementos entendidos como próprios da região Nordeste, como sanfona e paródias com músicas de Luiz Gonzaga. No site oficial dessa torcida, há uma descrição sobre eles que diz:

Nossa torcida já está dando o que falar, afinal todo integrante é orientado a vestir juntamente com nossa camisa personalizada, um Chapéu de Couro para representar a cultura de nosso Estado e também demonstrar o nosso orgulho de ser nordestino. Essa foi a maneira de trazer para o estádio de futebol o resgate da cultura Cearense e Nordestina de forma bem humorada. Os Cangaceiros são mais que uma simples

---

<sup>68</sup> O “mundo do futebol” pode ser aqui interpretado como o “mundo da vida cotidiana” proposto por Schutz (2012), para o qual esse mundo intersubjetivo já existia “muito antes de nossos nascimentos”. A interpretação desse mundo é baseada em estoques de experiências prévias a respeito das ações e interações uns dos outros e para com os outros, e que foram repassadas a nós por nossos pais, professores, amigos, ou pela mídia, ou seja, ela é social e culturalmente transmitida. Donde a interpretação e nomeação das torcidas organizadas, bem como o que os torcedores chamam “tradicionais” ou “novos estilos”, depende dos estoques de conhecimento que estão à disposição. Esses estoques servem como esquemas interpretativos de experiências passadas e presentes, “constituídos na e pelas atividades vivenciadas por nossas consciências, cujo resultado agora se tornou nossa posse habitual” (SCHUTZ, 2012, p. 86). Ao nomear e tipificar essas torcidas, a partir das experiências vivenciadas entre elas no jogo, as próprias torcidas se vinculam a determinadas condutas, também entendidas como “formas de torcer” ou “ideologias”.

<sup>69</sup> Essas diferenciações serão mais intensamente ilustradas nos próximos capítulos.

torcida. É um movimento cultural em prol do Ceará e do nordeste, na luta contra o preconceito Regionalista<sup>70</sup>.

Já a Ceará Chopp é nomeada por “torcida chopp”. É assim que eles são compreendidos pelas outras torcidas e é assim também que eles se nomeiam. Essa modalidade de torcida, segundo membros do Setor, une a presença no estádio com a bebida alcoólica como forma de “estar com os amigos”. As “torcidas chopps” existem em diversas partes do Brasil<sup>71</sup>. No *Facebook*, há uma página chamada “Liga Nacional Das Torcidas Chopp”, na qual se pode entender um pouco mais sobre essas torcidas. Na descrição da página há o seguinte:

O Futebol está mudando e cada vez mais as Torcidas de Chopp vem conquistando seu espaço no mundo esportivo, com a sua filosofia de TORCER EM PAZ e pela PAZ. Por todo o Brasil, as Torcidas de Chopp pregam o mesmo ideal, torcer pelo time sem parar e fazer amigos, muitos amigos. A Liga Nacional das Torcidas de Chopp nasceu com a missão de unificar todas as TORCIDAS DE CHOPP do Brasil e levar esse debate para dentro dos estádios, mudando a mentalidade que hoje impera e entre outras torcidas e ACABAR de vez com a violência nos estádios. Se você curte essa ideologia, procure a sua torcida de Chopp do seu time e participe, ajude a divulgar essa ideia<sup>72</sup>.

No entanto, essas “torcidas chopps” eram sempre colocadas pelos membros do Setor como uma forma de desqualificar o trabalho que eles faziam. Por exemplo, se faltava empolgação para cantar do começo ao fim da partida, logo eles falavam: “Isso aqui tá parecendo uma torcida chopp. Vocês parecem que só vêm aqui pra beber”. Para alguns membros com os quais conversei, as “torcidas chopps” participam do jogo “apenas bebendo e assistindo”. “No máximo, eles cantam uma música e depois se calam”, disse-me um membro do Setor ao tentar descrever a Ceará Chopp.

## 2.2 O Setor

O Setor Alvinegro não é uma torcida organizada. Pelo menos, foi assim que os membros tentaram se definir durante quase todo o espaço de tempo em que estive presente com eles. “Uma organizada, mas não desse modo tradicional”, ouvi algumas vezes. Para tanto, precisei investigar mais sobre o que eles consideravam como torcida organizada e quais

---

<sup>70</sup> Disponível em: <http://www.cangaceirosalvinegros.com/index.php/quemsomos>. Acessado em 15/03/2015.

<sup>71</sup> Na “Liga Nacional das Torcidas Chopps, por exemplo, há referências a diversas torcidas espalhas pelo país, como a “Leões Beer”, do Sport Recife, a “Inter Chopp”, do Internacional de Porto Alegre, a “Fogoró”, do Botafogo, a “Flubar”, do Fluminense, ambas do Rio de Janeiro – apenas para citar algumas.

<sup>72</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/ligadasTorcidasChopp/info?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/ligadasTorcidasChopp/info?tab=page_info). Acessado em: 15/03/2015.

diferenças existiam entre estas e o Setor. Quando em entrevistas com meus interlocutores, muitas vezes a definição escapava nas repostas, ao não saberem se definir de forma enfática e comum a todos.

*“O Setor é uma torcida organizada, mas não é uma torcida organizada. A gente se organiza, se junta, mas não existe a badernagem. Não existe caso de roubo entre a gente. Eu já levei minha mãe, particularmente, pro estádio. Pessoas levam seus filhos recém-nascidos”.* (RICARDO)

Pelo termo “badernagem”, infere-se que muitos membros do Setor compreendam haver violência em torcidas organizadas, as quais eles chamam de “tradicionais”. Há ainda nessa descrição uma caracterização negativa da torcida organizada, entendida como uma “prática de baderna”. Em contraponto, o Setor Alvinegro seria um lugar tão tranquilo e acolhedor para Ricardo que ele se sente confortável para levar sua mãe – o que parece que ele não faria, caso estivesse em outro local do estádio.

A diferenciação é marca discursiva recorrente nas falas dos membros do Setor Alvinegro. De acordo com as entrevistas e pesquisa de campo realizadas, em muitos momentos foram ressaltados aspectos que, de alguma forma, distinguisse o Setor de torcidas organizadas. A mais intrigante, por exemplo, é que raramente eles se nomeavam como torcida organizada. Ora se referiam como “movimento”, ora como “barras bravas”<sup>73</sup>. As tentativas pareciam sempre indicar que a singularidade do Setor era de “torcer pelo Ceará os noventa minutos da partida”. Quando questionados sobre o que era uma torcida organizada e se o Setor era uma torcida organizada, alguns deles tentavam rotineiramente explicar o que entendiam como coisas distintas.

*“Setor não é organizada. Setor é diferente de tudo que já teve no estado do Ceará. Como a gente queria tá no estilo barra brava a gente tinha que copiar as coisas dos barras bravas. Ou seja, colocar os tirantes de cima pra baixo, ficar o tempo todo com as bandeirolas. Isso daí que é o diferencial do Setor Alvinegro, que chama atenção. Toda torcida tem o seu diferencial. Algumas querem chamar atenção na bateria, que é bem sincronizada, que toca perfeitamente bem; outras nas bandeiras, quanto maior a bandeira melhor, fazer bandeirão”.* (ANDRÉ)

---

<sup>73</sup> As barras bravas da América do Sul – com destaque às argentinas e uruguaias – são torcidas que apresentam conexões fortes entre os “torcedores, as políticas dos clubes de futebol e as atividades criminosas” (GIULIANOTTI, 2010, p.83). O mesmo autor ressalta, porém, que são também lembrados por “seus cantos eloquentes e espetáculos pirotécnicos durante os jogos”. No Brasil, muitas dessas torcidas que adotaram o estilo “barra brava” acabaram também por ser nomeadas como “torcidas de alento”. A “música de alento” é assim denominada por ter uma batida mais suave e um ritmo mais lento. As letras dessas músicas também são, geralmente, com declarações de amor incondicional ao clube.

*“A barra brava é uma torcida muito mais vibradora do que as demais. Ela tá lá pra apoiar 24 horas. A torcida organizada normal vai pro estádio, vaia, apoia, critica. Por exemplo, em 2012, o time do Sport caiu da Série A pra Série B. Aí teve um jogo no PV e os Imbatíveis do Sport tavam lá. E aí os caras simplesmente colocaram a faixa dos Imbatíveis de cabeça pra baixo. Uma barra brava nunca ia fazer isso. Porque aquilo é uma forma de protesto durante o jogo. Uma barra brava jamais iria fazer aquilo. Durante o jogo, é o que a gente sempre fala: treino é jogo, e jogo é guerra. Então se jogo é guerra, a gente tem que levar a sério. Tem que incentivar. Por mais que tenha jogador jogando ruim, um time inteiro jogando ruim, o técnico fazendo escalação errada. O que estiver acontecendo de errado, a gente vai tá pra apoiar. Se tiver que criticar é só depois dos noventa minutos”. (SILVIO)*

*“A diferença entre torcida organizada e barra brava, eu acredito que seja só o estilo de cantar, porque as torcidas organizadas cantam muito pra elas. Elas cantam muito deixando bem claro, em destaque, o nome delas, e não o do clube. É como se o integrante da torcida organizada vestisse a camisa da torcida organizada e fosse pro estádio. E não o estilo barra brava que é o nosso, de vestir a camisa do Ceará e ir pra arquibancada. É como se eles defendessem mais a torcida organizada do que o próprio clube. E isso aí o Setor Alvinegro não são de acordo, porque a gente prioriza o incentivo e o Ceará em primeiro lugar, acima até do nome do Setor”. (YGOR)*

O Setor Alvinegro surgiu em 2009, se organizando por meio de uma rede social na internet, o Orkut, como já referendado. Eram ainda poucas pessoas. Cerca de vinte, como pode ser observado na Figura 3. No início de 2015, ainda contava com um número pequeno de membros. Essa quantidade é variada. Segundo os dirigentes, ter mais ou menos torcedores no Setor depende principalmente do momento em que o clube esteja em determinada competição (se tem possibilidades ou não de alcançar título ou classificação) e da emoção envolvida na partida (se é um Clássico-Rei ou uma partida eliminatória, por exemplo). Nos momentos em que eles consideram ter alcançado números satisfatórios, chega a ter mais de duzentos torcedores no Setor<sup>74</sup>; podendo também ter pouco mais de uma dúzia em momentos que eles consideram menos satisfatórios (seja do time, seja do Setor), como nesse relato do meu diário de campo, numa partida entre Ceará e Santa Cruz, pela Série B do Campeonato Brasileiro, no dia 24 de outubro de 2014.

*Era uma sexta-feira à noite. O jogo começaria às 20h50 no Castelão, mas cheguei um pouco mais cedo, por volta das 19h30. Cheguei ao Avexado<sup>75</sup> e encontrei um cenário um pouco diferente do habitual. Não havia faixas, nem tirantes pendurados por ninguém. O cenário*

---

<sup>74</sup> Vale salientar que essa é uma contagem informal. Nem mesmo os diretores do Setor sabiam informar exatamente a quantidade de membros que existiam na torcida. E mesmo quando esse número crescia nas arquibancadas, era mais como forma de contágio (cantar e estar junto na ação do jogo) do que, propriamente, ser um membro do Setor. Essas pessoas, por exemplo, não participavam de reuniões nem de decisões, nem de composições das músicas. Tampouco ajudavam a levar materiais ou tocavam algum instrumento. Eram pessoas diversas – torcedoras do Ceará – e que iam para o espaço das arquibancadas no qual o Setor também estava.

<sup>75</sup> A lanchonete “Avexado Lanches” foi, durante quase dois anos, ponto de encontro do Setor Alvinegro antes dos jogos que ocorriam no Castelão. Abordarei mais sobre o assunto no Capítulo 2.

*que eu costumava ver de festa, com som alto, muita gente bebendo, conversando e sorrindo, não ocorria naquele dia. Procurei pelos meninos do Setor. Apenas o Ygor, sua esposa, e mais uns dois ou três que eu conhecia. Ygor estava sentado, tomando uma cerveja. Sentei ao lado dele e comecei a puxar assunto.*

*“Não tem Esquentá<sup>76</sup> hoje?”*

*“Não. Hoje tá difícil. Parece que não vem ninguém.”*

*“Será que é por causa das eleições?”*

*“Acho que não. A galera tá foda. A torcida do Ceará tá me decepcionando. O time brigando lá em cima, com chance ainda de subir esse ano, e a torcida não vem de jeito nenhum. Parece que o pessoal gosta é de sofrer!”*

*Era antevéspera de segundo turno para eleições presidenciais. As pessoas discutiam mais sobre a briga entre os dois candidatos à presidência do que sobre a partida que começaria. O Ceará também havia mudado de técnico. O treinador PC Gusmão chegava para comandar mais uma vez o time do Ceará, mas as opiniões sobre ele eram bem divididas.*

*Ygor parecia chateado pela pequena quantidade de membros do Setor naquele dia. Foi quando ele falou em algumas mudanças que precisavam acontecer.*

*“Eu não quero me estressar e fazer tudo sozinho. Uns caras saíram e eu não tenho como fazer tudo só. A galera tem que chegar junto. Tô tentando aí marcar uma reunião, mas até isso tá difícil. A gente tem que dar um redirecionamento nesses dias.”*

Essa oscilação de ânimo e participação entre os membros foi visto em vários outros momentos de minha pesquisa. Ainda abordarei sobre alguns desses episódios nos próximos capítulos para ilustrar outras situações de campo. Ygor, por exemplo, presidente do Setor, está bem dentro da média de idade e de formação acadêmica da torcida. Quase todos os membros estão entre 20 e 30 anos, são empregados, têm, no mínimo, Ensino Médio completo, sendo que alguns já são responsáveis por sua própria residência e sustento de suas famílias, como no caso de Ygor<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Uma espécie de festa do Setor que acontecia muito comumente antes das partidas. Abordarei no Capítulo 2.

<sup>77</sup> Não foi feito aqui um levantamento estatístico e nem uma tabulação de dados. Esse cenário é mais fruto da percepção que tive e das conversas que tracei com os membros do Setor. Ygor, presidente da torcida, também descreveu os membros de forma semelhante ao que está escrito por mim.

Esse perfil de torcedor parece estar presente desde os primeiros membros do Setor. Talvez por isso, o discurso de busca por uma diferenciação parece fazer parte da gênese deles. Quando conversei com um dos primeiros membros, ele também abordou o tema.

Cara, (o Setor) começou no tempo do Orkut. A gente gostava de levar a família pro estádio, namorada, criança. E a gente via que o que estava afastando muita gente do estádio era a questão da violência das torcidas. Incomodava também muito a gente aquela ideologia das torcidas: de ser ela pra ela. Por exemplo, a torcida grande faz uma música, beleza, o estádio todo canta, mas não é direcionado ao Ceará. Aquilo é engrandecendo a própria torcida. O diferencial era esse: vamos fazer uma torcida, mas pro Ceará. Até hoje, o Setor não tem nenhuma música que leva o nome dele. Setor... nada. Tudo é Ceará, Ceará, Ceará. Até nosso primeiro lema até foi esse: Ceará acima de tudo (Entrevista ocorrida no dia 1º de maio de 2014, em Fortaleza).

Figura 3 – Início do Setor Alvinegro no Castelão



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2009).

A violência citada por um dos fundadores do Setor Alvinegro aparece como uma dessas marcas de diferenciação engendrada a partir do jogo, que é também um “jogo de diferenças e oposições”, como lembra Toledo (1996, p.103), “o futebol impõe um jogo de diferenças sempre aberto às negociações, aos conflitos, aos imprevistos, ao possível, à violência, ao mesmo tempo de afirmação diante do outro”. Assim, infere-se que ser torcedor do Ceará e comungar da mesma comunidade<sup>78</sup> que outros torcedores do mesmo time parecem

<sup>78</sup> Parece-me interessante fazer aqui um paralelo de torcidas organizadas com o termo “comunidade imaginada”, proposto por Anderson (2008). Por mais que haja um espírito de “camaradagem horizontal”, pois todos parecem se ajudar e querer fazer com que as performances sejam encenadas de forma a seguir uma conduta dentro do

ser tão importantes como se diferenciar dos torcedores de seus rivais, como os do Fortaleza, por exemplo. A situação parece ser semelhante quando se trata de buscar as distinções entre uma torcida e outra – ainda que do mesmo time, conforme Ygor.

*“Não é que a gente seja mais torcedor. Mas se todos os torcedores do estádio, torcida organizada e tudo seguissem um padrão de ideologia do Setor, que é ‘Ceará, Ceará, Ceará acima de tudo’, eu acredito que dentro da arquibancada ficaria um clima bem melhor de curtir do que é hoje o mundo atual das organizadas, que é só esculhambar o outro time, falar da própria torcida, esculhambar a outra torcida, como se isso fosse ajudar em alguma coisa o clube. Isso é o motivo da nossa existência, né”. (YGOR)*

O Setor parece surgir nesse cenário de disputas torcedoras, e essa fala se conecta a uma diferença de posições, a qual apontar o dedo para o outro e dizer “torça como nós”, negativizando-o moralmente, é também uma tentativa de apontar o caráter problemático na ação deste outro. É pelo menos nesse sentido de uma concepção de outro *habitus* torcedor que as narrativas foram sendo construídas pelo que fui ouvindo e observando no campo. Essa “busca” de participar de forma diferente foi demonstrada nas relações do jogo principalmente por meio das performances e de uma linha de conduta, a qual eles chamam de “ideologia do Setor”.

### **2.3 O torcedor no Setor**

Para encenar uma performance nas arquibancadas durante uma partida de futebol, ou em outros locais, é importante que os membros do Setor sigam a linha adotada pela equipe. Desde os primeiros contatos com a torcida, percebi que a essa “linha de conduta” eles costumavam se referir como sendo a “ideologia do Setor”. Quando questionei alguns membros sobre o que seria essa “ideologia”, o presidente da torcida deu-me uma explicação acerca dessa palavra: “É como se fosse um guia pra gente seguir e acompanhar o Ceará seguindo exatamente essa linha” (YGOR).

Poucos dias antes dessa entrevista com Ygor, ainda em dezembro de 2014, ele havia repassado uma série de orientações aos membros do Setor Alvinegro por meio dos grupos de discussão no *whatsapp*<sup>79</sup>, como por exemplo a de não ir mais ao estádio vestindo camisas da torcida, mas sim do time do Ceará, bem como a de dar prioridade a entrada da

---

jogo, há também disparidades e desigualdades de ações dentro dessas torcidas. Explorarei mais essas relações no Capítulo 4.

<sup>79</sup> *Whatsapp* é um aplicativo desenvolvido para celulares, por meio dos quais as pessoas podem se comunicar de forma gratuita através de mensagens de texto, imagens, fotos, vídeos e outras mídias. Os usuários podem ainda formar grupos de conversas com grandes quantidades de participantes.

bateria nas partidas. Em janeiro de 2015, na retomada das atividades do Setor nas arquibancadas, uma dessas orientações foi repassada para o grupo deles no *Facebook*, no qual estão registrados 1.650 membros:

*NOTA OFICIAL – SETOR ALVINEGRO*

*Aos membros, colaboradores e amigos do Setor Alvinegro:  
Informamos que, a partir do dia 15/01, no jogo Ceará x Itapipoca, o Setor Alvinegro retomará o ideal de usar apenas camisas do Ceará Sporting Club. Portanto, pedimos que seja evitado o uso das camisas do Setor Alvinegro (todas já confeccionadas).  
Contamos com a presença e o apoio de todos para a arrancada do Ceará na temporada 2015.*

Para que os membros do Setor cooperem mutuamente a fim de interagir com outras equipes durante o jogo, a “ideologia” deles tem que estar bem definida e em harmonia. É importante que todos os membros saibam exatamente o que devem fazer e como devem proceder para que a performance seja mantida do início ao fim da interação de acordo com aquilo que é esperado pelas outras equipes. Aprofundarei mais sobre essa dinâmica nos próximos capítulos. Aqui, gostaria de ressaltar alguns aspectos que tornem mais claro o que o Setor chama de “ideologia”.

Creio que cada uma das equipes neste jogo tem uma “ideologia”. Isso foi dito várias vezes e por diferentes membros do Setor, ou em conversas informais, ou em entrevistas com alguns dos meus interlocutores. Teixeira (2003) abordou assunto semelhante ao falar sobre as jovens torcidas cariocas. Para a autora, as torcidas podem tomar determinadas posições e ter concepções diferentes frente a brigas, por exemplo, de acordo com a “filosofia de torcer” de cada uma delas. Essas “filosofias” dizem respeito “ao conjunto de princípios e objetivos que norteiam sua ação. [...] Quando a filosofia é de briga, há o incentivo à luta, vai-se ao estádio predisposto a ‘bater’, a arrumar confusão” (TEIXEIRA, 2003, p. 136 e 137).

Essas “filosofias de torcer”, coadunam com o conceito de “ideologia” a partir de Ricoeur (1990), para o qual sua função geral está ligada “à necessidade, para um grupo social, de conferir-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar” (RICOEUR, 1990, p.68). A partir dessa função geral, a “ideologia” tem, para Ricoeur (1990) determinadas características. A saber:

- a) A “ideologia” tem uma relação direta com seu próprio advento. Seu papel não é apenas o de propagar a convicção inicial, mas perpetuar essa efervescência como um credo, uma condição mobilizadora e justificadora;

- b) Ela possui dinamismo. Ela é movida pelo desejo de demonstrar, na prática, que o grupo que a professa tem razão de ser o que é. Ela é mais que reflexo, é justificação e projeto;
- c) Ela é simplificadora e esquemática. Ela é um código para “se dar uma visão de conjunto”. Há, nesse sentido, uma transformação de um sistema de pensamentos em sistema de crenças. Visando a eficácia de suas ideias, ela é racionalizadora e se expressa preferencialmente “por meio de máximas, se slogans, de formas lapidares”;
- d) Ela é operatória, e não temática. “Opera mais atrás de nós do que a possuímos como um tema diante dos nossos olhos”. Por isso, talvez seja impossível se formular tudo por meio dela. Também por isso esse caráter de não-transparência, de distorção;
- e) O quinto traço é o de intolerância e resistência ao novo. “O novo só pode ser recebido a partir do típico, também oriundo da sedimentação da experiência social”. Todo grupo apresentaria traços de ortodoxia, estreitando as possibilidades de interpretação dos acontecimentos. Essa sedimentação pode levar a uma espécie de “enclausuramento ideológico”.

Essas características perpassam e dialogam com o conceito nativo de “ideologia” suscitado em campo. Uma das “máximas” e slogans criados pelo Setor Alvinegro, e muitas vezes repetidos pelos membros em conversas ou entrevistas é a de que “o time do Ceará está acima de tudo”. Independente do time estar atuando bem ou mal, conforme Figura 4. Parece-me que “o jogo continua” e a performance tem que ser conduzida de acordo com a “ideologia” deles até o fim da encenação.

*“Eu sempre via o Setor Alvinegro como a torcida que apoiaria o Ceará durante os noventa minutos. Não iria parar de cantar, não iria parar de apoiar, não iria pregar a violência. Que ia ser Ceará acima de tudo. E eu sempre vi também o Setor como uma forma de ter orgulho do seu time. Sempre. Sempre foi pregado isso. E foi isso que me atraiu no Setor”. (LARA)*

*“É uma ideologia de barra brava, que tá lá pra apoiar o time incondicionalmente e independente de resultado, de status, do que quer que seja. Se ele tá bem, a gente vai apoiar o jogo todo. Se tiver perdendo, a gente vai apoiar durante os noventa minutos. Se tiver achando ruim, quiser protestar, a gente vai fazer isso, mas só depois dos noventa minutos. Mas enquanto os jogadores estão em campo, o Setor vai tá lá fazendo sua função”. (SILVIO)*

Figura 4 – Banner de divulgação do Setor Alvinegro nas redes sociais



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro.

Assim, a “ideologia” se traduz numa forma de ser do Setor Alvinegro. Em linhas gerais, parece-me que essa torcida tenta entrar em um jogo que é configurado também por outros jogadores, mas buscando uma identidade própria para a performance com a qual se comunicam. Dessa forma, sua “ideologia” ou “filosofia de torcer” se materializa nos estádios, antes ou depois das partidas de futebol, nas redes sociais na internet, e nas relações com familiares e amigos, criando as condições para um jogo de classificações em torno da ação torcedora. Nos próximos capítulos, trago mais descrições das performances vistas no campo de pesquisa. Destaca-se o momento da partida de futebol e o local destinado a ela, mas também uma miscelânea de ações e relações formadas na dinâmica entre os diversos jogadores.

### 3 ESTÁDIO: A SEGUNDA CASA

*“Todo mundo está ali no mesmo ideal. Quando é gol, todo mundo se abraça. E é aí que você se sente em casa. Pelo menos, eu me sinto assim. Eu me sinto à vontade. Estou muito estressada, mas quando eu piso no Castelão ou no PV, ou qualquer outro estádio, dá uma paz, uma paz muito grande”.* (Lara)

*“No meio de algumas organizadas não é muito interessante você levar sua família. Até pra garantir sua integridade física. A gente sabe que tem pessoas infiltradas nessas organizadas, onde o intuito não é torcer. O intuito é roubar, fazer baderna. Então, pra evitar um estresse maior, existem locais e locais dentro do estádio”.* (Ricardo)

A partida começa às quatro da tarde no Castelão, mas antes de uma da tarde o Setor Alvinegro se reúne. Ou melhor. A reunião começa a ser organizada por meio de comunicações móveis no decorrer da semana, como os grupos de *whatsapp* nos celulares. Assim, um pode mandar uma mensagem enquanto está no trabalho, outro enquanto estuda ou assiste a algum programa de televisão. Entre as preparações para a partida, decidir aqueles que ficarão responsáveis por enviar ofício à Polícia Militar<sup>80</sup>. “Quem vai ajudar a levar os instrumentos?”, pergunta alguém no grupo. “Quem vai poder me dar carona? Tô aqui pelo lado do Montese<sup>81</sup>”, pergunta outro. Aos poucos os principais assuntos referentes a uma partida de futebol são levantados, dentre eles: o que o Setor vai fazer no jogo?

O material para executar as performances, bandeirolas, faixas, tirantes, instrumentos musicais, ficam geralmente guardados sob a responsabilidade de um dos dirigentes da torcida. Este se comunica com outros membros da torcida para decidir quem se encarregará de entrar mais cedo no estádio para organizar a distribuição dos materiais: pendurar faixas, organizar o local da bateria, amarrar tirantes e trapos. Quem não entra cedo, geralmente, fica responsável por comandar o “esquenta” – uma espécie de sociabilidade pré-jogo, na qual há presença de muita bebida alcoólica e música.

---

<sup>80</sup> Antes de todas as partidas, a torcida organizada deve enviar um e-mail à Polícia Militar informando quais os instrumentos e demais adereços, como faixas e bandeiras, levarão ao estádio. Sem essa comunicação prévia, a torcida organizada não pode entrar munida desses materiais.

<sup>81</sup> Montese é um bairro de Fortaleza, bem próximo ao bairro do Benfica, onde está localizado o Estádio Presidente Vargas, local onde o Ceará atua com frequência.

Normalmente, cada membro do Setor chega ao estádio por conta própria, exceto quando algum oferece carona a outro que mora próximo. O trajeto de casa até o estádio é feito quase sempre de carro. Alguns levam filhos, esposa, namorada. Poucos são os que vão de ônibus, passando pelos terminais da cidade, onde podem ocorrer alguns confrontos entre torcidas organizadas.

Para o Setor, essa preparação durante quase uma semana inteira antes da realização de uma partida de futebol é fundamental para as discussões acerca dos usos que farão do estádio. A esse espaço – o estádio – são dados diversos sentidos pelos torcedores. Isso varia de acordo com as suas experiências como torcedor, passando pela intensidade de relação que ele estabelece com o jogo e com o time. Um torcedor de organizada pode fazer o trajeto até o estádio com membros de sua equipe, bem como um torcedor comum fazer esse mesmo trajeto de forma mais “reservada”. Ao chegar ao estádio, o local em que se assiste à partida e a forma como se assiste também parece ser bastante diversa.

É principalmente no espaço público do estádio que se estabelecem as relações entre os torcedores, e entre torcedores e demais jogadores, criando assim condições para que o jogo de classificações ganhe vida. Assim, esse espaço se apresenta, conforme Arendt (2009), como um espaço comum, que significa “ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam”, e também como uma aparência que constitui a realidade, na medida em que vemos e ouvimos os outros, ao passo em que somos vistos e ouvidos. Desse modo, a presença de outros que “veem o que vemos e ouvem o que ouvimos” garante a realidade do mundo e dos diversos sujeitos.

Parece-me ainda interessante aqui dialogar com duas ideias que perpassam o debate em torno do jogo. A primeira é de um estádio como espaço de ações, tomada de decisões, chances, apostas, derrotas, vitórias, numa abordagem de compromisso com o jogo, tal qual sugerida por Goffman (2012a): “sem compromisso, sem chance”. A segunda é do estádio como *lugar*, a partir do conceito de Leite (2002), no qual se erguem fronteiras simbólicas de acordo com os usos que se fazem de determinados espaços. Assim, entendo o estádio como um espaço de interações e interdependências, donde me comprometo a jogar com o outro, mas também de segregação, já que cada um tem seu devido *lugar* quase que pré-determinado. Tanto os compromissos com o espaço da performance, como as fronteiras que tentam ser estabelecidas, dialogam com a proposta de compreensão do jogo de classificações que parece se desenvolver nas arquibancadas.

Neste capítulo investigo o(s) sentido(s) que é (são) dado pelos torcedores ao estádio. Um lugar onde a ação e as performances acontecem, onde as corporalidades e composições estéticas de gestos, gritos e xingamentos se transfiguram como parte da construção de identidades torcedoras, nomeadas por estilos ou ideologias, conforme discutido no capítulo anterior. Essas diferenciações se territorializam em espaços que “dão vida e emoção” ao jogo – aquele que acontece no gramado –, mas também ao jogo – aquele que ocorre nas arquibancadas.

### 3.1 Um lugar de sentimentos

Quando Lara põe os pés no Castelão, ela tem uma sensação de paz: “Todo mundo está ali no mesmo ideal. Quando é gol, todo mundo se abraça. E é aí que você se sente em casa. Pelo menos, eu me sinto assim. Eu me sinto à vontade”, disse-me em entrevista. A ideia de um local pacífico pode chocar àqueles que têm uma imagem inicial do estádio apenas como um espaço de confrontos, discussões acaloradas e brigas.

Talvez este espaço “pacífico” esteja em conformidade com o que Lara diz logo em seguida: “é aí que você se sente em casa”. Muitos membros do Setor Alvinegro se apresentaram em situação semelhante ao falar sobre o estádio. A visão de interpretá-lo como um segundo lar<sup>82</sup>.

*“O estádio é a nossa segunda casa. É onde a gente se sente em casa. Eu, praticamente toda semana durante o ano, estou pelo menos um dia dentro do estádio. Eu durmo em casa todo dia, mas se eu pudesse todo dia assistir a um jogo no estádio, eu ia”.*

A fala de Ygor complementa a de Lara e a de muitos outros torcedores. Foi comum ouvir membros do Setor dizendo que “o estádio era a casa do Vozão”, ou “aqui não tem quem ganhe da gente”. O Castelão e o Presidente Vargas, os dois estádios nos quais o Ceará “manda”<sup>83</sup> seus jogos, são para muitos deles como um espaço no qual o torcedor pode expressar com mais intensidade sua relação clubística (ver Figura 5), conforme discuti no

---

<sup>82</sup> Para Schutz (2012), o “lar” significa, para a maioria das pessoas, a vida em grupos primários reais ou potenciais. “Significa ter em comum com outros uma seção do tempo e do espaço, assim como os objetos do entorno enquanto fins e meios possíveis, bem como interesses baseados sobre um sistema de relevâncias subjacente que é mais ou menos homogêneo” (SCHUTZ, 2012, p. 323). No caso dos torcedores, os interesses semelhantes são os de interagir de alguma forma no e com o jogo.

<sup>83</sup> “Mandar” um jogo significa atuar no estádio que é considerado “a sua casa”, geralmente localizado na cidade em que o clube é sediado. Há estádios privados, que pertencem aos clubes que neles disputam suas partidas. Outros são de propriedade do Estado, sendo gerenciados ou pelos poderes executivos (prefeituras, governos estaduais ou federal) ou por empresas que obtêm a concessão para tal.

capítulo anterior. Mesmo não desconsiderando que há diversos tempos e espaços dedicados a se expressar essas paixões clubísticas, é principalmente no estádio que se torce, e se mostra que se torce.

Figura 5 – Membros do Setor com caras pintadas em preto e branco no Castelão



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2012).

Além dessa convergência de sentimentos clubísticos, os estádios representam, como na ideia de Schutz (2012), um “lar”, “o ponto de partida e o de chegada” para o torcedor. É pensando e planejando a ação que vai ocorrer no estádio (ou em torno dele) que faz com que muitos membros do Setor se mobilizem durante a semana quase inteira e tomem decisões sobre o que vão levar, de que forma vão mostrar e que atitudes vão ter caso algo não ocorra como ensaiado. Um exemplo interessante pode ser visto a partir das minhas anotações de diário de campo de 7 de novembro de 2014:

*Era uma sexta-feira. O jogo começaria às 20h. O Ceará estava ainda com chances boas de conseguir o acesso para a Série A do Campeonato Brasileiro. A partida era contra o Atlético Goianiense. O jogo tinha tudo para ser bem difícil. Por isso, o pessoal passou a semana quase toda planejando voltar para as cadeiras inferiores – onde o Setor Alvinegro começou sua história. Era o que eu mais tinha os visto falar naquela semana: “A gente precisa voltar com tudo pras inferiores”.*

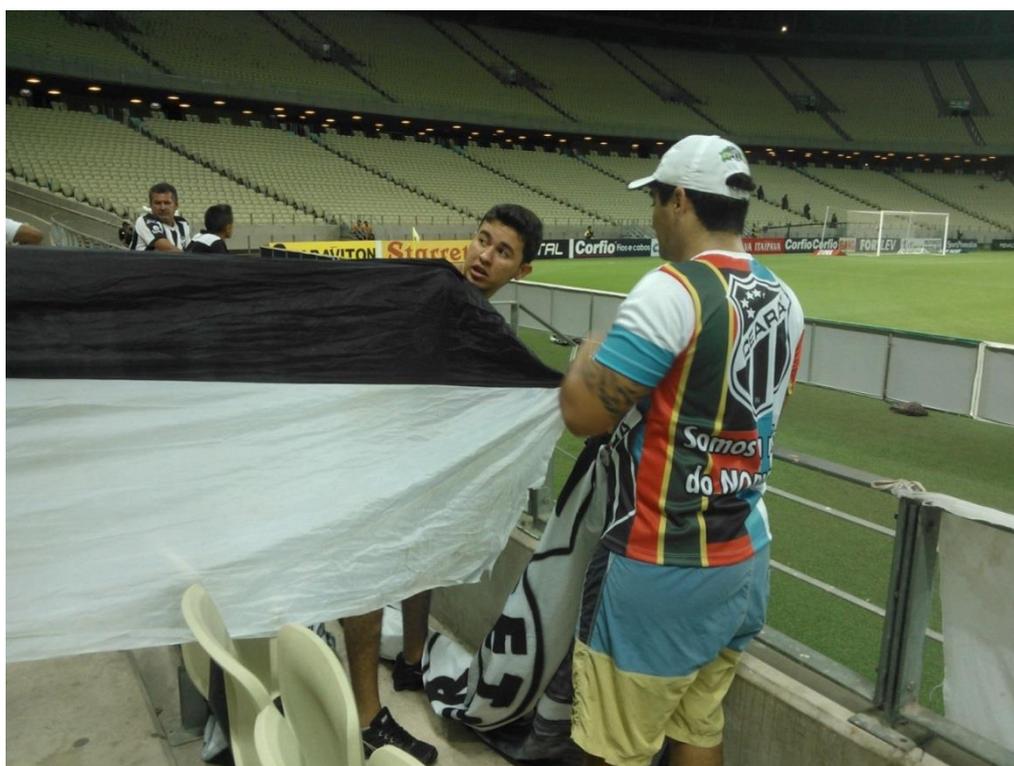
*Bem antes das oito da noite, algo em torno de 18h, uns dez membros do Setor estavam lá no Castelão para entrar com os tirantes. Entrei*

*depois deles naquele dia, e me dirigi imediatamente para onde eles estavam nas inferiores. Ajudei-os a amarrar os tirantes. Eles ocupavam quase um setor inteiro de cadeiras com os tirantes, não que eles tivessem umas duzentas pessoas para ficar ali, mas os tirantes ocupavam bastante espaço (ver Figura 6). Outros torcedores que se encontravam ali foram ajudando, mesmo sem fazer parte do Setor. Alguns deles indicavam: “Puxa mais para esticar direito e ficar bonito”.*

*As cadeiras inferiores são bem próximas do gramado, o que facilitava o grande objetivo de “voltar com tudo” naquele dia. O que já vinha sendo planejado a semana inteira foi redito pelo Ygor ao pessoal do Setor:*

*“Atenção, galera! Hoje o objetivo principal é apoiar, apoiar e apoiar. Nada de ficar parado ou sem cantar. A gente tem que dar o gás. Então vamos cantar sem parar porque o time tá precisando da gente”.*

Figura 6 – Tirantes sendo colocados nas cadeiras inferiores do Castelão



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2014).

É, portanto, esse sentido inicial de “lar”, de um local conhecido e no qual se partilha com outros torcedores sentimentos de pertencimento e de envolvimento com o jogo que pude perceber a partir das narrativas e entrevistas com membros do Setor Alvinegro. A seguir, investigo algumas decorrências desse espaço, que parece agregador, mas, por vezes,

também pode ser compreendido como segregador pelos mesmos torcedores – e de que modo ele se insere como palco desse jogo de classificações.

### 3.2 Um lugar de comunicação

O espaço para onde se convergem sentimentos semelhantes, mas dentro de um ritual de caráter disjuntivo – o jogo – é também espaço para a interação entre diversos torcedores e “ideologias” de torcer. Primeiramente, destacarei o caráter de comprometimento que o estádio – espaço principal do jogo – exige de seus diferentes jogadores.

A interação entre as diferentes torcidas entre si, criando um jogo a partir e em paralelo com um jogo de futebol, depreende de escolhas e posicionamentos. Conforme abordei no capítulo anterior, “torcer” é um processo de escolha. A forma de torcer – ou de atuar no jogo – depende também de um posicionamento ao qual se cria uma vinculação não apenas de sentimento (pertencer a um clube), mas também de comprometimento com um “estilo” de torcer.

O Setor Alvinegro se nomeia como uma torcida barra brava, o que denota uma “ideologia” de torcer, uma conduta a ser assumida e comunicada nas arquibancadas a fim de diferenciá-los das demais *equipes*. Assim, ao levar ao estádio bandeirolas, chapéus, tirantes (Figura 7), há uma intencionalidade nessa caracterização de um torcer:

*“As barras bravas fazem isso na América do Sul afora, por tudo que a gente vê. É bonito, chama atenção, sabe... Você ver as bandeirolas que acompanham os cânticos. Cantando, pulando e balançando as bandeirolas. Isso é pro jogador tá dentro de campo, olhando pras arquibancadas... os caras não param, e eu também não vou parar. Vou comer grama aqui e correr atrás da bola”. (ANDRÉ)*

Essa intencionalidade é o que Goffman (2013) caracteriza como o objetivo geral da equipe, qual seja o de “manter a definição da situação que sua representação alimenta”. Isso faz com que o Setor Alvinegro ressalte os aspectos que o caracterize como uma barra brava e talvez diminua ou até omita o que o caracteriza como uma torcida organizada “tradicional”<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> Pode-se pensar, por exemplo, o signo da violência. Geralmente, o assunto é tratado pelos membros do Setor Alvinegro como se fosse algo que não pertence à equipe deles, como se a violência no futebol fosse pertinente a um estilo de torcer das organizadas. As barras bravas sul-americanas possuem um histórico de violência em estádios de futebol. No Brasil, porém, parece haver uma ressignificação desse estilo, como abordei no capítulo anterior. Seriam barras bravas no Brasil torcidas com determinados comportamentos no jogo: músicas com referência à paixão, mais lentas que as batidas de funk, de costume.

Figura 7 – Setor Alvinegro e seus elementos de performance nas arquibancadas



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014).

No principal espaço da ação – o estádio – essa performance do Setor Alvinegro deve, portanto, ser exercida com algum cuidado. Os noventa minutos em que a bola está “rolando no gramado” representam um momento decisivo dentro do jogo. Se as chances em campo são da ordem do “ganhar ou perder”, nas arquibancadas parece circular uma expectativa semelhante. “Ganhar ou perder” pode estar relacionado a não desempenhar a performance adequada para o jogo, ou em não coadunar a “ideologia” da torcida ao que é apresentado nas arquibancadas. Lara, por exemplo, criticou o Setor Alvinegro por estar com uma “ideologia” muito parecida com a da Ceará Chopp:

*“O pessoal é meio cabeça fechada. O pessoal ainda tá naquela fase de: vamo beber! Vamo beber que aqui tem! Vamos pra festa da FEC Beer<sup>85</sup> porque a gente é uma torcida chopp. Pra mim, não tem sentido. Mas eu acredito que eles irão retomar esse ideal de noventa minutos e tirar isso da cabeça de torcida chopp, porque eu acredito que isso não leva ninguém a lugar nenhum”. (LARA)*

O que depreende que os membros das equipes possuem informações importantes sobre as performances que devem executar no jogo. A mudança de “planos” ou de comportamento pode alterar também a compreensão que os próprios membros têm da torcida. Como, por exemplo, a aproximação com a “ideologia” da Ceará Chopp pode gerar críticas “de dentro” da torcida. O comprometimento com a equipe passa, desta maneira, por uma

<sup>85</sup> Torcida com características de “torcida chopp” do Fortaleza.

defesa do papel a ser desempenhado por ele, enquanto ator, e por sua equipe de forma geral. A contribuição para a performance da equipe e a munção de informações marcam o indivíduo, conforme Goffman (2013), como alguém que está “por dentro” de determinada “ideologia”, acentuando sua separação dos demais torcedores.

Comprometidos com o jogo – e com a dinâmica inerente a ele – as equipes parecem conhecer um pouco mais umas sobre as outras, o que pode levá-las ao diálogo e companheirismo de um lado ou a falta dele, a violência de outro. Goffman entende que essa interação depende em muitos casos da impressão oficialmente transmitida ao outro.

Quando duas equipes se encontram uma com a outra com objetivo de interação, os membros de cada uma tendem a sustentar como linha de ação que eles são o que afirmam ser; tendem a permanecer a caráter. [...] Ao mesmo tempo, cada equipe tende a suprimir sua cândida opinião de si mesma e da outra equipe, projetando uma concepção de si e uma concepção da outra relativamente aceitável para esta. E, para assegurar que a comunicação seguirá pelos estreitos canais estabelecidos, cada equipe está preparada para ajudar a outra, tácita e discretamente, a manter a impressão que está tentando causar (GOFFMAN, 2013, p.183).

### 3.3 Um lugar de divisões

Visto que as equipes possuem performances distintas, por seguirem linhas de condutas também distintas, os estádios surgem como miscelâneas de estilos e formas de “estar no jogo”. Assim, o espaço onde equipes interagem pela e a partir da dinâmica do jogo é também um espaço no qual as performances são encenadas de formas sistemáticas a fim de demarcar ou acentuar a comunicação dessas diferenças.

Ideias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões, têm como sua função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado (DOUGLAS, 2012, p.15).

Desta maneira, as diferentes performances acentuam não apenas as “ideologias” presentes nos estádios, mas também se materializam por meio das divisões de *lugares* nas arquibancadas. Geralmente, essas divisões são demarcadas pelas torcidas organizadas com faixas, bandeiras, instrumentos musicais e com os próprios corpos dos torcedores (mesmo quando esses não estão presentes<sup>86</sup>), de modo que, ao entrar no estádio, estes torcedores (de

---

<sup>86</sup> Percebi durante minha inserção em campo que mesmo quando os torcedores adversários não estavam presentes no estádio, muitos cânticos e xingamentos eram direcionados para os *lugares* que costumavam ficar. Por exemplo, a Cearamor quando canta uma música direcionada para a TUF, mesmo quando não é uma partida

um modo geral, mas principalmente aqueles que vão com frequência) já sabem para onde se encaminhar. Leite (2002, p.123) compreende o *lugar* como

Uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente. Um lugar é, assim, um espaço de representação, cuja singularidade é construída pela “territorialidade subjetivada”.

Assim, os usos feitos desses espaços pelos diferentes torcedores e equipes parecem, por suas práticas e formas de “estar no jogo”, construir as demarcações simbólicas do torcer nas arquibancadas dos estádios. Por exemplo, em suas experiências etnográficas no estádio João Havelange, também conhecido como Engenhão, no Rio de Janeiro, Curi (2012) identificou, entre outras coisas, dois tipos de torcedores nas arquibancadas. O primeiro deles esperava ter conforto no estádio durante a partida de futebol, por isso escolhia ficar em locais onde pudesse assistir a tudo sentado, longe do “barulho” que as torcidas organizadas faziam. Outro torcedor já preferia ficar perto das organizadas, onde podia ouvir e cantar as músicas, o que representava para ele ter uma relação de “mais emoção” com o jogo. Ou nas palavras de um de meus interlocutores do Setor Alvinegro,

*“tem pessoas que não gostam de estar no meio de torcida organizada. Então, as pessoas que não gostam de torcida organizada já não vão sentar naquele local porque sabem que ali é o local de uma torcida organizada. E as que não gostam, quando a gente chega e começa a colocar nosso material, dizem: aí, tira isso daqui que tá me incomodando. Aí a gente diz: galera, isso aqui é o local do Setor, então a gente tem o direito de tá fazendo isso daqui. Se você não tá gostando, vá pra outro local”.* (SILVIO)

As demarcações feitas pelas torcidas acionam os usos desses *lugares* nas arquibancadas, que passam de meros locais nos quais se podem acompanhar uma partida de futebol para *lugares* das mais diversas torcidas. Quando perguntei a Ygor sobre como haviam escolhido determinados espaços para “se instalarem”, sua resposta deu pistas para pensar a lógica embutida nessa escolha:

*“A gente primeiro vê quem são as tradicionais, que é a Cearamor, a MOFI e a Ceará Chopp. Porque elas vieram antes da gente. Então os caras já ficam naquele espaço ali. Então a gente escolhe outro local. Eu prefiro ficar no centro do campo.*

---

entre Ceará e Fortaleza, faz movimentos e gestos corporais também direcionados ao espaço na arquibancada no qual a TUF costuma torcer. Assim, infere-se que a incorporação do lugar ultrapassa os limites da presença dos sujeitos nos espaços das arquibancadas designados como “seus lugares”. Abordarei mais sobre esse fato no Capítulo 3.

*Porque eu consigo assistir ao jogo e os jogadores conseguem escutar melhor do meio do campo. Ao contrário, por exemplo, se você estiver só de um lado da arquibancada, e o time estiver atacando pro outro lado, o time não vai te escutar. Principalmente também pela adrenalina do jogo, aí é muito complicado. Mas fica muito mais difícil escutar. Eu preferia no centro do estádio. Mas no PV, por exemplo, a gente não fica no centro por respeito aos torcedores comuns, que a maioria a gente consegue identificar que eles ficam ali. Aí pra gente ficar ali seria como tomar o lugar deles, como se fosse uma ofensa ou algo do tipo. Aí a gente escolhe um local que seja neutro, que dê pra gente ficar tranquilo e dê pra gente torcer normal”. (YGOR)*

A escolha passa, portanto, por uma leitura e interpretação de outras demarcações existentes, seja a de torcidas “tradicionais” ou de torcedores comuns. Os espaços, uma vez construídos socialmente como *lugares* de certas relações “adquirem” o status dos sujeitos que fazem uso deles. Assim, os torcedores conseguem, ao entrar no estádio, perceber os *lugares* das torcidas organizadas e os *lugares* dos torcedores comuns, donde as atuações nos jogos são diferentes.

O Setor Alvinegro tem seus *lugares* demarcados no Castelão e no Presidente Vargas. Para além disso, tem uma espécie de mapa<sup>87</sup> que tipifica e organiza a distribuição das diversas torcidas e torcedores nesses estádios, conforme as Figuras 8, 9, 10 e 11.

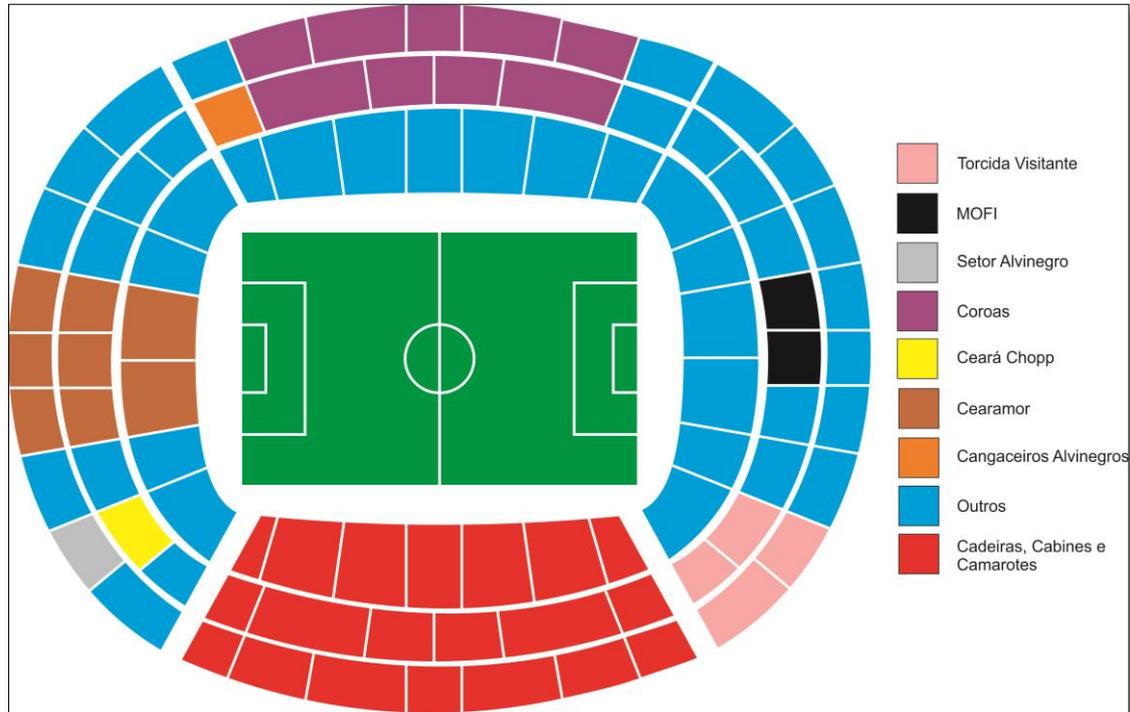
Figura 8 – Divisão do Estádio Castelão em Clássico-Rei



Fonte: Elaborado pelo autor (2014).

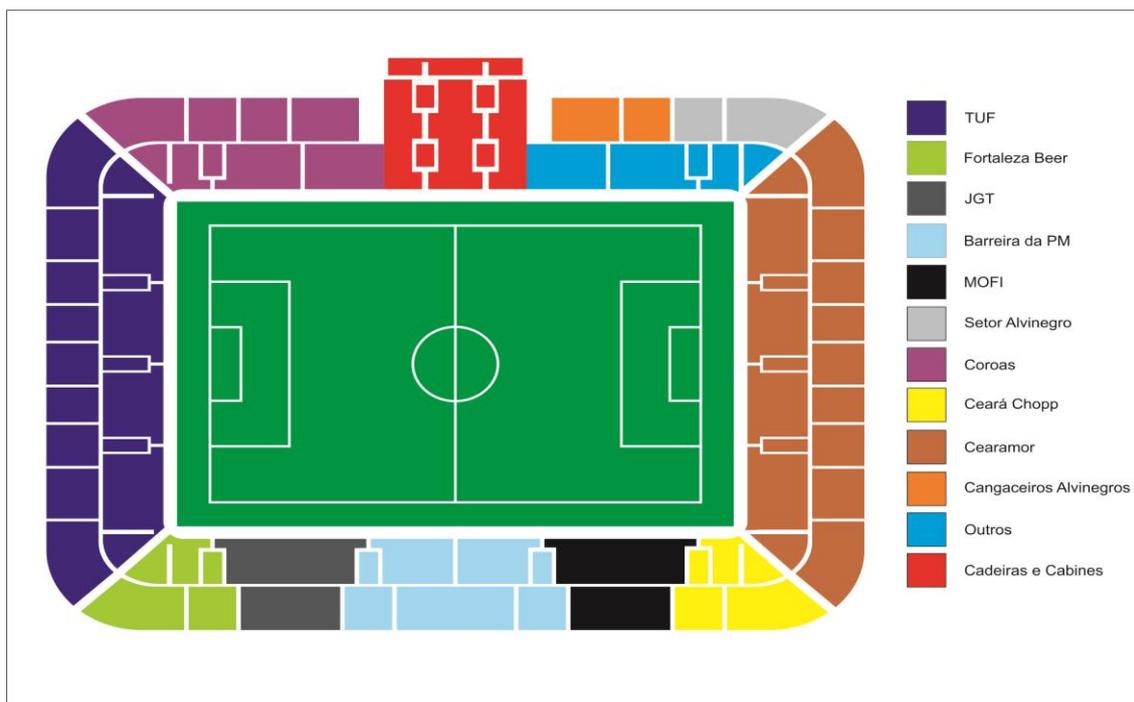
<sup>87</sup> Esses mapas foram construídos a partir da pergunta que eu lancei a eles em uma reunião a qual participei: onde ficam posicionadas cada uma das torcidas no PV e no Castelão?

Figura 9 – Divisão do Estádio Castelão em partidas comuns



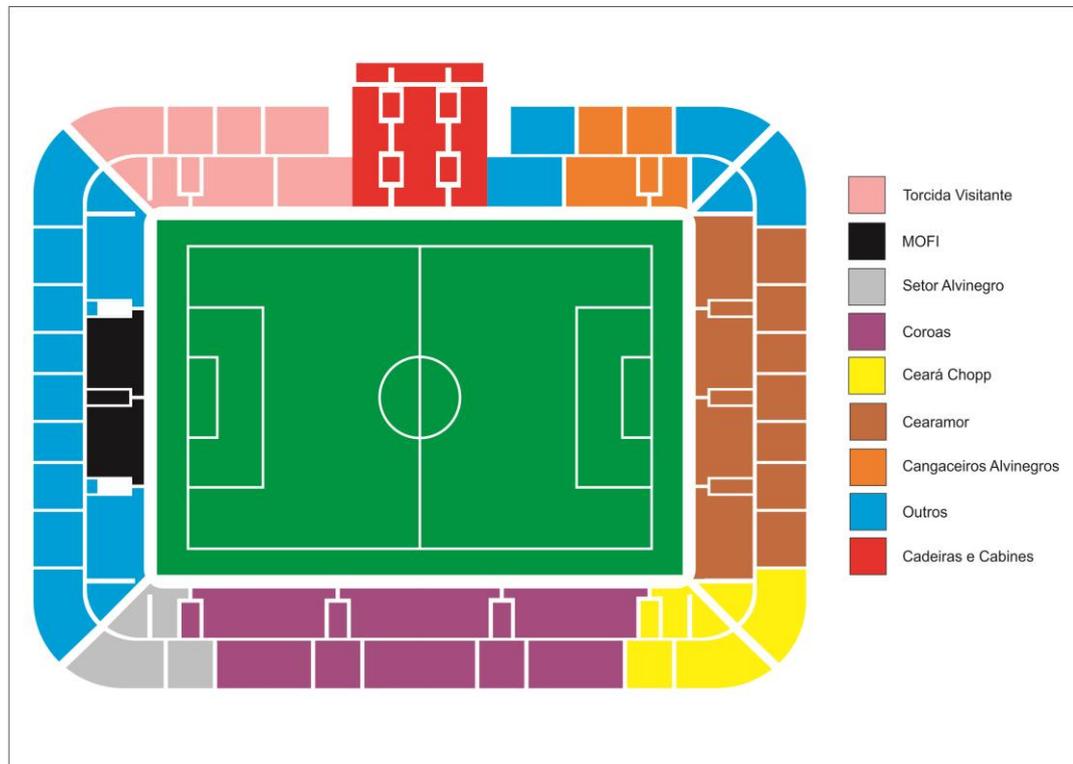
Fonte: Elaborado pelo autor (2014).

Figura 10 – Divisão do Presidente Vargas em Clássico-Rei



Fonte: Elaborado pelo autor (2014).

Figura 11 – Divisão do Presidente Vargas em partidas comuns



Fonte: Elaborado pelo autor (2014).

Pelos mapas, observa-se que os maiores espaços de torcidas organizadas são destinados para Cearamor e TUF, quando em Clássico-Rei, tanto no PV como no Castelão. Esses espaços são também diametralmente opostos. Assim, as duas torcidas organizadas mais tradicionais podem jogar uma com a outra constantemente, seja por meio de músicas, xingamentos ou gestos. Outra parte considerável do estádio é entendida como *lugar* para “outros” torcedores. Estes seriam torcedores que não se caracterizam por acompanhar as partidas de futebol em meio às organizadas.

É importante, porém, salientar que essas demarcações de usos e diferenças não impedem que haja contatos e negociações entre as torcidas e demais torcedores. Sobre essas aproximações e conflitos, abordarei com mais profundidade no Capítulo 4. Por ora, gostaria de avançar a discussão sobre essas demarcações nos dois principais estádios em que o Ceará, bem como seus torcedores e torcidas, atuam: o Castelão e o PV.

### 3.3.1 Do Castelão ao PV

Há diferenças a serem discutidas no que diz respeito às performances executadas pelo Setor Alvinegro no Castelão e no Presidente Vargas. Primeiramente, os dois estádios

apresentam dimensões bastante distintas. Enquanto o Castelão tem capacidade para pouco mais de 64 mil pessoas, o Presidente Vargas abriga 20 mil torcedores. Assim, o primeiro seria o palco “dos grandes jogos”, e o segundo entendido como um verdadeiro “caldeirão”<sup>88</sup>. Dessa forma, e por não ser uma torcida muito numerosa, o Setor Alvinegro “cresce” no PV e “diminui” no Castelão.

*“A casa do Setor é no PV. O Castelão nos engole. Como o pessoal que frequenta o Setor fica variando entre 50 e 60 pessoas, não tem garganta suficiente pra cantar no Castelão. Já no PV a gente tem como chamar atenção. A gente já teve a oportunidade de ser a única torcida do Ceará presente no estádio e puxou toda a torcida do Ceará”. (ANDRÉ)*

“Engolidos” pela dimensão do Estádio Castelão. Este seria o principal impedimento para que o Setor Alvinegro conseguisse encenar suas performances com “êxito” e demarcar sua “ideologia” nas arquibancadas desse estádio. Do contrário, o Presidente Vargas parece ser o local onde o Setor Alvinegro consegue expressar de forma mais intensa sua “ideologia”. Em outras palavras, seria também o lugar no qual participa mais do jogo. Vejamos o que ocorreu numa semifinal de Campeonato Cearense, entre Ceará e Fortaleza, no PV, com o Setor:

*Cheguei ao Estádio Presidente Vargas por volta das 14h, no bairro do Benfica. O jogo era praticamente de uma torcida só, apesar de ser um Clássico-Rei. Era semifinal do Campeonato Cearense. O Ceará havia vencido o primeiro jogo por 3 a 0. O Fortaleza só poderia avançar à final do Estadual caso derrotasse o Ceará por uma diferença de quatro gols, o que acabou desanimando a presença do público tricolor.*

*Encontrei-me com a rapaziada do Setor Alvinegro em uma praça próxima ao estádio. Nesse dia, eles tinham uma missão especial. Combinaram com parte da diretoria alvinegra que levariam os instrumentos da bateria para o setor das cadeiras sociais, por trás do banco de reservas do Fortaleza, o que é uma posição onde normalmente não se localizam torcidas organizadas nos estádios. Geralmente, são famílias e o ingresso para esse local é mais caro que nas arquibancadas. A posição ali não era à toa. Eles tinham a missão de irritar o técnico adversário e os jogadores do Fortaleza que se encontravam no banco de suplentes para aquela partida.*

*Antes do jogo, o burburinho e excitação era em torno da seguinte fala:*

---

<sup>88</sup> Diz-se “caldeirão” estádios de dimensões menores, nos quais os torcedores ficam mais próximos do gramado e, assim, conseguem “pressionar” de forma mais intensa o time adversário.

*"Hoje nós vamos perturbar o juízo dele (Hélio dos Anjos<sup>89</sup>). Ele num instante fica doido".*

*Resolvi ficar nas cadeiras sociais junto com eles e acompanhá-los nessa empreitada. Eles eram os únicos no estádio com instrumentos musicais e bateria. Dias antes, três torcidas organizadas haviam recebido punições judiciais e estavam impedidas de entrar com qualquer tipo de material que as identificasse. Duas dessas torcidas eram do Ceará; a outra era do Fortaleza.*

*Como as sociais não recebem, via de regra, torcidas organizadas, a presença do Setor Alvinegro ali causou certo estranhamento aos frequentadores daquele espaço. Um senhor de mais idade alertava algumas famílias que ali chegavam.*

*"É melhor vir mais pra cá que aí vai ter barulho".*

*Outros, porém, acompanharam os gritos puxados pelo Setor. Logo o Setor começou a gritar e cantar contra os tricolores em uma das músicas mais conhecidas pelos torcedores do Ceará em geral:*

*"Arerê, Leão foi pra terceira se fuder ê-ê!".*

*Eram cerca de 12 membros do Setor naquele dia. Quase todos tinham algum instrumento de percussão. Um deles tocava o trompete, e apenas este não cantava enquanto tocava. Outros membros e pessoas que simpatizavam com o grupo estavam nas arquibancadas, ao lado das cadeiras sociais. Esses ficaram de fora por não terem comprado ingressos para as cadeiras ou não terem arranjado ingresso para aquele setor com ninguém.*

*O barulho naquela tarde vinha do Setor Alvinegro. Como já dito, nenhuma outra torcida estava com instrumentos musicais. Entre uma música e outra que cantavam, principalmente deles, perturbavam um pouco o juízo do técnico adversário.*

*"Cama, Hélio! Fica, Hélio! O Hélio vai treinar na Série D".*

*Em alguns momentos, conseguiam puxar algum cântico com os torcedores. No geral, porém, acabavam tocando bateria por músicas ainda puxadas pela Cearamor. Quando a Cearamor cantava alguma música deles próprios, dividia um pouco o Setor.*

*"Deixa eles cantarem isso sozinhos. Não vamos cantar isso não".*

---

<sup>89</sup> Técnico do Fortaleza, na ocasião.

*Esse tipo de comentário surgia principalmente em músicas que a Cearamor puxavam, mas que não tinha tanta repercussão no restante do estádio.<sup>90</sup>*

O Presidente Vargas proporciona, portanto, que o Setor Alvinegro consiga performances tão impactantes que, mesmo com a maior quantidade de membros vinculados à Cearamor, eles conseguem comunicar e expressar suas “ideologias”. É também por isso que muitas vezes ouvi deles que o PV é que era o *lugar* para eles. Esse vínculo afetivo se estabelece pela potencialização da sua interação com o jogo. Ou, nas palavras de Silvio: “No PV, nós somos muito mais fortes do que no Castelão”.

Figura 12 – Setor parece ter maior adesão de torcedores no PV



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2013).

### 3.4 Um lugar de festa

Antes de chegar às arquibancadas, os torcedores do Setor costumam criar uma sociabilidade<sup>91</sup> nos arredores dos estádios, seja do PV ou do Castelão. A essa forma de

<sup>90</sup> Retirado de meu diário de campo, do dia 12 de maio de 2012, no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza.

<sup>91</sup> Simmel (2006) entende a sociabilidade como “a forma lúdica da sociação”. Quando as formas adquirem, a partir da dinâmica do jogo, uma vida própria. Os torcedores, por exemplo, têm o sentimento e a satisfação de estar juntos conversando, bebendo, rindo, apenas pelo valor de estarem juntos, sem necessariamente envolver interesses próprios da equipe. O estádio é o local próprio da sociabilidade torcedora. No entanto, já mencionei que essa sociabilidade está para além do espaço e tempo da partida. Por exemplo, há pessoas que se reúnem em bares ou restaurantes para assistir ao jogo pela televisão. Em casa, o torcedor pode ainda optar por comprar um pacote de canais de televisão que exiba os jogos de determinada competição ao qual esteja vinculado seu time. A sociabilidade se estende ainda para conversas cotidianas, também citadas aqui. O foco, no entanto, é dado ao

sociabilidade, eles chamam “Esquenta”. Trata-se de uma espécie de festa, com a presença de diversas bebidas alcóolicas, música e conversas não somente em torno do time ou da torcida. Vejamos como ocorre, a partir de um extrato do meu diário de campo:

*Era a noite de uma terça-feira. O Ceará voltava a jogar pela Série B do Brasileirão depois da parada para a disputa da Copa do Mundo<sup>92</sup>. A partida ocorreria no Presidente Vargas. Havia muito burburinho em torno disso, já que o Setor Alvinegro se sente mais acomodado quando o time joga no PV. Durante a semana, eles haviam se juntado e discutido várias vezes para definir como funcionaria o Esquenta no PV.*

*Naquele dia, o local escolhido para o Esquenta ficava a duas quadras do estádio. Era um bar localizado exatamente em frente à sede da Ceará Chopp (ver Figura 13). Enquanto de um lado da rua havia um grupo musical tocando pé-de-serra<sup>93</sup>, o Setor organizava uma festa com muito pagode. Questionei ao André:*

*“Será que eles não vão achar ruim vocês ficarem aqui?”*

*“Não tem nada a ver. Os caras são de boa e eles estão comemorando o aniversário deles. Eles são acostumados a fazer esse tipo de festa. Então, a gente não pode interferir. Mas a nossa festa também não depende deles”.*

*De fato, a festa ocorria sem maiores problemas aparentes. Do lado de dentro do bar, cerca de seis rapazes, todos frequentadores do Esquenta do Setor, tocavam pagode. Nas mesas do bar, algumas pessoas ouviam o som alto, conversavam sobre assuntos do cotidiano, outros dançavam ou ficavam cantarolando as músicas.*

*Do lado de fora, a rua estava tomada de torcedores. Não apenas aqueles que passavam em direção ao estádio, mas também havia muitos que ficavam em frente ao bar. Muitos homens vinham acompanhados das namoradas, mas era comum também observar mulheres que vinham com outras mulheres, homens com outros homens. Parecia uma grande roda de amigos, apesar da dispersão das conversas por todos os lados.*

*A bebida alcóolica era o grande atrativo. Quase todas as pessoas seguravam copos ou estavam em torno de outras pessoas com bebidas. Com a proibição de venda de bebidas alcóolicas nos estádios brasileiros, o Esquenta é também um momento de beber antes de ir para as arquibancadas.*

---

estádio, pois é nele que se reúne a maior quantidade de torcedores num mesmo espaço, além da presença das torcidas organizadas.

<sup>92</sup> Durante a disputa da Copa do Mundo – principal torceio de futebol do planeta –, as competições entre clubes profissionais ficam paralisadas. Soma-se a isso o fato de que, em 2014, a Copa do Mundo foi disputada no Brasil.

<sup>93</sup> Ritmo musical de forró caracterizado pela presença dos instrumentos: zabumba, sanfona e triângulo.

*A maior parte dos membros da diretoria do Setor andavam com camisetas produzidas por eles. Durante o Esquenta, também se comercializam alguns produtos da torcida, como canecas, blusas, bonés. Neste dia, eles começavam a vender uma rifa que sortearia uma viagem ao Rio de Janeiro para o torcedor assistir à partida entre Ceará e Vasco da Gama.*

*“Nosso caixa tá melhorando muito com essas vendas”, disse-me André.*

*Nesse dia, não comprei nada deles. Mas em outros momentos já havia comprado camiseta, camiseta e uma caneca de chopp. Em todos esses materiais que adquiri havia impresso “Estamos Bêbados” – uma espécie de marca do Setor que também está presente em um de seus tirantes.*

*A música bem alta, que começou com pagode, passou por outros ritmos musicais como samba, sertanejo e forró. Nada ficava muito dissonante disso. Em certo momento, passou um grupo da Cearamor pela rua cantando suas músicas. Alguns membros do Setor que estavam na rua pararam de cantar. Outros, na maior parte gente que não frequenta o Setor, cantaram juntos com os membros da Cearamor<sup>94</sup>.*

Figura 13 – Esquenta próximo ao PV. Movimentação na rua, entre as festas do Setor Alvinegro e da Ceará Chopp



Fonte: Arquivo do autor (2014).

<sup>94</sup> Retirado de meu diário de campo, do dia 15 de julho de 2014, nas imediações do Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza.

O Esquenta se apresenta, portanto como uma espécie de apêndice à festa principal: o que vai ocorrer “lá dentro”. As emoções construídas nessa sociabilidade pré-jogo se mostram, como sugere Duvignaud (1983), tal qual “um corte de sequência”. O que não pode ocorrer “lá dentro” (no estádio), o que é da ordem do jogo, pode ganhar outros sentidos “lá fora”. A bebida alcoólica é um claro exemplo. Proibida nos estádios, ela se torna parte da festa e “subverte” a relação com o jogo. De modo que ela vira marca, estampa trapos, camisas, camisetas, canecas e até mesmo aparece nas músicas da equipe<sup>95</sup>. Esse tipo de comunhão trata-se, segundo Maffesoli (2014), de uma maneira de “fortalecer a solidariedade”, mesmo que implique também regras e determinadas obrigações para “a elaboração e manutenção da comunidade”: “Estar-junto inicial cujo cimento é mais emocional que racional” (MAFFESOLI, 2014, p. 114).

Figura 14 – Camiseta e canecas que são comercializados pelo Setor com a marca “Estamos Bêbados”



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014).

<sup>95</sup> Sobre as músicas, veremos especificamente no Capítulo 3.

A bebida alcóolica marca ainda uma forma de se preparar para desempenhar as performances que o jogo “lá dentro” irá exigir. O álcool seria como um elemento que os “desinibe” – uma espécie de combustível – e possibilita que eles gritem mais alto, cantem sem sentir desgaste físico, esbravejem, pulem e, de uma maneira geral, tenham o corpo mais desenvolto. É o caso, por exemplo, de Silvio:

*“É um casamento. Eu, pelo menos, não consigo me soltar e cantar da forma que eu quero se eu não estiver bêbado. Eu sou tímido, mas a partir do momento que tem bebida no meu organismo eu consigo me soltar, gritar, fazer as palhaçadas, sem ter vergonha de ninguém que tá perto de mim”. (SILVIO)*

Outra subversão ao jogo que ocorre “lá dentro” é a do próprio tamanho do Setor. Fora do estádio, a equipe consegue agregar outras pessoas que estão passando, escutam uma música e resolvem tomar uma cerveja próximo a eles<sup>96</sup>. É o que o Setor chama de “se fortalecer”. Em várias reuniões as quais participei com eles – em preparação para jogos –, eles comentavam como o Esquenta vinha ajudando a “divulgar a ideologia” deles. Em outras palavras, no Esquenta, o Setor parece mais forte; parece conseguir protagonizar a cena e fazer com que outras torcidas e torcedores os reconheçam dessa maneira.

Figura 15 – Esquenta reúne considerável número de pessoas antes de partida no Castelão



Fonte: Arquivo do autor (2014).

<sup>96</sup> Para Gennep (2011), “a comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto” é uma forma de “rito de agregação”. De forma que essa união “propriamente material” agrega até mesmo indivíduos considerados *estrangeiros*. No caso dos torcedores, alguém que não conheça exatamente o Setor Alvinegro ou sua “ideologia” pode, durante aquele rito de beber junto, sentir-se parte da equipe.

Desse modo, o Esquenta parece reforçar a posição, ou seja, a “ideologia” que o Setor representa no jogo. Além das demarcações de *lugares* dentro e fora dos estádios, essas sociabilidades atuam como tentativas de desempenhar um papel em cena, em consonância com uma conduta a ser seguida. Por isso, as músicas, as brincadeiras, as vestimentas e os demais materiais do Setor, atuam como parte desse desempenho prático da equipe, num cenário de várias possibilidades de atuações.

#### 4 MÚSICAS: AMOR E TERROR

*“Eu acho que é meio difícil querer que todos cantem “Ceará, eu te amo”, se o que é colocado é sempre outra coisa: “Leão, vai morrer na Serie C”, “Cai, cai, cai”, briga de torcida. Sempre foi colocado muito isso. Tem 30 anos que a Cearamor vem nisso. E quando você coloca uma música de amor, fica todo mundo meio que estranhando. No começo eu achava muito meloso. E ainda tem muita gente que acha, dentro do próprio Setor. É muito meloso cantar “Jamais verás em mim fraqueza”. É muito meloso e parece que você tá cantando pro seu esposo, sei lá. É difícil você querer que um povo que é acostumado à porrada, à violência, ao “tá ligado”, querer que todos cantem isso. Acho que é difícil e improvável. É muito trabalho mesmo fazer todo mundo cantar. Porque se for esperar que eles decidam cantar música de amor em vez de música de terror, é esperar demais.”. (LARA)*

A *polifonia* dos estádios diz muito não só sobre o local do jogo em si, mas onde cada uma das peças se encaixa nele: o vendedor ambulante, as vaias, o grito na hora do gol, a voz do locutor no radinho, a batucada das baterias, o apito do árbitro, entre tantos outros. O sujeito é também posicionado pelos enunciados sonoros. O termo desenvolvido por Canevacci (1997) em *A Cidade Polifônica* evoca, ao chegar a São Paulo,

Uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual os vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem, obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas (CANEVACCI, 1997, p.15).

São Paulo se apresentava como mundo novo e cheio de possibilidades ao *estrangeiro* Cavenacci. E a cidade tinha vida própria, dizia muito de si mesma pelos sons que, talvez, só o desnudamento auditivo de alguém que é “de fora” alcançasse ou questionasse. Assim, o perder-se como um *estrangeiro*, *desenraizado*, seria também para o autor uma proposta metodológica. Poderia eu deslocar-me sob a ótica do estrangeirismo num território aparentemente tão familiar como o estádio?

No início da dissertação, citei como as músicas criam determinadas *paisagens sonoras*. Elas demarcam que há formas de agir diferentes. A miscelânea de cânticos entoados por torcedores e torcidas organizadas compõem uma espécie de “jogo musical”, no qual a

forma como se canta pode posicionar o sujeito que está cantando. As músicas que reverberam a partir das arquibancadas dos estádios carregam significados que, muitas vezes, colocam em disputa reconhecimentos e “ideologias”. Elas surgem, então, como um sistema de práticas, convenções e regras de procedimento que funcionam como um meio de orientar o fluxo do jogo e dos jogadores<sup>97</sup>.

Neste capítulo, investigo como, por meio das criações e execuções de músicas, o Setor tenta se posicionar no jogo. As letras, a forma como se canta e até mesmo para quem se canta são alguns dos modos como os membros do Setor conseguem não somente interagir no jogo, mas também de identificar os outros jogadores e as próximas jogadas de cada um.

#### **4.1 Cantar para quê?**

Cantar é uma das principais formas de interagir no jogo, seja com os atletas, com os profissionais, com a imprensa ou com torcidas adversárias. Durante boa parte da minha permanência em campo com o Setor Alvinegro, percebi que algumas de suas preocupações giravam em torno da criação, ensaio, execução e divulgação dessas músicas. De modo que a fala de Ygor resume um pouco desta percepção:

*“Eu acho que todo torcedor deveria cantar o jogo inteiro porque é a única forma que ele tem de ajudar durante a partida. Porque depois não adianta chorar pelo que já passou, porque já passou. O papel do torcedor é cantar dentro do estádio”.*  
(YGOR)

Ser torcedor – portanto um agente no jogo, conforme discuti no primeiro capítulo – é também cantar no estádio, pois isso seria traduzido como a principal forma de apoiar o time. Tendo em vista a importância que se dá a essa maneira de atuação no jogo, o Setor Alvinegro utiliza as músicas como um modo de comunicar sua “ideologia”.

As torcidas consideradas pelo Setor como “tradicionais” têm ritmo e letras de músicas diferentes deles. Enquanto as organizadas já têm seus característicos funks, o Setor Alvinegro concentra-se em “levar para o jogo” um ritmo de batida mais cadenciado, mais lento, em referência aos cânticos, principalmente, de *barras bravas* argentinas e uruguaias. São as músicas conhecidas como “de alento”. Para Rodrigues (2012), a palavra pode designar

---

<sup>97</sup> Goffman (2012a) entende que esses sistemas de práticas e convenções valem para interações cujos episódios se caracterizam como unidades limitadas. “Essa unidade consiste da atividade total que ocorre durante o tempo em que um dado conjunto de participantes se ratificou para conversar e mantém um único foco de atenção em movimento” (GOFFMAN, 2012a, p. 41). No caso das torcidas, as equipes se mantêm em jogo constante durante uma partida de futebol.

uma canção (o “alento” em si), um verbo para cobrar maior incentivo quando a torcida esmorece (“Vamo alentar!”), ou até mesmo uma disposição, um modo de torcer (“torcida de alento”).

Rodrigues (2012) percebeu em seu estudo com a torcida “Geral do Grêmio”, uma nova modalidade torcedora: as “torcidas de alento”. Essas torcidas começaram a surgir no país no início da década de 2000 trazendo uma série de características como os cânticos de apoio constantes ao time, com a presença de menos palavrões e mais declarações de amor ao clube – construindo uma oposição aos modelos de músicas existentes anteriormente. Trabalho similar realizou Menezes (2010) com duas torcidas do Botafogo Futebol e Regatas, a “Fúria Jovem do Botafogo” e a “Loucos pelo Botafogo”.

No caso da “Loucos pelo Botafogo”, uma torcida de alento do clube, foram percebidas características semelhantes ao que fora levantado por Rodrigues, ou observadas também no Setor Alvinegro. Tais equipes

buscam um distanciamento da violência, atribuída às torcidas organizadas pelos meios de comunicação. Com o objetivo de diferenciação das torcidas organizadas e, logo, das práticas violentas institucionalizadas, esse grupos adotaram modelos de torcer que incluem práticas cada vez mais racionalizadas e organizadas (MENEZES, 2010, p. 59).

A interseção entre as condutas dessas torcidas implica uma problematização pertinente aos modos de “torcer”, de participar do jogo. Essa postura aparentemente pacífica e de declaração de amor incondicional ao time surgiria como uma opção “viável” e mais próxima da estética do futebol espetacularizado<sup>98</sup>, em oposição às práticas violentas de torcidas organizadas constantemente difundidas por meios de comunicação, o que colabora com o que discuti no Capítulo 1 ao falar sobre o fato de torcedores estarem “de saco cheio” das organizadas.

*“Se você canta uma musica de amor ao clube, quem tá ali dentro vai sentir. Pelo menos essa é a intenção, né? Caralho essa torcida que tá aqui ama esse clube e a gente tem que dar o sangue por esse clube também. Agora, música de violência, tipo “Vamo dar porrada no Leão”, “expulsa, expulsa”, cresce é aquele sentimento de ódio, de sangue nos olhos e tal, e isso a gente vê muito no campo também, principalmente quando é Clássico. Se a galera tá cantando “expulsa, expulsa”, aí o jogador vai dar carrinho e derrubar todo mundo que tá na frente. Eu acho que o jogador que tá ali dentro de corpo e alma, ele sente o que é que a torcida tá querendo passar”. (LARA)*

---

<sup>98</sup> Principalmente no que concerne às arenas de futebol construídas a partir do anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo. Tais arenas se caracterizam por um “padrão Fifa”, comercializando a ideia de mais conforto para os torcedores. Ao mesmo tempo, essas arenas possuem sistemas de vigilância mais sofisticados, interferindo diretamente sobre o comportamento de torcedores e torcidas.

Assim, parte da performance do Setor é no sentido de instituir uma modalidade de torcer, diferente do que eles conhecem tradicionalmente por torcida organizadas. As músicas constituem parte dessa identidade que tenta se marcar quase que o tempo todo nas arquibancadas (mas também fora delas, enquanto houver jogo a ser jogado). A marcação da diferença indica que o torcedor “deveria ser aquele que canta e declara seu amor ao time sem parar”, como na música abaixo:

*Não te esqueças meu VOVÔ  
Que quem mais te ama sou eu  
Sempre foi o teu AMOR  
Que minha alma aqueceu  
E no estádio te APOIAR  
Viveremos a cantar  
A caaaaaaantar.... VOVÔ, TE AMO<sup>99</sup>*

A principal relação que se faz entre jogadores e o time é da ordem do amor<sup>100</sup>. Essa comunhão sentimental, conforme Maffesolli (2014), é o que mobiliza a “força do contágio” e que auxilia na operacionalização das diferenças entre cantar no Setor e cantar em outras torcidas.

#### **4.2 Cantar para quem?**

Se cantar – e o que se canta – é uma forma de interagir com o jogo e uma demarcação de diferença, ela é também um modo de interação com os demais jogadores. Segundo o Setor Alvinegro, o direcionamento dos cânticos é uma das maneiras de se compreender e interpretar torcidas e torcedores. Para a equipe, a atuação do torcedor deve se direcionar ao que designa como “apoio incondicional ao time” – o que é traduzido no slogan do Setor: “Sou Ceará quando o time vai bem; sou Ceará quando o time vai mal”.

As músicas de alento devem, de acordo com o Setor, ser direcionadas para o time do Ceará. Músicas que contenham em suas letras incitações à violência ou que façam referência a outros times e torcidas não são entendidas de forma positiva pelos membros da equipe.

---

<sup>99</sup> A música é uma paródia de “Diana”, popularizada pelo cantor Carlos Gonzaga.

<sup>100</sup> Para Fromm (2015), o amor, ao longo do século XX passou por uma guinada da importância de sua *função* para a de seu *objeto* de escolha. Essa escolha é o próprio processo de amar, entendido fundamentalmente como um ato de “vontade, de entrega”.

*“A principal mensagem com certeza é de amor e apoio total ao clube, ao Ceará. A gente não procura colocar nas nossas letras citar o rival, insultar o rival. Nosso objetivo é somente cantar pra apoiar o clube”.* (RICARDO)

Essas diferentes reverberações musicais criam uma atmosfera ao jogo. Em cada momento, há a incitação para se cantar determinadas músicas que dialoguem com ele. Por exemplo, logo que o time do Ceará faz um gol, a torcida Cearamor, geralmente, canta: “Uh, é Cearamor! Uh, é Cearamor!”. O cântico é entoado com os corpos pululando nas arquibancadas e braços e mãos jogados para o alto, numa coreografia embebida de felicidade.

No entanto, essa comemoração expõe também uma fissura. Em vários momentos, percebi que muitos membros do Setor não repetiam o cântico da Cearamor. Mesmo que com os mesmos gestos corporais, cantavam: “Uh, é Ceará! Uh, é Ceará!”. Questionados sobre essa diferença, responderam-me quase sempre que, quando o time faz um gol, deve se gritar e comemorar exaltando o time, não a torcida.

Essa dinâmica cria uma condição social de concorrência<sup>101</sup>. As equipes entoam seus cânticos numa situação em que parecem disputar a oportunidade de serem os representantes dos torcedores, de maneira geral, nas arquibancadas. Principalmente, neste caso, quando se trata de torcidas do mesmo time. Deste modo, cada uma das equipes, com suas determinadas “ideologias” cantam no jogo e criam um jogo performativo entre elas. A partir do direcionamento que é dado às músicas e performances, constrói-se ainda uma identidade dessas equipes, como na fala de alguns membros do Setor:

*“Eu acho que a Cearamor canta pra TUF, os Cangaceiros cantam pra eles mesmos, porque eles são muito egocêntricos. E o Setor canta pro time. E a Ceará Chopp canta pra frescar. Tipo eles pegavam as músicas da Cearamor, faziam paródias de bebida, de mulher, dessas coisas.. e cantam pra frescar, não cantam pra apoiar. Esse é um dos diferenciais do Setor. Que o Setor canta muito pro time”.* (LARA)

Quando se trata de torcidas de times rivais, como num Clássico-Rei, por exemplo, a busca por distinção, visibilidade e reconhecimento parece se acentuar. Ao se colocarem no mesmo espaço de ação, as torcidas de Ceará e Fortaleza duelam em cânticos em referência ao outro em tentativas de representar ao seu rival que são “maiores” e “melhores” que o outro.

---

<sup>101</sup> Para Weber (2012), a concorrência é uma relação social de *luta*, quando as ações se orientam pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência do ou dos parceiros, desde que de forma pacífica (sem violência física efetiva). A concorrência se caracteriza ainda pela pretensão de obter para si o poder de disposição sobre oportunidades desejadas também por outras pessoas.

*“É como se fossem duas competições, uma que tá acontecendo dentro de campo, o futebol, e outra que acontece nas arquibancadas: quem é a maior, quem é a melhor, quem é a mais violenta, ou algo do tipo”. (YGOR)*

Ao mesmo tempo em que cantam pelo time e pela equipe, as torcidas – principalmente num Clássico-Rei – buscam firmar suas identidades a partir de signos de força, virilidade, masculinidade e disposição em se auto afirmar. Como percebeu Toledo (1996), as músicas entoadas nas arquibancadas, geralmente, estão distribuídas em quatro categorias: as de *incentivo* ao time e jogadores; as de *protestos* (em virtude de situações diversas); as *intimidadoras* (contra adversários, árbitros, atletas); e as de *auto afirmação* das torcidas (principalmente em relação às organizadas tradicionais).

Podemos observar alguns desses exemplos em versos comumente presentes nas arquibancadas, como os selecionados abaixo:

a) Incentivo

*“Ôoooooooo, vai pra cima deles, Vovô!”*

b) Protesto

*“Queremos raça! Time frouxo!”*

c) Intimidadores

*“Ei, juiz, vai tomar no cú!”*

d) Auto afirmação

*“Maior da Capital é nós. Vê se não esquece. Uh, estremece, sou a maior do Nordeste!”*

Incentivar, comumente, está ligado a gritar palavras de força (Vai pra cima deles!) ou de amor (Ceará, eu te amo!). Os gritos e cânticos de protesto e de intimidação são geralmente depreciadores da figura de algum outro participante do jogo (seja um atleta, um árbitro, um técnico, dentre outros). Já os de auto afirmação podem tanto ser uma referência negativa sobre o adversário, como também uma exaltação de características de sua própria equipe.

Vejam os a seguir alguns desses cânticos mais tradicionais entoados pela Cearamor:

*Liga pro zoológico  
Chama o camburão  
Diz que a Cearamor  
Ela matou o leão  
Porque a Cearamor  
Não dispensa que eu sei  
Matador de leão*

*E come cu de TUF gay  
A TUF é gay, é gay, é gay (4x)*

*O funk é nosso ritmo  
Aqui é só os loucos  
Torcida organizada que estremece o estádio todo  
Alemão, meu papo é reto: sou da maior do Nordeste  
Se tu não acredita, tá maluco, faz o teste  
Só moleque pesadão  
Eita, que torcida massa!  
A TOC é um caldeirão, sacode na arquibancada  
De agasalho bolado, de boné da Lacoste  
Minha beca é Cearamor, no estilo “a firma é forte”  
Maior da Capital  
Isso já foi confirmado  
Torcida Cearamor, dominando todo o estado  
Não importa o que aconteça, falo pra todo mundo  
Seja em qualquer lugar, pelo Vozão vale tudo  
E pra aquela torcidinha, vou dizer como é que é  
Vou te dar um “tá ligado” pra deixar de ser mané  
Tu só vive se gabando, dizendo que é a maior  
Que maior, porra nenhuma!  
De vocês não tenho dó  
Vou mandar a realidade que todo mundo já sabe  
A minha Cearamor é a maior dessa cidade  
Tenho orgulho em dizer nosso lema pra você  
Vibração e União, se liga aí no Poder  
É o poder, a TOC é o poder  
Torcida Cearamor faz os “comédia” tremer  
É o poder, a TOC é o poder  
Quem fecha com os alvinegro tá tranquilo, pode crê .*

Essa disputa é instaurada no espaço do jogo. A tensão e excitação, partes da atmosfera desse jogo, permitem o prolongamento da competição entre as equipes, de modo que as músicas acabam refletindo algumas oposições e estereótipos presentes também na sociedade – mesmo naquela que não está jogando. Por isso, uma das principais formas de tentar “rebaixar” o adversário é atacando sua honra e sua masculinidade. Assim, é comum as músicas das torcidas mais tradicionais se referirem às adversárias como “gays”, aqueles que vão “dar o cu”. No mesmo sentido, “o poder” da Cearamor a transforma na maior da Capital, do Ceará, do Nordeste, ainda que seja apenas no momento da performance na arquibancada.

### **4.3 Cantar com quem?**

Ocorre que nos estádios de futebol nem todos estão dispostos a cantar as músicas uns dos outros. Ou, como Ygor me falou: “pagar pau pras outras torcidas”. “Pagar pau” seria algo como assumir que o outro está vencendo o jogo nas arquibancadas. Deste modo, se o

Setor deixa de cantar uma música presente em seu repertório de alento para cantar um dos funks da Cearamor, seria uma tentativa de estabelecer algum vínculo com a outra torcida.

De um modo geral, o Setor Alvinegro não canta as músicas da Cearamor e utiliza inclusive argumentos para isso:

*“Tem muitas músicas boas e que a gente se identifica e até canta. Mas tem outras que só querem denegrir a torcida adversária, o time adversário. Eu não gosto e nem canto esse tipo de música. Em um momento assim de confronto com o adversário, a gente canta só por questão de empolgação, de momento, mas não canta pra apoiar o time. Não é acara do Setor Alvinegro. Nem a minha cara”. (SILVIO)*

Nas palavras de Lara ainda uma divisão mais significativa: de um lado o terro; do outro o amor:

*“Eu acho que é meio difícil querer que todos cantem “Ceará, eu te amo”, se o que é colocado é sempre outra coisa: “Leão, vai morrer na Serie C”, “Cai, cai, cai”, briga de torcida. Sempre foi colocado muito isso. Tem 30 anos que a Cearamor vem nisso. E quando você coloca uma música de amor, fica todo mundo meio que estranhando. No começo eu achava muito meloso. E ainda tem muita gente que acha, dentro do próprio Setor. É muito meloso cantar “Jamais verás em mim fraqueza”. É muito meloso e parece que você tá cantando pro seu esposo, sei lá. É difícil você querer que um povo que é acostumado à porrada, à violência, ao “tá ligado”, querer que todos cantem isso. Acho que é difícil e improvável. É muito trabalho mesmo fazer todo mundo cantar. Porque se for esperar que eles decidam cantar música de amor em vez de música de terror, é esperar demais.”. (LARA)*

As duas análises, de Silvio e Lara são importantes para estabelecer a identidade dos cânticos entoados pelo Setor Alvinegro. Conforme visto anteriormente, na classificação de Toledo (1996), as músicas de alento do Setor estariam na base de incentivo ao time do Ceará. Por mais que o xingar, cantar, vibrar estejam mais ligados às performances das torcidas organizadas do que dos torcedores ditos comuns, as distinções entre as músicas são marcas significativas no espaço e na dinâmica do jogo.

No entanto, é necessário ressaltar que há momentos de interseção entre as músicas. Aquilo que, segundo os membros do Setor, os fazem “cantar juntos” com outras torcidas. Percebi, particularmente, que a música “Eu sou Ceará”, geralmente, é cantada quase que em uníssono durante as partidas do time:

*CEARÁ,  
Estaremos contigo  
Tu és minha PAIXÃO,  
Não importa o que digam  
Sempre levarei comigo  
Minha camisa ALVINEGRA*

*E a cachaça na mão  
O estádio me espera  
Vai começar a festa  
EU SOU CEARÁ... [3x]  
Vozão me deixa doidão*

A música ressalta alguns aspectos da relação entre a paixão clubística e a festa performada nas arquibancadas. Tanto que estão presentes elementos como “a camisa alvinegra” (símbolo que representa o próprio clube), a bebida alcóolica, a ponto de deixa-los completamente fora de uma racionalidade comum: “Vozão me deixa doidão”.

*“Quando não existia o Setor Alvinegro, o que cantasse no estádio eu estava cantando junto. Eu queria saber era de cantar. Só que hoje eu escuto as letras e, quando começam letras de apoio, eu canto junto, porque o importante é apoiar o Ceará. Agora quando cantam músicas que não são da minha ideologia, que eu não gosto, eu simplesmente me calo”. (ANDRÉ)*

Cantar junto ou cantar em oposição à outra “ideologia” reforça a ideia de ação interdependente. Em consonância com as regras do jogo, as equipes se referem umas às outras nas arquibancadas, ainda que não cite diretamente um adversário em suas músicas. Os pontos parecem se acumular no jogo ao passo que uma equipe consegue ser mais fonte de referência para as outras, seja pela performance ser mais reproduzida por outros dentro do estádio, seja pela demarcação simbólica que esta consegue alcançar.

## 5 JOGAR COM O OUTRO, CONTRA O OUTRO E PARA O OUTRO

*“Todos estão lá pelo Ceará. Querendo que o Ceará vença a partida. Só que tem formas e formas de comportamento, formas e formas de apoio”.* (André)

*“Se uma pessoa anda sempre com a nossa camisa, tá sempre com a gente, ela é do Setor. Então, uma coisa que ela fala, foi o Setor que falou, foi a torcida inteira, não só ele. Tanto que tem alguns membros que até já se afastaram porque falavam muita merda”.* (Ygor)

*“Eu vejo muita politicagem pra manter esse status de amigos. Falsidade. Resumidamente falsidade. Você está do meu lado: eu finjo que gosto de você, você finge que gosta de mim”.* (Silvio)

Esse jogo entre as torcidas organizadas adquire uma outra especificidade ainda não aprofundada nesta dissertação, mas sugerida por Toledo (1996): “aquela que evoca a esfera da reciprocidade, poder e prestígio, ou seja, uma *dimensão política* que se estabelece entre esses grupos de torcedores” (TOLEDO, 1996, p. 105). Vimos até aqui como as caracterizações, as ações no jogo, as performances nos estádios, as músicas comunicam diferenças entre as torcidas organizadas – mesmo que estas “pertencam” ao mesmo clube. Ser membro do Setor Alvinegro é diferente de ser membro da Cearamor, da Ceara Chopp ou dos Cangaceiros Alvinegros. Essas diferenças simbólicas, mas também materiais (roupas, músicas, bandeiras), são engendradas pela competição, quer seja por *lugares* (espaço nas arquibancadas), quer seja por reconhecimento (“direito” de existir e torcer à sua maneira pelo Ceará).

As diferentes performances das equipes trazem consigo marcas distintivas. No capítulo anterior, abordei as canções (ritmos e letras) como tentativas de estabelecer determinadas diferenciações entre as maneiras de torcer. De forma que, cada “ideologia” torcedora termina por estabelecer *habitus* torcedores distintos, criando uma dinâmica competitiva nas arquibancadas.

Neste capítulo, discuto outras marcas distintivas, como camisas e determinadas faixas, tirantes. Essas diferenciações operam também micro relações de poder, além de táticas

a ser usadas durante o jogo nas arquibancadas. Para tanto, duas ideias parecem centrais para a compreensão dessas relações: a de uma “família” Setor Alvinegro e a de “alianças”.

## 5.1 Família Setor

O Setor Alvinegro é uma “verdadeira família”. Quando ouvi isso pela primeira vez não dei a devida atenção ao que havia de significativo para os membros do Setor o que estava contido naquela afirmação. Porém, ouvi isso várias vezes em campo, o que me levou a escrever – logo, refletir – sobre o que se relacionava com a ideia que eles possuíam de família e o que eu acompanhara nas arquibancadas e demais espaços do jogo.

De modo que, para compreender melhor essa categoria nativa, perguntei diretamente aos meus interlocutores o que significava a “Família Setor” para eles:

*“Por estar sempre perto um do outro, a gente acaba se acostumando com as pessoas e gostando das pessoas. E é uma família. Todo mundo se cuida, protege um ao outro. Se chega alguém querendo brigar, ou ofender, todo mundo ajuda esse membro da família”. (SILVIO)*

*“Até pela proximidade de o tempo todo a gente tá junto. Aí quando dá pra gente viajar, a gente viaja. Nossa amizade não se restringe somente ao estádio. Começou no estádio, mas hoje em dia a gente sai junto pra outros locais, festas bares. A gente passa o fim de semana juntos. Então a amizade acabou tornando aquela torcida uma família”. (RICARDO)*

“Estar sempre perto um do outro” estabelece uma relação de identidade. Um projeto<sup>102</sup> semelhante, numa busca de redefinir sua condição torcedora. O sentido de família colabora ainda com a ideia de “lar”, discutida no Capítulo 2. A segurança de estar entre os “amigos” de equipe cria uma atmosfera de se estar compartilhando os mesmos ideais e paixões com outras pessoas. E essas pessoas parecem ser semelhantes. Não apenas torcem para o mesmo time, mas tentam criar uma performance com características similares nas arquibancadas, torcer da mesma maneira, ou como eles costumam falar: ter a mesma “ideologia”, como me disse Silvio: “Antes eu não sabia o que era torcer, eu sabia o que era vandalismo. Andava com uma galera do mal mesmo. Acho que passei a me considerar torcedor depois que comecei a andar com o Setor”.

A divisão de outros espaços e momentos juntos faz ainda com que a dinâmica aplicada ao jogo – aquele disputado nas arquibancadas – se renove e se atualize em cada

---

<sup>102</sup> Castells (2008, p.24) define *identidade de projeto* “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo de buscar a transformação de toda a estrutura social”.

“novo encontro” com os companheiros de equipe (ou de família). Assim, é comum que os membros do Setor Alvinegro gastem não apenas o tempo em que estão nas arquibancadas juntos, mas também combinem de ver os jogos pela televisão casa de um deles, ou se reúnam para ver em algum bar ou restaurante, dentre outros momentos da vida cotidiana.

*“Tipo, os jogos em casa acabaram. Não tem mais jogo em casa. Então o jogo é fora e mesmo assim a gente se reúne. A gente vai pra casa do Ygor, a gente faz um churrasco. Agora vai ter a confraternização de fim de ano. Então é como se fosse mesmo uma famíliaa”. (ANDRÉ)*

Para André, o sentido foi além. Por meio do Setor ele começou um namoro, noivou e foi dividir o apartamento com uma companheira de equipe. Durante o período em que estive diretamente com eles, vi alguns casais se formarem e compartilharem as arquibancadas com os membros do Setor Alvinegro.

Mesmo esse sentido de “família”, como uma equipe para dar o suporte e segurança de partilhar a mesma “ideologia” no jogo, o Setor Alvinegro se apresentou também de forma hierarquizada. A equipe tem, pelo menos, três categorias diferentes de “funções”: os **diretores**, os **colaboradores**, e os **demais**. Os **diretores** são apenas cinco e ficam responsáveis principalmente pela organização do material, arrecadação de dinheiro e distribuição das tarefas a serem executadas. Os **colaboradores** são em torno de quinze. Estão próximos dos diretores (alguns chegaram, em determinados momentos a serem diretores) e, geralmente, são os que auxiliam na execução de tarefas como entrar com material, tocar os instrumentos de bateria, vender materiais de divulgação, auxiliar pendurando faixas, tirantes, dentre outros adereços utilizados nas arquibancadas. Já os **demais**, geralmente, não estão envolvidos com atividades cotidianas da equipe, nem com as tomadas de decisões em torno das performances a ser executadas. Ainda assim, atuam nas arquibancadas de forma mais esporádica, principalmente cantando com os membros do Setor.

Geralmente, a passagem de um **demais** para se tornar um **colaborador** depende da disponibilidade de tempo e da presença do torcedor na arquibancada. Por ter um perfil de membros com mais adultos (acima dos 20 anos), muitas vezes não há nem mesmo pessoas para levar o material ao estádio (no caso de partidas que ocorrem no meio da semana e em horários mais cedo, quando torcedores ainda estão saindo do trabalho).

*“Se você for olhar pro Setor, quase ninguém não trabalha. Você conta nos dedos as pessoas que só estudam ou ficam dentro de casa. Nos dedos mesmo. A maioria tem entre 22 e 40 anos. Então quase todos tem um padrão de vida, seu trabalho, sua esposa. E como o futebol é um lazer, ele nem sempre é prioridade. Isso aí é lógico,*

*vem sempre o trabalho. É por isso que a gente tenta sempre controlar essa história da entrada do material, quem vai entrar, quem não vai. Whatsapp ajuda muito a gente nessa questão. Porque quando eu não posso sair do meu trabalho, outra pessoa vai ou então o Setor não vai pro estádio, como já aconteceu várias vezes de não ter ninguém pra levar o material e o Setor não ir”. (YGOR)*

### 5.1.1 “Queimou o filme”

A “família Setor” tem uma série de marcas distintivas. Ou seja, elementos materiais que os fazem demarcar uma identidade de equipe, que os coloca em situação de performance coletiva, que os dão visibilidade e indicam suas oposições a outras “ideologias”. As músicas são parte dessa performance nas arquibancadas, mas há outros elementos que são importantes citar, tais como: a camisa, trapos e faixas<sup>103</sup>.

O respeito a esses símbolos reforçam o compromisso com a equipe. Geralmente, os membros do Setor iam ao estádio com algumas das camisas da própria torcida. Uma delas traz escrito “Estamos Bêbados” (ver na Figura 16). A frase tem ligação com o sentido de festa e amizade, ao qual eles costumam se referir. Ao final de 2014, no entanto, houve uma indicação dos diretores de que os membros fossem ao estádio apenas com a camisa do Ceará, numa tentativa de reforçar a identidade de apoio incondicional ao time, ao mesmo tempo de distanciar a ideia de uma torcida que “torce pra si”.

Figura 16 – Setor Alvinegro com a camisa “Estamos Bêbados”



Fonte: Arquivo do autor (2013).

<sup>103</sup> Muitas torcidas organizadas possuem símbolos como mascotes, por exemplo. Toledo (1996) classificou alguns desses símbolos em pelo menos três categorias: os animais (periquitos, leão, urubu, etc); personagens de gibis (Zé Carioca, mosqueteiro, pirata, etc); e entidades fantásticas (dragões, serpentes, santos, etc). Grande parte desses mascotes estão atrelados a forças sobrenaturais ou incontrolláveis, ou ainda simbolizam o espírito selvagem e guerreiro, necessários ao “combate” nas arquibancadas. No caso do Setor Alvinegro, não um mascote. A Cearamor, por exemplo, tem o Urubu como mascote.

Ocorre que, muitas vezes, pode acontecer de algum dos membros da equipe não corresponder ao que foi previamente ensaiado para ser executado no jogo. Conforme nos indica Goffman (2012<sup>a</sup>, p.226), “é durante momentos de ação que o indivíduo tem o risco e a oportunidade de exhibir para si mesmo e às vezes para outros seu estilo de conduta quando as cartas estão na mesa”.

Uma discordância pública, uma ação que vai de encontro à “ideologia” do Setor, pode acrescentar notas dissonantes à performance da equipe e pô-la em risco no jogo. É o que os membros costumam chamar de “queimar o filme”.

*“Violência a gente não aceita de nenhuma forma. Ninguém pode usar de violência dentro do Setor Alvinegro. Não pode usar de má fé, querer enganar alguém usando o nome do Setor Alvinegro.. são alguns dos itens. Invasão de campo, isso também não pode ocorrer, porque não é da nossa índole. Quem tá dentro do Setor Alvinegro também e vaia o clube não é bem visto. E falar mal das outras torcidas, sabe? Isso também queima o filme, porque a gente tem que respeitar as outras torcidas de outros locais e até mesmo daqui de dentro também. Cada um tem a sua ideologia”.*  
(ANDRÉ)

Agir com violência e até mesmo vaiar o time em campo são ações que devem ser evitadas pelos membros do Setor. Um gesto involuntário, ou uma cena em que um membro da equipe “age por impulso” pode fazer desacreditar toda a performance ensaiada para o jogo. Uma vez que elas aconteçam, os outros membros devem entrar imediatamente em ação para tentar reestabelecer a linha de interação dramática a qual a equipe está inserida.

Em alguns momentos, nas arquibancadas, membros do Setor acabaram por cantar músicas de outras equipes. Por vezes, alguns diretores interviam dizendo: “Não canta, não. Os caras não cantam as nossas músicas”. Em outros momentos, quando os ânimos se exaltavam, uma interferência se fazia necessária para que não houvesse manifestação de violência por parte de algum membro do Setor. Foi o que ocorreu, por exemplo, certa noite, quando o Ceará jogava e empatava em zero a zero com um clube, em partida válida pela Série B. Alguns torcedores, aparentemente comuns, estavam próximos ao Setor. No intervalo do primeiro para o segundo tempo, eles começaram a vaiar os jogadores. Alguns membros do Setor se sentiram ofendidos e começaram a xingar esses torcedores: “Parem de vaiar, porra! Para com essa palhaçada”. Quando parecia que uma briga iria começar nas arquibancadas, alguns diretores do Setor precisaram interferir e pedir para que não houvesse agressões físicas ali naquele espaço.

A fim de evitar que certos incidentes aconteçam, é necessário que os participantes da equipe tenham em conta a conduta condizente com a “ideologia” a ser performada,

mantendo, deste modo, uma “lealdade dramatúrgica”. Assim, “é evidente que, se uma equipe quiser manter a linha de ação que tomou, os companheiros de equipe devem agir como se tivessem aceito certas obrigações morais” (GOFFMAN, 2013, p. 229).

### 5.1.2 As mulheres da Família

Nessa “família”, percebi que as mulheres têm papéis bem diversificados. A presença delas não se apresentou de forma tão intensificada, apesar de muitos membros falarem abertamente que: “o Setor está aberto para as mulheres também”. Na primeira reunião ao qual participei com eles, chamou-me a atenção pelo fato de só ter uma mulher. Nesta ocasião, alguns diretores diziam: “as mulheres têm que chegar junto com a gente”.

Uma das primeiras vezes que fui acompanhá-los no estádio, a presença de mulheres era também bastante diminuta (ver Figura 16). No decorrer das minhas inserções em campo fui percebendo a presença de outras mulheres na equipe. A maior parte delas eram namoradas ou esposas dos diretores e de outros membros. Algumas delas chegavam a ajudar a carregar instrumentos para dentro do estádio, cantavam e gritavam, outras ficavam mais caladas e pouco se interessavam pela partida de futebol em si.

Lara foi uma das mulheres que conheci no estádio torcendo junto com o Setor, sendo também uma das quais me aproximei e conversei mais. Para ela, o *lugar* do Setor no estádio era também um dos mais seguros para o público feminino, o que foi um dos atrativos para ela e outras mulheres (ver Figura 17). Além disso, ela sentia que havia uma valorização das mulheres na equipe, no sentido de que elas tinham também suas atribuições.

*“Eles dão responsabilidade mesmo pras meninas. A gente foi pra São Luis, eu, a Alana e a Michele. E eles deram a faixa pra gente colocar lá. E a gente foi. E em que lugar do mundo que o pessoal de uma torcida organizada ia dar uma faixa pra três meninas levarem pra outro estádio?” (LARA)*

Figura 17 – Mulheres ajudando na pintura dos trapos



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2015).

Em 2015, a esposa de um dos diretores assumiu também a direção da parte financeira do Setor Alvinegro, antes depositada a um dos membros que era bancário. Uma das mulheres era também a responsável por tirar fotos e editar os vídeos que a equipe gravava nas arquibancadas e em outros locais. Lara, por exemplo, ficou responsável por gerenciar algumas das redes sociais do Setor na internet, por sua formação na área de Comunicação.

Percebi, porém, que quase sempre não havia mulheres nas reuniões dos dirigentes. As que iam, geralmente, eram namoradas ou esposas deles e pouco ou quase nada opinavam. No começo de 2015, com algumas mudanças que aconteceram, como a presença de uma mulher entre os diretores do Setor, algumas outras foram agregando opiniões e presença nessas reuniões. Ainda assim, a quantidade de mulheres na equipe era bem reduzida, talvez chegando a 20% do total de participantes<sup>104</sup>.

---

<sup>104</sup> Esse é um levantamento perceptivo, já que não houve uma contagem formal da quantidade de mulheres no grupo geral.

## 5.2 Aliança, amizade, respeito, política ou nenhuma das anteriores

Pode haver situações em que as equipes, mesmo de “ideologias” distintas se unam em torno de determinadas performances nas arquibancadas. Geralmente, essas relações são denominadas alianças. Essas alianças funcionam como elos entre equipes de estados/cidades diferentes para facilitar o trajeto, hospedagem e demais logística de material quando o time joga fora de casa. A partir dessas alianças, uma torcida inimiga de um amigo acaba se tornando também sua inimiga. Para alguns membros do Setor, as alianças entre torcidas organizadas são interpretadas ora de forma positiva, ora de forma negativa.

Certa vez, em uma reunião de planejamento de ações do Setor, comecei a conversar com eles sobre alianças, quando um dos diretores me disse: “As alianças são um grande mal para as torcidas organizadas. Praticamente, foi a partir delas que se disseminou a violência no futebol brasileiro”. A declaração vinha no bojo de uma série de brigas que ocorrera menos de um mês antes no estádio “Arena Joinville”, na cidade de Joinville, em Santa Catarina, na qual duas torcidas protagonizaram cenas violentas nas arquibancadas e foram manchetes de telejornais, sites e jornais impressos no Brasil e fora do país<sup>105</sup>.

Na contramão dessa declaração estão algumas atitudes do Setor Alvinegro. Por exemplo, a equipe esteve por várias vezes próxima a outras equipes, seja dentro ou fora do Ceará. Uma das referências que se faz são às músicas, muitas delas copiadas ou adaptadas de outras torcidas *barras bravas* das regiões Sul e Sudeste do país. Algumas ligações foram mais claras pra mim, como as que existiam entre o Setor e algumas torcidas do Botafogo, como a “Fogoró” e a “Loucos pelo Botafogo” (ver Figura 18). Quase sempre elas eram citadas como referência de alguma novidade performada na arquibancada, um cântico diferente, uma indumentária, uma blusa, uma faixa. Em determinados momentos, até mesmo recepcionar membros dessas torcidas em Fortaleza, ao passo que também eram recebidos no Rio de Janeiro por eles. Nessas ocasiões, são comuns a troca de presentes, uma forma de prestar reverência e respeito a outra torcida.

---

<sup>105</sup> As brigas nas arquibancadas aconteceram no dia 8 de dezembro de 2013, durante o jogo entre Atlético Paranaense e Vasco da Gama pela última rodada da Série A do Campeonato Brasileiro de 2013. Aos 16 minutos do primeiro tempo, o Vasco da Gama já perdia por 1 a 0 e, naquele instante, estava sendo rebaixado para a Série B do Campeonato Brasileiro. A briga ocorreu entre as torcidas “Os Fanáticos”, do Atlético Paranaense, e “Força Jovem”, do Vasco da Gama.

Figura 18 – Troca de camisas entre Fogoró e Setor Alvinegro



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014).

Como a relação entre alianças está tradicionalmente ligado às torcidas organizadas no Brasil, o Setor Alvinegro considera que não estabelece esse tipo de vínculo, preferindo se referir a ele como “amizade”:

*“Nós temos amizades. A gente tem amizade com o pessoal da torcida do Botafogo, a torcida do Náutico, em Pernambuco, do ABC, em Natal, e com uma torcida do Paysandu. As amizades são culturalmente por causa das alianças. Se você torce Ceará e for pra um jogo do Botafogo com a camisa do Ceará, você não vai ter problema nenhum. Você vai ser bem recebido. Porque é cultural das torcidas organizadas. Um cara tá andando no meio da torcida do Botafogo com a camisa da torcida organizada do Ceará, ele é bem visto. Na torcida do Ceará da mesma forma. Quando a gente chegou a primeira vez no Rio, Ceará e Flamengo, e a gente foi com a camisa do Ceará, não existia a camisa do Setor Alvinegro, um cara do Botafogo se aproximou da gente porque viu que a gente era do Ceará e tava lá pra torcer contra o Flamengo. E aí isso que eu falo, transfere o ódio. Você torcedor do Botafogo sai da sua casa pra comprar o ingresso no Maracanã só porque quer ver o Flamengo se dar mal. Aliança é compromisso. A gente não tem compromisso com ninguém. Aliança recebe as torcidas, fazem eventos, sempre mantendo contatos. A gente tem amigo”. (ANDRÉ)*

Quando se trata da relação com as torcidas locais, novas categorias de aliança são suscitadas. Segundo os membros do Setor, há uma tentativa de se estabelecer uma relação de mútuo respeito entre as torcidas do Ceará Sporting Club, apesar de uma disputa existente por reconhecimento, expressa nas marcas distintivas trabalhadas até aqui. Muitas vezes, houve situações em que os membros de uma torcida eram convidados a participar da festa de outra,

bem como quando havia algum tipo de “ação social” (doação de sangue, campanha para doação de alimentos, brinquedos, etc) ou alguma ação “maior” (a execução de um mosaico, por exemplo) dentro do estádio. Durante alguns meses, a Cearamor esteve também impossibilitada de levar materiais ao estádio. Coube a outras torcidas, incluindo aí o Setor Alvinegro, a responsabilidade de entrar com alguns materiais da Cearamor (instrumentos musicais, faixas) como se fossem seus.

Mesmo essas aproximações, seja por questões logísticas ou por interesse na execução de alguma ação específica, não cessam as disputas por reconhecimento das equipes. Por alguns membros do Setor, ações entendidas como mera “política da boa vizinhança”, como me declarou Silvio: “Eu vejo muita politicagem pra manter esse status de amigos. Falsidade. Resumidamente falsidade. Você tá do meu lado, eu finjo que gosto de você, você finge que gosta de mim”.

FIGURA 19 – Dirigentes de Setor, Cearamor, Cangaceiros e Ceará Chopp



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014).

O “fingir gostar” pode ser uma indicação de parte da necessidade da interação com o outro no jogo, mesmo que se comuniquem “ideologias” diferentes. Nesse sentido, uma cena me chamou atenção, sendo registrada no meu diário de campo do dia 2 de fevereiro de 2014, durante uma partida entre Ceará e Treze, da Paraíba, válida pela Copa do Nordeste<sup>106</sup>.

<sup>106</sup>A Copa do Nordeste, ou Campeonato do Nordeste, é disputada desde 1994. No entanto, ficou parada desde 2003, sendo pontualmente jogada em 2010. Foi a partir de 2013 que clubes do Nordeste do Brasil se uniram para formar a Liga do Nordeste, retomando a competição regional. O *Ceará Sporting Club* tem se destacado desde que o torneio foi reestabelecido, sendo semifinalista em 2013, finalista em 2014, e campeão em 2015.

*O jogo seria somente às 18h30 daquele domingo. O pagode lá fora do estádio, naquilo que eles começaram a ensaiar como o “Esquentar”, empolgou bastante os membros do Setor Alvinegro. Tanto que, quando fomos entrar, o jogo tinha acabado de começar. Dentro da Arena Castelão, no entanto, a empolgação era pouca por parte do grupo. A faixa com o nome da torcida não tinha entrado neste dia. Nem mesmo a bateria estava presente. Eles haviam decidido previamente não entrar com bateria neste jogo por acharem mais conveniente. Isso devido a terem experimentado levar a bateria e cantar em jogos anteriores no Castelão, mas, como o estádio era muito grande, alguns achavam que isso deveria ser repensado, só levando instrumentos em partidas de maior relevância.*

*Parecia uma “torcida comum”. Lembro de ter anotado bem isso. A falta de empolgação deles nesse dia era bem intrigante. Pelo menos em fazer uma festa no jogo em si. Havia, inclusive, poucos deles, talvez uns cinco ou seis vestidos com a camisa do Setor Alvinegro. A ingestão de bebidas alcólicas antes do jogo, essa sim foi intensa.*

*No lado da Mofi, oposto ao de onde ficam os membros do Setor, um rojão estourou, produzindo um grande estrondo que ecoou no estádio. Neste momento, os alto-falantes da Arena informavam: “Torcedor, a Arena Castelão é o maior palco do futebol cearense. Para sua segurança, todos estão sendo filmados”.*

*Era o início do segundo tempo da partida. Com o barulho, o árbitro resolveu paralisar o jogo. A torcida Mofi foi fortemente vaiada, de modo que o barulho do rojão era minúsculo frente ao coro que seguiu das arquibancadas, no qual se podia discernir os gritos: Palhaço! Palhaço! Palhaço! Neste momento, a Cearamor parecia uma onda negra partindo de seu local tradicional e correndo em direção ao outro lado das arquibancadas, onde se posicionava a Mofi. Alguns policiais militares resolveram intervir e corriam na direção oposta. Desse modo, a onda que partia da Cearamor iria se chocar com os policiais na metade do caminho. Acuada, a Mofi esperava pelo “apoio” da outra torcida.*

*No entanto, esse apoio não chegou. Antes mesmo de chegar ao meio do caminho, o coro de vaias cresceu de tal maneira que o jogo permanecia paralisado diante daquela cena. O que era como uma onda foi virando uma pequena ondinha, até se sucumbir. A Polícia Militar sequer teve o trabalho de combater com os membros da Cearamor.*

*Alguns membros da organizada Cearamor que ainda chegaram até os policiais – talvez uma dezena, no máximo – foram recebidos com cassetetes que logo se lançaram sobre os corpos dos torcedores. A cada cassetada aplicada pelos policiais, a torcida, de pé, aplaudia. No Setor Alvinegro, alguns comentários do tipo: Tá vendo? Isso daí lá é torcida! Isso tira é o torcedor do estádio. Imagina quem está vindo pela primeira vez.*

*Não era a primeira vez que eu estava no estádio. Muito menos a primeira vez com o Setor. Mas impressionou-me a maneira como a ação de vaiar o avanço da Cearamor em direção à Mofi paralisou não só a partida de futebol, mas o jogo que se desenrolava nas arquibancadas naquele momento.*

Sobre as ações da Cearamor, o Setor Alvinegro e outros torcedores e torcidas responderam com vaias. As vaias tentam estabelecer uma relação de valores dentro do estádio. De um lado, parte da torcida do Ceará que se posiciona no jogo como pessoas que

estão ali “para torcer”. No oposto, estão aqueles que merecem, naquele instante, ser subjugados pelas vaias, pois estão ali para ir “contra as regras do jogo”. Regras essas que acabam por ganhar conotações morais. A passagem da competição “limpa” para a “violência” acaba por desencadear uma reação nos outros jogadores. Enquanto a torcida vaiada “perde pontos” nesse jogo, aqueles que vãoam se posicionam como “vencedores” nas arquibancadas, a partir de uma conduta seguida.

Durante ocasiões desse tipo de ação, não é apenas o caráter que está em jogo – prevalece aqui uma decisividade mútua. Cada pessoa estará pelo menos incidentalmente preocupada em estabelecer evidências de caráter forte, e as condições serão tais que só permitirão isto à custa do caráter dos outros participantes. O próprio campo que o primeiro usa para expressar o caráter pode ser a expressão de caráter do outro. E algumas vezes as propriedades primárias em jogo podem elas mesmas ser transformadas abertamente numa conveniência, servindo marcadamente apenas como uma ocasião para uma batalha através do caráter, e por ele. O resultado é uma *competição de caráter*; um tipo especial de *jogo moral* (GOFFMAN, 2012a, p. 228).

A moral surge aí, como complementar a Werneck (2013, p.719), “não como dispositivo de contenção”, mas como “dispositivo de potencialização da agência”. Em última instância, esse cenário de nomeações e classificações que se constroem nas arquibancadas de futebol – esse jogo social – se oferece não necessariamente como uma linha impeditiva de determinadas performances, mas como uma intensa rede de táticas segundo as quais se podem realizar algumas dessas performances. Em alguns momentos, essas táticas podem convergir e criar condições de aliança, mas também podem divergir e criar condições de intensa disputa, na qual esses símbolos se materializam nas tentativas de reforçar o reconhecimento da “ideologia” de cada uma dessas equipes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: OUTRO JOGADOR

Em fevereiro de 2014, eu passeava por São Paulo com meus pais e minha namorada. Fazíamos compras pelo Centro da capital paulista quando resolvemos parar em uma bar/restaurante para almoçarmos. Na televisão, estava sendo transmitida a versão paulista do programa Globo Esporte<sup>107</sup>. O apresentador, Tiago Leifert, anunciava a cabeça (introdução) da próxima matéria que seria exibida da seguinte maneira:

A gente está num momento crucial no relacionamento entre os clubes e as torcidas organizadas. A gente vai mostrar pra você agora uma reportagem feita ontem à noite na torcida organizada do Corinthians pra mostrar o conflito ideológico entre o torcedor de verdade e o vândalo que se diz torcedor.

Aquilo me chamou a atenção prontamente, pois estava inserido no âmbito da minha pesquisa. O jornalista/apresentador falava em torcedor “de verdade”, em oposição a outro tipo de torcedor. Este último, segundo a fala do jornalista, apesar de tentar se instituir como torcedor (“que se diz torcedor”), não o seria de fato. Este, ao contrário daquele, seria um “vândalo”, assinalado como um agente da desordem. Enquanto este desconhecia o que era “torcer” e não deveria ter permissão para se autoneamar torcedor, o outro seria o torcedor “de verdade”, que, segundo os signos mostrados na reportagem deveriam ocupar os estádios de futebol. Prossigamos com a exibição da matéria jornalística<sup>108</sup>:

(Narração do repórter)

As torcidas organizadas do Corinthians resolveram proibir o verdadeiro torcedor de gritar. A ordem era fazer silêncio. Então tinha essa cena: as organizadas sentadinhas, quietas; e o torcedor comum tentando torcer ali normalmente. Só que aí as organizadas quiseram calar a boca do torcedor comum.

(Entra a imagem de um torcedor organizado indo até o local nas arquibancadas onde a "torcida comum" cantava sem parar. Ele se dirige aos comuns).

"Ô, na moral. Vamos fazer a gentileza. Fazer a gentileza. Na moral, fazer a gentileza. Hoje não é pra aplaudir. Já foi pedido, na moral."

---

<sup>107</sup> O Globo Esporte é um programa jornalístico focado na cobertura esportiva, exibido de segunda a sábado, por volta das 12h50, com cerca de vinte minutos de duração, na Rede Globo de Televisão, pertencente ao principal conglomerado de comunicação do Brasil. O programa tem versões regionais, dentro de uma estratégia de regionalização e compartimentalização de informações. Há, portanto, o Globo Esporte do Rio de Janeiro, do Ceará, do Paraná, dentre outros. No entanto, para a maioria dos estados brasileiros, é exibido um mesmo Globo Esporte, produzido e executado no Rio de Janeiro.

<sup>108</sup> Reportagem exibida no dia 06/02/2014. Transcrição do autor. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-esporte-sp/t/edicoes/v/organizados-tentam-proibir-corintianos-de-cantar-e-policia-tem-de-agir/3129470/>

(Alguns torcedores comuns parecem não dar atenção. Isso faz com que o torcedor organizado se dirija mais incisivamente aos que ali estavam).

"Vamos fazer a gentileza, irmão!".

(Um "torcedor comum" se dirige ao organizado, fala algo e mostra o escudo do Corinthians na camisa que estava trajando. O torcedor organizado então questiona).

"Ô, irmão, você é mais Corinthians que eu?".

(O torcedor organizado visivelmente se exalta e vai em direção a um torcedor comum. Mais em cima, nas arquibancadas, vários comuns gritam).

"Vamos apoiar, pô! Nós estamos aqui pra apoiar, cara."

(O que ganha força com outros comuns).

"Isso é Corinthians!".

(As vozes dos comuns se dirigem à postura aparentemente alterada do organizado, que tenta falar).

"Eu vim brigar aqui, eu?".

(Os comuns continuam utilizando a frase "Isso é Corinthians". O organizado vai até eles e questiona-os).

"Que jogo que você vai do Corinthians?".

(O comum enfatiza).

"Todos".

(O organizado responde).

"Você não vai, velho. Você não vai."

(Alguns comuns tentam argumentar com o organizado)

"A gente tem que apoiar o time. Se a gente não apoiar, como vai ser?"

(O organizado então tenta justificar-se).

"Uma parada que tá errada. Os caras querem marginalizar a torcida e vocês não estão entendendo isso aí. Vocês não tão entendendo isso aí".

(Volta para a narração do repórter)

Mesmo assim, o torcedor comum resolveu continuar cantando. E a organizada se irritou.

(Uma organizada cantava em direção ao local das arquibancadas onde se localizava os torcedores comuns. Entra a imagem de um torcedor comum dizendo).

"O Corinthians é apoio, não é ficar sentado não, véi. O Corinthians é apoio! Corinthians é apoiar, não é ficar sentado não. É apoiar os noventa minutos. Isso é Corinthians! Não é ficar com a boca fechada, não."

(Entra o depoimento de mais um torcedor comum).

"Aqui não é Camisa 12, não é Pavilhão, não é Estopim, não é Gaviões, é Corinthians, velho. É Corinthians. Tudo existe por causa do Corinthians. Corinthians é maior que tudo."

(E mais um torcedor comum completa).

"O Corinthians não precisa de torcida uniformizada".

(Volta para a narração do repórter)

A Polícia Militar foi acionada e disse "Por gentileza, distinto cavalheiro, você pode, por favor, se retirar, porque você está intimidando outros torcedores."

(Alguns policiais militares de São Paulo retiram cerca de três torcedores que, aparentemente, são membros de organizadas e estariam intimidando os comuns. Eles são puxados pelos braços e retirados com uso da força. Um dos policiais puxa um organizado pelo pescoço e fala).

"Vem com nós também".

(Volta para a narração do repórter)

Nesse momento, a câmera abaixa porque estão tentando intimidar o cinegrafista.

(Um organizado grita).

"Não filma não, irmão. A polícia tá pegando os caras, e você vai filmar?".

(Um organizado puxa a câmera em direção a si e fala).

"Para a mídia, nós é os marginais."

(Volta para a narração do repórter)

Na hora de retirar os suspeitos do estádio, a PM entrou em confronto com alguns vândalos. Este policial aqui foi atacado pelas costas por um integrante da torcida organizada Camisa 12. O grupo de vândalos recuou. E vem aquela imagem que mostra que tá tudo, tudo, tudo mais errado ainda: um pai acuado com a sua filha, no meio de tudo. Acuado. A polícia percebe e ajuda os dois a saírem dali. O confronto terminou. Alguns torcedores ainda se desentenderam entre si. Com tudo mais calmo, a torcida resolveu voltar ao normal. Quando o time já perdia, de repente, todo mundo começou a gritar: "Vamos, vamos Corinthians! Essa noite, teremos que ganhar."

(A matéria termina. Volta para o apresentador, que encerra dizendo)

"Senhores, por gentileza, devolvam o nosso futebol."

Em toda a narrativa do repórter, evidenciam-se dois tipos de torcedores: os comuns, que são considerados os "verdadeiros", e os organizados, também apresentados como "vândalos" ou, em outras palavras, os "falsos". Esse jogo social entre o "verdadeiro" e o "falso" torcedor vem sub-repticiamente habitando a discussão estabelecida até aqui.

O jogo de classificações e nomeações entre torcedores e torcidas é também um jogo jogado pelos meios de comunicação. No contexto do futebol espetacularizado, são dezenas de câmeras filmando e transmitindo as partidas em tempo real para milhões de telespectadores. O mesmo (observando-se a especificidade de cada meio) ocorre também

pelas transmissões de rádio e internet. O jogo jogado nas arquibancadas é midiaticizado<sup>109</sup>, enquadrado e pode adquirir novos sentidos aos telespectadores, ouvintes, leitores, enfim, torcedores.

Os cânticos de alento e as performances representadas pelo Setor Alvinegro se aproximam de discursos que são valorizados pelos meios de comunicação, que constantemente falam em um tom saudosista sobre o “retorno das famílias aos estádios de futebol”. As falas da equipe se organizam nesse mesmo sentido. A passagem de um *habitus* torcedor que valoriza elementos tais como o apoio incondicional ao clube, a não violência e o repúdio aos enfrentamentos físicos vai ao encontro dessa marca discursiva, mais compatível com o futebol moderno, espetacularizado e comercial.

Durante este trabalho, abordei algumas transformações inerentes a esse *habitus*, a forma como o engajamento clubístico cria e atualiza o jogo, mas que também mune torcidas e torcedores de marcas distintivas. As diversas “formas de torcer”, condutas ou “ideologias”, acabam sendo abordadas como condições de disputa por reconhecimento, por uma afirmação de identidade – para além do “ser torcedor do Ceará”, mas do “como ser torcedor do Ceará”. Essa disputa se materializa principalmente nas arquibancadas dos estádios, criando um cenário de competição entre as diversas performances.

As condições agonísticas do jogo criam e mantém essas excitações (vencer/perder) e interações das diferentes torcidas – aqui tratadas como equipes. Ao jogarem umas com as outras, pelas outras e contra as outras, elas se perfazem por meio de regras, condutas e governanças também de umas sobre as outras. Essas “ações sobre ações” são também disputas dos jogadores, num embate entre aqueles que podem se nomear torcedores, torcidas, movimentos, barras bravas, ou outras nomeações que perpassem por esse jogo de diferenciações.

No íterim das discussões tratadas por toda a dissertação, há uma economia de discursos em torno da prática torcedora (da qual os meios de comunicação interferem diretamente). Cabe aqui, portanto, antes de finalizar essa etapa de pesquisa, situar, por exemplo, as instituições que passam pelo feixe de poderes concernentes às relações discursivas no futebol. Um indivíduo ao deixar de ser nomeado “torcedor” e passar a ser chamado “vândalo” por instituições e especialistas que operam por meio de dispositivos de

---

<sup>109</sup> Para Kellner (2001), os meios de comunicações de massa veiculam uma cultura através de imagens, espetáculos, sons que interferem na vida cotidiana dos indivíduos, quer seja no tempo do trabalho ou do lazer. A “cultura da mídia” fornece ainda material que “ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (KELLNER, 2001, p.9).

poder (imagens em televisão, notícias em jornais, Estatuto do Torcedor, códigos penais, regras de conduta em estádios de futebol, dentre outros) está sendo sujeitado e posicionado no discurso. Assim, “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 2013a, p.274).

Tais relações estão no campo de possibilidades dessas torcidas e torcedores, “sujeitos livres” que têm diante de si diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento que podem acontecer (FOUCAULT, 2013a). O *poder* não passa então diretamente por uma violência, mas uma espécie de condução da ação do outros, uma disputa dentro de condições de poder.

Portanto, o poder que o Setor Alvinegro teve de vaiar os membros da Cearamor – impedindo até mesmo a ação deles sobre a Mofi (a qual retratei no Capítulo 4) – não está desconectado do poder que o apresentador do Globo Esporte teve de determinar, a partir de imagens e uma série de construções simbólicas, quais eram os “verdadeiros” e quais eram os “falsos” torcedores sob sua ótica.

Ao adquirir um status de torcedor que dirige suas performances incondicionalmente ao time e tornar esse campo de possibilidade como ação em espaços designados a essas práticas, o Setor Alvinegro tenta se estabelecer nesse mercado discursivo a partir da materialização de certos bens simbólicos no comportamento face a face.

Assim, o agenciamento da mídia e de órgãos reguladores do futebol, como a Fifa, por exemplo, influenciam numa tentativa de estabelecer uma estética torcedora mais homogênea: pessoas torcendo de forma semelhante, com a diminuição de espaços para os confrontos físicos, estádios mais monitorados com mais câmeras de vigilância e locais considerados mais confortáveis para assistir a uma partida de futebol, como as chamadas arenas futebolísticas.

Para buscar a compreensão da dinâmica inserida nesse contexto espetacularizado, durante todo o trabalho me situei no campo de pesquisa entre estar com os torcedores e a escrita. As falas, discursos e dissonâncias produzidos indicam ainda que essa disputa está em curso. As diferenciações perpassam novos *habitus* torcedores e consumidores. Creio que uma pesquisa investida em torno das falas, nomeações e classificações estabelecidas por comentaristas e especialistas – encontrados nos meios de comunicações, e muitas vezes entendidos como autoridades – é um caminho que pode fornecer novas pistas e luzes acerca dos dispositivos de potencialização da agência dessas equipes. Ao criticar ou comentar uma

performance de uma torcida, adota-se uma postura de tentar universalizar um “princípio moral do torcer”.

Ou seja, trata-se de uma operação na qual o pluralismo de gramáticas morais compreendido pelos atores em geral é reduzido a uma unidade lógica por uma reificação de uma das gramáticas como absoluta, indiscutível, ideal. E é justamente essa a operação mobilizada na acusação, o que mostra que ela é, na verdade, um caso particular, uma forma radicalizada, da crítica. Nesse caso, trata-se de construir um tom acusatorial para a admoestação: ali, pressupõe-se que tanto o criticado (acusado) quanto aqueles no entorno reconhecem como legítimo e indiscutível o princípio moral considerado pelo crítico (acusador) como desrespeitado. É por conta disso, por sua pretensão à indiscutibilidade, que ela será operacionalizada(ora/a) da/pela culpa, ou seja, a demanda pelo estabelecimento de um nexos entre a ação e sua necessária punição (e não apenas sua explicação, como na responsabilidade) (WERNECK, 2013, p.718).

Essa condição de universalidade é também levada em conta no jogo do qual me esforcei aqui em tentar compreender e de fazer compreensível. A aproximação com certas formas de torcer pode garantir a alguns jogadores posições específicas, como atribuído na matéria do Globo Esporte. Alguns torcedores se aproximam de valores que os posicionam como “verdadeiro” e outros se afastam de determinados valores, o que os posicionam como “falsos”. Lembrando aqui a discussão de Foucault (2013b), não um combate pelo “verdadeiro” modo de torcer, mas “em torno” desse modo, e do papel político-econômico que esse “verdadeiro” modo pode desempenhar no jogo.

Assim, um último ponto o qual gostaria de citar é a ação de outro jogador neste cenário. Os meios de comunicação se apresentam como agentes também de uma moral torcedora. A construção social de um torcedor – dentro desse mercado simbólico – passa pela forma como a mídia (e, por consequência, seus leitores e espectadores) traduzem a condição do torcer. Ao nomeá-los, os meios de comunicações estão também jogando, numa tentativa de “convocar” um *habitus* torcedor pela palavra. Aqui cito, portanto, essa ação não como conclusão, mas como porta de entrada para mais questionamentos. Creio ser este o ponto a ser discutido em um novo trabalho, com novo fôlego e novas perspectivas.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Mundos da arte**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 16 mai. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.671.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2014.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- CURI, Martin. **Espaços da emoção**: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. 2012. 317f. (Tese em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Niterói, 2012.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In \_\_\_\_\_. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.
- DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed, Anpocs, 2007.

\_\_\_\_\_. **Para o que der e vier:** o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. 1998. 247f. (Dissertação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 1998.

\_\_\_\_\_. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Orgs.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p. 22-55.

DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben G. **Fútbol y cultura**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis:** o baile, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Ed.UFC ; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os alemães:** a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIAS, Airton de. **Ceará:** uma história de paixão e glória. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Sujeito e poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a. p. 273-295.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2013b.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

\_\_\_\_\_. **Obras e vidas:** o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem:** estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012b.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GRABIA, Gustavo. **La doce**: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária, 2008.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de [et al]. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira margem, 2004.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n.49, p.115-134, jun. 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Malinowski**: antropologia. São Paulo: Ática, 1986.

MENEZES, Isabella Trindade. **Entre a fúria e loucura**: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. 2010. 218f. (Dissertação em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2010.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas organizadas: Brutalidade uniformizada no Brasil. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Faces do fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 262-281.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Experiência e sentido nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento: A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização – mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. 2012. 142f. (Dissertação em História) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História, Niterói, 2012.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SCHAFER, F. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablumme, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. São Paulo: USP, 2000. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2000.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores “mistos” no Nordeste**. 2011. 90f. (Dissertação em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2011.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da UNB, 2012.

WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral como sociologia da agência. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 36, p. 707-724, Dez. 2013.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In:

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: DURHAM, Eunice Ribeiro; CARDOSO, Ruth C. L. **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZUCAL, José Garriga. Pibitos chorros, fumancheros y com aguante: El delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad em uma hinchada de fútbol. In:

ALABARCES, Pablo (org.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, percepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## ANEXOS

### Lista de músicas do Setor Alvinegro

#### 1 - SANGUE ALVINEGRO

Vamos, vamos pra cima ALVINEGRO  
Nós vamos te APOIAR até o final

Dá - lhe, dá - lhe, dá - lhe meu VOVÔ  
Dá - lhe, dá - lhe, dá - lhe meu VOVÔ  
Dá - lhe, dá - lhe, dá - lhe meu VOVÔ  
Dá - lhe, meu VOVÔ [2X]

Vamos, vamos pra cima ALVINEGRO  
vamos, não parem de LUTAR  
Aqui o sangue ferve e é ALVINEGRO  
Nós vamos te APOIAR até o final

Dá - lhe, dá - lhe, dá - lhe meu VOVÔ  
Dá - lhe, dá - lhe, dá - lhe meu VOVÔ  
Dá - lhe, dá - lhe, dá - lhe meu VOVÔ  
Dá - lhe, meu VOVÔ [2X]

#### 2 - MAL ACOSTUMADO ( Araketu )

Mal Acostumado  
Você me deixou  
Mal Acostumado  
Com você VovÔ

Vai na RAÇA  
Tua Torcida está contigo  
Sem você não posso ser FELIZ..

#### 3 - DÁ - LHE, DÁ – LHE MEU VOVÔ

DÁ - LHE, DÁ -LHE, DÁ - LHE, DÁ - LHE VÔ  
DÁ - LHE, DÁ -LHE, DÁ - LHE, DÁ - LHE VÔ  
DÁ – LHE... DÁ - LHE meu VOVÔ...

#### 4 - DE CORPO, ALMA E CORAÇÃO ( Coldplay )

OOOOOOOOWWWW [4X]

NA VITÓRIA ESTAREI CONTIGO  
NA DERROTA ESTAREI CONTIGO

HOJE EU QUERO TE VER VENCER  
TU ÉS O GLORIOSO  
NÃO PODE PERDER

E EU VOU CANTAR, DE CORPO, ALMA E CORAÇÃO

#### **5 - VOZÃO EH OH ! ( Me Chama que eu vou - Sidney Magal )**

O ESTÁDIO ESTREMECE  
E JÁ NÃO CONSEGUE PARAR  
A TORCIDA AGITA  
BANDEIRAS DO MEU CEARÁ

O RITMO É FORTE  
BATE QUE BATE COM EMOÇÃO  
CARREGO NO PEITO O SENTIDO DESSA PAIXÃO

A TORCIDA QUE PULA  
E QUE NÃO ARREDA DAQUI  
QUE CANTA E INCENTIVA  
DE UM JEITO QUE É BOM REPETIR

SÃO 5 ESTRELAS QUE TRAGO NO MEU CORAÇÃO  
A FORÇA, A RAÇA, A FÉ, O AMOR E A PAIXÃO!

HEI ! VOZÃO EH OH!  
VOZÃO EH OH!  
VOZÃO EH OH!  
VOZÃO EH OH!  
PRA CIMA VOVÔ !!

#### **6 - PAIXÃO ALVINEGRA (Anúnciação – ALCEU VALENÇA)**

Eu vou cantar essa paixão que vem de dentro  
O sentimento preto e branco, é CEARÁ  
Camisa alvinegra e a bandeira ao vento  
Óh meu vozão eu vim aqui pra te APOIAR. [2X]

olê olê, óh meu VOZÃO amo Você [2x]

#### **7 - JAMAIS, JAMAIS !!**

Com o meu vozão  
eu vou a todo lado

sempre descontrolado  
eu te quero ver CAMPEÃO  
jamais, jamais  
verás em mim fraqueza  
na alegria ou na tristeza  
estarei com o meu VOZÃO.

#### **8 - CEARÁ UNIDO (He- Man)**

Eu tenho a FORÇA  
Sou ALVINEGRO  
CEARÁ UNIDO,  
É o preto e o branco,  
Em um só IDEAL ...

Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá ... VOZÃO!

#### **9 - SOU CEARÁ QUANDO O TIME VAI BEM, SOU CEARÁ QUANDO O TIME VAI MAL.**

Ô DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, ALVINEGRO,  
Ô DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, CEARÁ  
A TANTOS ANOS JUNTOS NA VITÓRIA OU NA DERROTA,  
MAS A CERTEZA É QUE EU NUNCA VOU TE ABANDONAR....

SOU CEARÁ, QNDO O TIME VAI BEM,  
SOU CEARÁ, QNDO O TIME VAI MAL,  
UM GOL SOFRIDO, NÃO VAI ME ABATER,  
NÃO VOU PARAR DE CANTAR...

Ô DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, ALVINEGRO,  
Ô DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, DA-LÊ, CEARÁ,  
A TANTOS ANOS JUNTOS NA VITÓRIA OU NA DERROTA,  
MAS A CERTEZA É QUE EU NUNCA VOU TE ABANDONAR....

SOU CEARÁ, QNDO O TIME VAI BEM,  
SOU CEARÁ, QNDO O TIME VAI MAL,  
UM GOL SOFRIDO, NÃO VAI ME ABATER,  
NÃO VOU PARAR DE CANTAR...

#### **10 - OH CEARÁ minha PAIXÃO ( Asa Branca – Luiz Gonzaga )**

Visto a camisa ALVINEGRA  
E VOU COM MEU vozão

VENCER eu posso, gritar por nosso  
OH CEARÁ, minha paixão [2x]

### **11 - Meu Coração Acelera ( Barra do Fluminense )**

Meu coração acelera  
Vendo o VOZÃO JOGAR  
Meu CEARÁ Escuta teu povo  
Que veio te apoiar

ALVINEGRO em toda terra  
Amor igual não se viu  
Canta feliz a torcida do clube  
Mais amado do Brasil

### **12 - CANTAR & VIBRAR, TE APOIAR!**

Torcer! pelo meu Alvinegro me faz feliz!  
CANTAR & VIBRAR, TE APOIAR! "tua glória é lutar" o teu Hino já diz!  
Eu seiiiiiii que a vida devia ser  
bem pior sem o Cearáááá  
Mas isso não impede que eu repita:

Sou alvinegro, o Ceará é minha vida!

### **13 - CEARÁ É MINHA VIDA**

Sou ALVINEGRO  
CEARÁ é minha vida  
Joga com RAÇA  
Ganha a partida

Sou ALVINEGRO  
CEARÁ com orgulho  
Vou pro estádio  
Fazer barulho  
Dá-lhe Ô, Da-lhe ô  
Dá-lhe Ô, Da-lhe ô [2x]

### **14 - BEBO TODAS QUE VIER**

E Bebo todas que vier  
Para APOIAR meu Vovô  
Meu único amor...  
E Dá-lhe meu vovô  
E Dá-lhe meu vovô  
E Dá-lhe meu vovô

Sou ALVINEGRO sim senhor!

## **15 - CEARÁ EU TE AMO !**

Somos ALVINEGROS  
Sempre estarei contigo  
Vamos te apoiar cantando  
Vai pra cima deles meu VOVÔ

CEARÁ EU TE AMO...  
CEARÁ EU TE AMO...MEU AMOR

Vou torcer por ti até morrer...

## **16 - CEARÁ EU ESTOU CONTIGO**

Ceará estou contigo e não te deixo nunca  
Que vamos ser campeões eu não tenho dúvida  
Jogando com muita raça  
Eu sei que vamos ganhar  
E todos os ALVINEGROS vão festejar

E Dá-lhe Vô, E Dá-lhe Vô  
E Dá-lhe Vô, E Dá-lhe Vô

## **17 - MUITO MAIS QUE UM VICIO**

Oh oh oh oh oh oh oh oh  
Oh oh oh oh oh oh oh oh

Muito mais que um vicio  
Muito mais que AMOR  
É por você que eu vivo  
Meu glorioso VOVÔ

## **18 - EU CANTO, BEBO E VIBRO**

Eu canto, bebo e vibro  
Pelo o nosso AMOR  
Eu canto, bebo e vibro  
E quanto mais eu vivo  
Pelo o nosso AMOR

E Dá-lhe, Dá-lhe Vô  
E Dá-lhe, Dá-lhe Vô

## **19 - O MAIS QUERIDO!**

Meu coração é do VOZÃO

O ALVINEGRO mais querido do Brasil.

Vamos, vamos meu vozaio  
Vamos nao pare de lutar  
Vou aonde você for  
Só pra ver você jogar

## **20 - VIVA, CEARÁ É MINHA VIDA!**

Viva, viva, VIVA, CEARÁ É MINHA VIDA!

Viva, viva, VIVA, CEARÁ É MINHA VIDA!

## **21 - TODOS OS MOMENTOS QUE VIVI**

Todos os momentos que vivi  
Todos estádios por onde te segui

Quantos campeonatos festejamos  
Vitórias conquistamos desde que te conheci

São muitas alegrias  
Como eu te amo meu vozaio  
eu te levo na alma  
e dentro coração

## **22 - Avante ALVINEGRO ( Paródia de Roberto Carlos )**

Um povo inteiro a te incentivar  
Avante ALVINEGRO não podes parar  
O branco e o preto na veia a pulsar  
De nossos guerreiros  
TE AMO CEARÁ!

E Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe  
E Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe  
VOVô...  
E Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe  
E Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, Dá-lhe  
EU TE AMO VOVô

## **23 - VOZÃO A GO GO ( Roupã Nova – Whisky A Go Go )**

Fazendo a festa aqui na arquibancada  
Daqui APOIO sempre meu vovô  
Desde pequeno sou ALVINEGRO  
Aqui cantamos para o meu vovô  
Senti na pele aquela energia

Seja PV ou no CASTELÃO  
Aqui não para em nenhum segundo  
É pelo amor, é pelo meu VOZÃO  
Mas que torcida é essa ?  
Que empurra o VOZÃO a vencer  
E No meio da alegria  
Não teve aquele que não bebeu

E Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, meu VOVÔ  
E Dá-lhe, Dá-lhe Dá-lhe, meu VOVÔ

Tú vais VENCER, e se embriagar não faz mal.

#### **24 - NÃO TE ESQUEÇAS (Musica DIANA)**

Lá, laia, lá, La ia lá  
Lá, laia, lá, La ia lá

Não te esqueças meu VOVÔ  
Que quem mais te ama sou eu  
Sempre foi o teu AMOR  
Que minha alma aqueceu  
E no estádio te APOIAR  
Viveremos a cantar

Ahhhhh caaaaaaantar.... VOVÔ

TE AMO..

#### **25 - VOU FESTEJAR ( Samba )**

Vem FESTEJAR  
Na palma da mão  
Nação alvinegra  
A voz do povo  
Não dá pra conter  
Tamanha emoção  
Ser ALVINEGRO, é amor é paixão!

#### **26 - É POR TI ( Samba )**

É por ti que essa massa canta  
É por ti que a gente vai a guerra  
Ser ALVINEGRO, não tem igualdade  
VOZÃO é só FELICIDADE.

#### **27 - ALVINEGRO**

ALVINEGRO sempre eu vou ser

Estou contigo até eu morrer  
Ceará sempre vou está  
Eu te prometo  
Nunca abandonar

E Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe ALVINEGRO  
Dá-lhe, dá-lhe eh oh  
Vamos com raça pelo o meu VOVô

## **28 - CEARÁ ETERNO AMOR ( Esporte espetacular )**

Ceará eterno AMOR  
Oh meu alvinegro querido VOVÔ  
Sempre te amarei  
Nunca te abandonarei

Cantarei de coração  
Minha felicidade é te ver campeão  
Sempre te amarei  
Nunca te abandonarei

PÁ, PÁ, PA, PA, PA, PA, PA....  
PÁ, PÁ, PA, PA, PA, PA, PA....

## **29 - EU SOU CEARÁ !**

CEARÁ,  
Estaremos contigo  
Tu és minha PAIXÃO,  
Não importa o que digam  
Sempre levarei comigo  
Minha camisa ALVINEGRA  
E a cachaça na mão  
O estádio me espera  
Vai começar a festa

EU SOU CEARÁ... [3x]  
Vozão me deixa doidão

EU SOU CEARÁ... [3x]  
Vozão do meu coração

## **30 - CEARÁ, meu amor sem fim!**

OH CEARÁ meu amor sem fim  
Tu és meu orgulho  
És tudo para mim

Sou ALVINEGRO  
Ceará de coração  
E eu sempre vou cantar  
TE AMO meu vozão...

### **31 - O CEARÁ É MINHA PAIXÃO**

"Eu, eu vou gritar pro mundo inteiro:  
O meu amor pelo Alvinegro é mais forte que a razão!!  
Somos a torcida que extremesse, maior do norte-nordeste,  
o Ceará é minha paixão!!"

### **32 - NOSSO AMOR**

Nosso AMOR não é de brincadeira  
É AMOR de fé, é amor de paz  
É de primeira

### **33 - NINGUÉM CALA ESSE NOSSO AMOR**

Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh,

E ninguém cala esse nosso AMOR  
E é por isso que eu canto assim  
Louco por ti vovô

### **34 - HORTO MÁGICO**

Vamos VOZÃO  
Vamos ganhar  
Eu sou do clube tantas vezes campeão  
Eu vou torcer, pode esperar  
E por vc a vida inteira eu vou cantar

### **35 - NÃO PARO DE CANTAR ( Rádio Pirata – RPM )**

Oh, ooooooooooh, oh, ooooooooooooooooooh  
Oh, ooooooooooh, oh, ooooooooooooooooooh

Vamos pra cima VOZÃO  
Quero gritar CAMPEÃO  
Vamos lutar por mais essa taça  
Vamos ALVINEGRO, com garra e com raça

Não paro de cantar...

Oh, ooooooooooh, oh, ooooooooooooooooooh

Oh, ooooooooooh, oh, ooooooooooooooooooh

## **APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO AOS TORCEDORES NO SETOR ALVINEGRO**

### **Parte 1 – Sobre a relação com o torcer**

O que o futebol significa para você?

Como você começou a se relacionar com o futebol?

Como se deu a escolha do seu time?

Na sua visão, o que significa ser torcedor?

Em que momento você passou a se considerar torcedor?

Para você, como funciona essa relação entre o torcedor e o time durante uma partida de futebol?

Na sua visão, o que é uma torcida organizada?

Como você identifica um torcedor que não é e um torcedor que é de uma torcida organizada?

Como foi seu primeiro contato com o Setor Alvinegro?

O que você entende como sendo a “ideologia” do Setor?

O Setor Alvinegro funciona como uma torcida organizada?

Mais de uma vez ouvi membros do Setor dizendo que os torcedores estão de “saco cheio” das organizadas. O que você acha que isso quer dizer?

Que características você acha que tem e que te fazem sentir parte do Setor?

### **Parte 2 – Sobre a relação com o estádio**

Na sua visão, o que significa o estádio para o torcedor?

Como você acha que o torcedor pode interferir no resultado do time em campo?

Quais diferenças você percebe no Ceará quando ele joga com a maioria da torcida a seu favor?

Como funciona a relação entre o Setor Alvinegro e o Castelão?

E como funciona a relação do Setor Alvinegro com o Presidente Vargas?

Geralmente, as torcidas ficam sempre nos mesmos lugares nas arquibancadas. O que você acha que isso quer dizer?

O que você acha que o Setor leva em consideração para definir o local que vai ficar nas arquibancadas?

As faixas, bandeirolas e outros adereços que vocês levam para os estádios querem mostrar o quê?

Como definem o que vão levar para os estádios?

Essas Arenas, como o Castelão, você acha que beneficiaram ou foram pior para os torcedores?

Essas câmeras nos estádios, sejam de vigilância ou de transmissão, você acha que mudam o comportamento do torcedor?

Como você descreveria o “Esquenta” do Setor?

Que relação tem, para você, bebida alcoólica e futebol?

### **Parte 3 – Sobre a relação com as músicas**

Na sua visão, o que significa cantar no estádio?

Você acha que as torcidas cantam para quem?

De que forma você acha que as músicas cantadas nas arquibancadas podem interferir numa partida de futebol?

Como é o processo de criação das músicas do Setor Alvinegro?

Qual a principal mensagem que você acha que as músicas do Setor passam?

O que você pensa sobre as músicas das outras torcidas organizadas do Ceará?

Por que nem todo mundo canta as mesmas músicas que vocês?

Por que muitos de vocês cantam as músicas de outras organizadas?

Por que você acha que tem tanta música com “gay”, “viado”, “cu”?

### **Parte 4 – Sobre a relação com outras torcidas**

Na sua concepção, uma torcida organizada tem que ter uma estrutura hierárquica?

Como o Setor se estrutura?

Como funciona a divisão de tarefas a serem desempenhadas?

Em alguns momentos, ouvi membros do Setor dizer que o Setor era como uma família. O que você acha que eles queriam dizer com isso?

No seu entendimento, o que faz um membro do Setor “queimar o filme” de vocês?

Você acha que há interação entre as torcidas organizadas?

Como é a relação de vocês com outras organizadas?

O que faria você ir a uma organizada ou grupo de torcedores?

O que faria você cantar junto com outra torcida?

Você já participou ou participaria de outra torcida? Qual?

O que você entende por alianças entre torcidas?

O Setor tem aliança com alguma torcida?